

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA  
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

**SANTA MISSA EM SEU LAR – MISSA DE TV:  
Iniciativa Pioneira de Fé Católica em Goiás.**

**DJALMA BARRETO NEVES**

GOIÂNIA  
2001

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA  
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

**SANTA MISSA EM SEU LAR – MISSA DE TV:  
Iniciativa Pioneira de Fé Católica em Goiás.**

**Djalma Barreto Neves**

Orientador: Dr. Sérgio de Araújo

Dissertação apresentada ao  
Curso de Mestrado em Ciências da  
Religião como requisito para  
obtenção do Grau de Mestre.

GOIÂNIA  
2001

**SANTA MISSA EM SEU LAR – MISSA DE TV:**  
**Iniciativa Pioneira de Fé Católica em Goiás.**

**Djalma Barreto Neves**

Dissertação defendida e aprovada, com nota \_\_\_\_\_(\_\_\_\_\_), em  
\_\_\_\_de\_\_\_\_de 2001, pela banca examinadora composta pelos seguintes  
professores:

Banca Examinadora

\_\_\_\_\_ Dr Sérgio de Araújo (presidente)

\_\_\_\_\_ Dr<sup>a</sup> Zilda Fernandes (membro)

\_\_\_\_\_ Dr<sup>a</sup> Suely A. Araujo Montesanto (membro)

\_\_\_\_\_ Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Laura Chaer (Suplente)

## **DEDICATÓRIA**

Ao jornalista, por excelência de Goiás, de feliz memória: Jaime Câmara, a quem 'Santa Missa Em Seu Lar' tudo deve.

A Jaime Câmara Júnior, atual diretor presidente da Organização Jaime Câmara, reconhecimento perene!

## AGRADECIMENTOS

À Geracina Magalhães dos Santos – Magda Santos, a memória perene e graciosa. Ela sustentou e defendeu, com garra e determinação, ‘Santa Missa em Seu Lar’ nos bastidores do cotidiano. A última tarefa, que fez em vida, foi o “script” de ‘Santa Missa em Seu Lar’. Era uma sexta-feira à tarde...

Ao Rodolpho Valentino, pela identificação imediata com o espírito de ‘Santa Missa em Seu Lar’, o reconhecimento pelos préstimos.

Ao Odair de Meneses – locutor nato, que plenifica o seu dom e a sua dedicação gratuita à Santa Missa, como causa de advogado, que é, a ser defendida com galhardia: Apreço e consideração!

Ao Welton José – o barítono possante, que por muitos anos pontilhou, com suas vibrações solenes e convictas, a Liturgia Sagrada, proclamando a palavra que não morre!

À Elza de Freitas – representando de todos os corais, no canto de fé do coral de Santa Cecília da Paróquia do Divino Pai Eterno em Trindade, reverência e gratidão.

A Antônio Porfírio – Tarzan, o deão dos Câmeras-man, em quem se reverencia todos eles, pela primazia de ter feito a primeira missa *de* TV e, até hoje, atuando nela, com profissionalismo e presença amiga.

A Lauro de Araújo – primeiro diretor *de* TV, que projetou, com eloquência, as primeiras imagens de Santa Missa... nos céus de Goiás... Nele se cumprimenta todo o pessoal da técnica.

Ao Thenísio Silva – mestre de estúdio, cenógrafo de qualidade, que tem enriquecido Santa Missa com cenários luminosos, ambientando o mistério em diafania de paz: saudações!

À Senhora que na carta se expressou: “Comecei participando de Santa Missa... quando grávida de meu primeiro filho. Hoje, meu filho continua participando de Santa Missa com sua filhinha ao colo”. Nela são acolhidas todas as pessoas às quais Santa Missa deve toda sua razão de ser e de permanecer no ar.

Ao José da Rocha-Psicólogo, Prof. convidado e mestrando em Psicologia pela Universidade Católica de Goiás, que muito participou da confecção deste trabalho, referências efusivas.

Ao Fabio Aparecido dos Santos, acadêmico de Design de Universidade Católica de Goiás, artífice habilidoso de futuro brilhante, gratidão pela sua dedicação festiva!

Ao Queridos: Terezinha Jacinta da Rocha, acadêmica em Ciências da Computação da Universidade Católica de Goiás; Fabiane da Rocha Santos, futura engenheira civil pela

Universidade Católica de Goiás; Hélio José da Rocha, em breve, geógrafo pela Universidade Católica de Goiás; Ilton Teles da Rocha, promissor agente federal: veneração e carinho pelo que vocês são e contribuíram para com esta monografia. A felicidade os distinga em competência e probidade!

## **HOMENAGEM:**

À minha mãe Anatólia Barreto Neves, pela doçura de vida, pela fé prestimosa, pela alegria serena. Ela é a pertença em pessoa!

A Dom Fernando Gomes dos Santos: 1º arcebispo de Goiânia, pela tolerância que teve em ver para crer até onde chegaria 'Santa Missa em Seu Lar': numa atitude de verdadeira sabedoria pastoral.

A Dom Antônio Ribeiro de Oliveira: 2º arcebispo de Goiânia pelo reconhecimento a este empreendimento de fé católica, dando-lhe oportunidade de crescimento.

A Monsenhor Primo Vieira: escritor e poeta, amigo de Jaime Câmara que abriu passagem para 'Santa Missa em Seu Lar' existir.

Ao Pe. José Leopoldino: um dos celebrantes da primeira hora, de linguagem fácil e, ousadamente renovadora, com toques de irreverência...

Ao Pe. Héber Salvador de Lima: Jesuíta – escritor e poeta, primeiro celebrante de 'Santa Missa em seu Lar.

Ao Victor Gabriel de Meneses, estrela de luz que veio clarear os meus dias, com sua inocência festiva, seja gigante em sabedoria e graça! À sua inocência e futuro saúda este trabalho de mestrado em Ciências da Religião!

### **MENÇÃO ESPECIAL**

Ao professor Sérgio de Araújo, orientador deste trabalho, pela competência, maturidade e serenidade profissionais e humanitária, reconhecimento de direito!

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Suely <sup>a</sup> de Araujo Montesanto pela disponibilidade, em aceitar compor a banca examinadora desta apresentação monográfica, gratidão sincera!

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Zilda Fernandes ribeiro, pela sintonia harmoniosa de caráter alegre e de solidez científica, saudações cordiais!



*“O grande desafio com que nos defrontamos, ao celebrarmos a Missa pela TV, é garantir a comunicação do conteúdo transcendente do mistério pascal através da forma que a TV parece privilegiar quase exclusivamente”...*

*(Dom Paulo Ponte, apud M de TV, p. 14)*

## SUMÁRIO

<b>LISTAS.....</b>	<b>iii</b>
<b>RESUMO.....</b>	<b>ix</b>
<b>ABSTRACT.....</b>	<b>x</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>

### CAPÍTULO –I

<b>FUNDAMENTOS TEÓRICOS DO SACRIFÍCIO.....</b>	<b>30</b>
<b>1-Sacrifício em Mauss.....</b>	<b>30</b>
1.1.Sacrifício <i>ao</i> deus.....	30
1.2.Sacrifício <i>do</i> deus.....	39
<b>2-Sacrifício conforme durkheim.....</b>	<b>43</b>
2.1.Aspecto Social da Religião.....	47
2.2.O Rito Mantém a Vitalidade das Crenças.....	57
<b>3-Liturgia-Cenário Sacrificial da Missa.....</b>	<b>66</b>
3.1.Considerações Gerais.....	66
3.2.Termo Liturgia.....	67
3.3.Liturgia como Experiência Espiritual.....	69
3.4.Liturgia e Vida.....	71
<b>4-A Missa é a Presença de Cristo no Sacrifício.....</b>	<b>74</b>
<b>5-A Missa como Sacrifício de Cristo.....</b>	<b>81</b>

### CAPITULO-II

<b>PERTENÇA EM HERVÉ CARRIER- ÉMILE PIN.....</b>	<b>90</b>
1-Pertença Religiosa, cetro da Problemática Psico-Social.....	90

1.1.A Pertença se Desdobra.....	93
1.2.A Participação à Distância Revela Pertença.....	97
1.3.Análise Sistemática da Pertença.....	101
1.4.Atenção Toda Especial aos Grupamentos Restritos.....	107
2-A pertença se Expressa Historicamente na Missa.....	109
2.1.A Última Ceia de Jesus.....	113
2.2.As Primeiras Missas dos Primeiros Cristãos.....	114
3.3.A Eucaristia: Escola de Amor e de Partilha.....	123
3.4.Missa: Páscoa Cristã-Mistério da Igreja.....	126

### **CAPITULO-III**

#### **A EVANGELIZAÇÃO E A PERTENÇA.....134**

1-Os Métodos de Evangelização.....	134
1.1.Erro nos Métodos Prejudica a Pertença.....	134
1.2.Método de Imposição.....	138
1.3.Crítica Teológica dos Métodos de Evangelização.....	140
2-Missa <i>de</i> TV: Nova Busca de Pertença.....	144
2.1.Prioridade dos M.C. Social para a Missão.....	146
2.2.A Hora da Televisão.....	148
2.3.Teologia dos Meios de comunicação social.....	157
3-A Missa de TV em Goiás Provoca Pertença.....	159
3.1.‘Santa Missa em Seu Lar’ - Iniciativa Pioneira de J. Câmara.....	159
3.2.A Importância Pública de ‘Santa Missa em Seu Lar’ .....	169

### **CAPITULO-IV**

#### **4-RESULTADO DA PESQUISA DE CAMPO.....172**

4.1.Perfil do fiel.....	172
4.2.Quantificação dos Dados Qualitativos.....	175

#### **CONCLUSÃO.....178**

#### **ANEXO DA ANÁLISE QUALITATIVA DOS DADOS.....183**

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.....198**

## ABSTRACT

NEVES, Djalma Barreto. 'Saint in the home' – TV Mass: a reference of belonging to the Catholic church of Goiás, Goiânia, 2001.

The object of this study is the TV Mass: 'Mass in the home', transmitted by Anhanguera Television Channel of Jaime Câmara Organization. This Mass is intended, mainly, to the people that are not able to go to church in their communities, turning them into an electronic community of Faith. For those people, the TV Mass carry out the same function of a sacramental Mass celebrated in their local church. When people participate of the local Mass or the TV Mass, they realize the feeling of pertain, they feel identified with the Catholic Church and, socially, recognized as catholics. In this manifestation of pertain they confirm, simultaneously, the value of the religious principles received that they were capable to understand and conserve the esteem of what is essential to church: The Mass. However, a study about Mass can only be done if we take the pure point of view of the phenomenology. This was the method adopted in this paper. This, the conclusion of this study is that, the participation in the Mass, electronically or in their local churches, give people the feeling of Catholic pertain in various degrees, and they are recognized by that. This corroborate, strongly, to the plentiful correspondence of an expressive and compromised evidences with the Catholic Faith life.

## RESUMO

NEVES, Djalma Barreto. **‘Santa Missa em seu Lar’ – Missa de Tv: Um Referencial de Pertença Católica em Goiás.** Goiânia, 2001.

O objeto deste estudo é a Missa de TV: ‘Santa Missa em seu Lar’, transmitida pela Televisão Anhanguera, Canal-2 da Organização Jaime Câmara. Essa Missa destina-se, principalmente, às pessoas impossibilitadas de ir à igreja de sua localidade, constituindo-se, por isso, comunidade eletrônica de fé. Para essas pessoas essa Missa *de TV*. cumpre a mesma função sacramental da missa celebrada na igreja local. Ao participar tanto de uma como de outra, percebem vivo o sentido de pertença, sentem-se identificadas com a Igreja Católica e, socialmente, reconhecidas como católicas. Nessa manifestação de pertença confirmam, simultaneamente, o valor da catequese recebida que lhes fora capaz de inculcar e conservar nelas o apreço pelo que é essencial à Igreja: A Missa: O estudo sobre a missa só pode ser feito de um ponto de vista puramente fenomenológico. Esse é o método adotado nesta monografia. Por meio dele, chega-se à conclusão de que, é realmente, a participação na missa, quer presencial, quer eletrônica, que confere o sentido de pertença católica, em vários graus, e é reconhecida como tal. Corrobora fortemente essa relação a farta correspondência preñe de testemunhos expressivos e comprometidos com a vida de fé católica.

## INTRODUÇÃO

### 1. os Primeiros Passos do trabalho Científico

Esta monografia segue os passos do trabalho científico em sua exigência essencial. Descreverá, antes de tudo: o objeto de estudo, o objetivo geral, os objetivos específicos, a justificativa da escolha do tema, a hipótese, a metodologia adotada, a pesquisa dos dados e sua análise quantitativa e qualitativa, compreendendo aí, os resultados. Além disso, no lugar apropriado, será desdobrado o corpo do trabalho em capítulos com suas subdivisões para oferecer previa e sucintamente ao leitor uma visão conjunta do que se pretende apresentar. É um panorama de idéias que se completa ao horizonte da conclusão e das referências bibliográficas, acrescido de anexos ilustrativos.

‘Santa Missa em Seu Lar’, há 27 anos no ar, é missa *de* TV. (Esse termo será esclarecido abaixo). É realidade que desperta atenção. É objeto

de estudo do presente trabalho em Ciências da Religião. Diante dessa realização histórica, pioneira em Goiás, pergunta-se: O que a sustenta viva por tanto tempo? A que interesse público corresponde? Que atitude de fé está suscitando, mantendo, desenvolvendo? Em outras palavras: Que significado tem ‘Santa Missa em seu Lar’ para o povo católico de Goiás? Com base nessas indagações, escolhe-se o tema em foco, com o propósito de se obter respostas adequadas, nascidas na reciprocidade de comunicação da Palavra, via Televisão Anhanguera-canal-2: Organização Jaime Câmara.

Essa Missa é chamada *de TV* para significar uma celebração que utiliza todos os recursos técnicos do meio de comunicação. Ela tem uma linguagem própria. E prioriza a comunidade que está participando à distância. É diferente da celebração *na TV*. Por que, nessa modalidade litúrgica, não se quer “ligar” diretamente ao participante à distância e nem se usa de recursos técnicos (C.N.B.B., 70). Essa distinção de termos tem conseqüências práticas.

Historicamente, a Missa *de TV*, ‘Santa Missa em seu Lar’ nasce dentro dessa perspectiva e exigência de ser técnica e de ter uma linguagem própria do meio televisivo. A orientação para isso vem do 2.º Encontro Nacional e 1.º Latino –Americano de Liturgia de Rádio e de TV, realizado em Apucarana, PR, coordenado por D. Romeu Alberti, de 1.º a 7 de julho de 1974, onde se define essa diferença.



É desse encontro de Igreja que vêm as idéias, as estratégias, o *script* e o apoio moral, para que a iniciativa de Jaime Câmara pudesse concretizar-se e adquirir feição e identidade próprias. Hoje, tudo isso é realidade acontecendo. E os testemunhos dos fiéis, como adiante serão expostos, o confirmarão expressivamente. Fortalece essa realidade viva a longevidade ininterrupta, ao longo de 27 anos pioneiros. Ela confere à ‘Santa Missa em seu Lar’ crédito de idoneidade na vida da Igreja que está no Centro-Oeste.

Tem a convicção, com retorno transparente, de que a fragilidade confiante do empreendimento inicial e despretensioso, conseguiu fazer história atuante pelos caminhos da Fé...

A emissão típica da mensagem que essa palavra está gerando em quem a recebe, durante tanto tempo, deve suscitar e explicar em detalhes precisos, o sentimento de pertença à Igreja Católica que está em Goiás.

E ao mesmo tempo, confirmá-la como fruto da catequese que conseguiu levar o católico a ter grande respeito pela Missa, como centro de todo o mistério cristão. Esse é o objetivo geral, aqui proposto, e que deve ser pesquisado.

Detalhando melhor o objetivo acima, pretende-se conferir a possível contribuição de ‘Santa Missa em seu Lar’ relativa ao despertar e ao fortalecimento do sentido de pertença à Igreja Católica.

A realidade da Missa *de* TV facilita a recuperação do valor da catequese, uma vez que, ao contrário da missa paroquial, à qual os fiéis devem se dirigir, é a missa que vai ao encontro dos fiéis, aonde eles se encontram. Isso é uma oportunidade que estimula o mínimo de boa vontade que a pessoa possa ter, ao relembrar o seu passado de fé, que o impele a reatualizá-lo sem muito esforço.

## **2. Justificativa em Particular**

Tema de tamanha relevância merece e exige uma séria justificativa: o destinatário da ação litúrgica é a Assembléia, a reunião dos cristãos, na qual Cristo se faz presente (Mt 10,10). As antigas assembleias exigiam presença física. Hoje os meios de comunicação massivos oportunizam novos modos de presença e de participação. E o mais importante seria a comunidade. A comunidade pode expressar-se na assembleia eletrônica. Parece que a celebração cristã como comemoração memorial não exige, necessariamente, assembleia em sentido estrito.

Fundada na prioridade da comunidade sobre a assembleia, segue a justificativa do porque se escolheu esse tema: Por ser e causar um tipo de presença e de participação diferentes, desconhecidas até então, nos meios litúrgicos, causou estranheza, devido à expectativa de muitos quanto à densidade e à validade dessa presença.

Embutido nas argumentações contrárias à assembléia eletrônica estaria o medo da concorrência e do conseqüente esvaziamento das celebrações ao vivo, fisicamente, participadas. A experiência provou o contrário. As missas *de TV* não retiram os fiéis da freqüência em suas comunidades. Complementam e motivam essa freqüência. Suscitam os ausentes a voltarem à sua comunidade e, só substituem a ida à igreja, em circunstâncias especiais, quando impossibilitados de o fazerem.

É à essa Comunidade reunida à distância que se dirige, prioritariamente, ‘Santa Missa em seu Lar’, realizando de maneira nova, o “*praedicate super tecta*” - Pregai de cima dos telhados (Mt 10.27) que é o jeito atual de tornar Cristo, extensivamente, presente à comunidade maior dos fiéis.

Nesse ponto, não se deve perguntar se vale, mas dizer que para todos tem valor, por que todos, a seu modo, participam do mistério da salvação pelo memorial da morte e ressurreição de Cristo, renovado em cada Eucaristia.

È exatamente por isso que ‘Santa Missa em seu Lar’ defende para si o direito de existir *sui generis*, contribuindo com a Igreja na extensão do mistério eucarístico à vida do povo: lá onde ele se encontra. Isso interessa à pertença.

Supõe-se que, de posse desses pressupostos, seja possível verificar, operacionalmente, o que estaria sentindo o católico ao participar da celebração da missa à distância. A Missa *de* TV teria para ele o mesmo valor da missa celebrada em sua igreja? Favoreceria o despertar e o fortalecimento do sentido de pertença e estaria, com isso, referendando o valor da catequese? Para o católico: a participação na missa é que definiria o grau de sua catolicidade? Essas suposições todas poder-se-iam resumir numa só: só é católico de verdade quem participe regularmente da missa, mesmo sendo esta celebrada no Rádio e na Televisão? Para o fiel, a Missa *de* TV teria o mesmo valor que a missa da sua igreja? Essa é a hipótese adotada neste trabalho dissertativo.

Para conferir concretamente todos os elementos, aqui previstos, necessita-se de uma metodologia adequada. É o que, a seguir, será apresentado em seus desdobramentos próprios.

### **3. Metodologia**

#### **3.1. O Método**

O método empregado para o entendimento dos dados é o fenomenológico. Como sistema, e aqui o termo é tomado no sentido de princípios articulados. A fenomenologia se apresenta como o estudo das essências, a essência da intencionalidade ou da consciência, não em seu

sentido psicológico, mas em sua facticidade. O fiel participa da missa *de TV* com sua tradição de assistência à missa, com suas motivações e com sua fé renovada. Essa é a matéria prima do trabalho.

O aqui da participação semanal ao ritual máximo do culto católico, esse mundo religioso vivido pelo fiel, é colocado em suspensão, isto é, o método fenomenológico propõe que as crenças e as proposições sobre a missa *de TV* são colocadas em suspensão, é o epoché que permite ao pesquisador descrever o dado em sua pureza. Esse é o primeiro passo do método fenomenológico: “trata-se, segundo Husserl, de descrever e não de explicar nem de analisar.... Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido e, se quisermos pensar na própria ciência com rigor, convém despertarmos primeiramente esta experiência do mundo do qual ela é a expressão segunda” (Apud Triviños 1990, p. 43).

Através da redução fenomenológica o pesquisador alcança intuitivamente as essências. A essência da função, que a participação à missa *de TV* tem na própria construção da identidade de ser cristão, através de redução *fenomenológica* transcendental, chega-se à pureza intencional. O ator social com suas percepções dos fenômenos é elevado ao papel principal, como fonte de dado.

A intencionalidade do fiel que participa da missa *de TV* é que interessa, o significado que ele dá à sua participação é que irá dizer sobre a importância desta vivência semanal na existência do ator religioso.

### **3.2. A Complementação do Método**

Se o método fenomenológico dará possibilidade ao pesquisador de conhecer as experiências vividas do participante da missa *de TV*, em sua intencionalidade, a hermenêutica<sup>1</sup>, enquanto compreensão permitirá levar a descrição fenomenológica a uma análise interpretativa mais profunda.

Compreender o ato do fiel participante da missa e interpretá-lo é o que se quer. E interpretar, aqui, significa descobrir os motivos, as intenções e demais fatores que levam à ação. Por outro lado, isto só é possível porque o pesquisador tem um contato pessoal, via TV, semanalmente, com este fiel que é o ator social.

Para que a hermenêutica não pecasse pela subjetividade e atingisse um grau de objetividade empírica excelente, procurou-se estruturar as respostas dos atores sociais, segundo algumas categorias codificadas, com base nas cartas que os participantes enviaram. Considerou-se também a

---

<sup>1</sup> Sobre a Hermenêutica enquanto método ver.  
Sierra Bravo, R. Epistemologia, Lógica y Metodología.  
Madrid, Paraninfo, 1984.

frequência com que estas categorias foram apontadas. Assim, o pesquisador atingiu uma evidência empírica.

### **3.3. A Técnica**

Como coletar dados em toda pesquisa é um nó crucial, isto porque, a boa coleta de dados é a fonte primeira da análise. Nesta pesquisa as dificuldades aumentaram, uma vez que, o ator social, no caso, o fiel participante da missa, se encontrava em muitos locais diferentes e em distâncias quase inacessíveis. A possibilidade de entrevistas e aplicação de questionários mostraram-se inviáveis pelo custo elevado que teriam.

Optou-se por apelar aos assistentes que escrevessem à Organização Jaime Câmara, falando da missa *de* TV: ‘Santa Missa em Seu Lar’. Os depoimentos foram chegando aos poucos, escritos pelos próprios fiéis ou por terceiros, quando o fiel não sabe escrever. Ao longo de dois meses, as missivas foram catalogadas em respostas e, aos poucos, foram sendo constituídas as categorias que seriam o objeto da análise.

Uma vez que os dados foram coletados através da boa vontade dos entrevistados, não se pode falar aqui de amostra probabilística e, sim, de não-probabilística. Contudo, como o objetivo da pesquisa era conhecer as motivações e significados que o ator social dá à sua participação na missa, o aumento da margem de erro não prejudica a interpretação dos dados.

Quanto ao número de pessoas amostradas, baseou-se numa limitação máxima de tempo, 2 meses ao todo. Ficou-se à espera dessas respostas justamente para permitir ao pesquisado tempo suficiente para a análise de dados.

Ao todo foram pesquisadas 186 pessoas.

### **3.4. Análise dos Dados.**

Os dados coletados, através das cartas enviadas pelos fiéis, foram num primeiro momento quantificadas para descrever o perfil do fiel, quanto ao sexo, à idade, à classe social, lugar onde mora. Depois foram classificadas em categorias qualitativas.

Esses dados anteriores serviram para esclarecer e dar consistência empírica, à análise qualitativa que será feita ao longo da dissertação.

## **4. Sacrifício em Mauss e Durkeim Face a Pertença em Carrier e Pin**

Para fundamentar a pertença e dar-lhe uma referência que procede como causa sua, buscou-se o sacrifício, motivador e agente dessa mesma pertença.

Com tal procedimento, tem-se o propósito de estabelecer coesão interna entre Sacrifício e Pertença. Um gerando o outro. E o outro



respaldando o um, oferecendo-lhe “quorum” que o aplauda e o referende, numa perfeita correlação sócio-psicológica.

Os elementos para preencher, em detalhes e em testemunhos históricos, foram procurados em Mauss e Durkheim. Mauss apresenta o sacrifício em sua evolução e constituição, indo do sacrifício *ao* deus até o sacrifício *do* deus, propiciando uma ponte para o sacrifício cristão que em tudo é, hoje, uma sublimação do sacrifício *do* deus, cultuado nas tribos hindus e australianas.

Durkheim oferece fundamentos e motivações para o sacrifício em seu aspecto social, externo. Portanto, de *reunir-se*, como princípio essencial para que haja uma comunidade sacrificante que proclame, em assembléia, os efeitos sacrificais, contagiando a todos os presentes de um bem-estar psíquico, única referência real que atesta o valor do sacrifício.

E como esse valor de bem-estar é atraente, para não se esgotar, criou-se a periodicidade do sacrifício, onde tudo começa de novo e tem-se a reiteração que motiva os reencontros sucessivos da comunidade.

Tais encontros propiciam aos participantes, principalmente aos mais assíduos, sentirem-se integrados, identificados mais e mais com o grupo. Esse sentimento de integração ao grupo, nada mais é do que a expressão do sentimento de pertença.

Mais uma vez os elementos durkheimianos casam-se perfeitamente com a realidade da assembléia e da comunidade cristã católica, que se reúne para a celebração do Sacrifício Pascal de Cristo, em todos os seus desdobramentos.

Tais desdobramentos, aqui configurados pelo calendário litúrgico, perenizam a periodicidade das festas e garantem, neste ponto, como no sacrifício antigo, a indeterminação e a ambigüidade dos sentimentos produzidos em cada pessoa. Esses sentimentos são diferentes, embora a fonte deles geradora, seja, obviamente, uma só. É o caso de uma só missa valer para celebrar um aniversário, como para consolar a quem perdeu um ente querido, há pouco....

Respaldam e selam a tessitura articulada do tema Hervé Carrier, Émile Pin dizendo o que é pertença religiosa e suas implicações. Sendo casadas as passagens de maior importância com autores que oferecem contribuição à ampliação de alguma variável ali contida no texto; e testemunhos atinentes ao que se discorre. A pertença se eleva em plenitude e se personaliza em identidade. Ela se mostra como uma conseqüência direta do sacrifício, contido também, na Missa *de* TV. razão de ser para todo o trabalho proposto e realizado.

Na explicitação detalhada de tudo isso, achou-se conveniente descrever, primeiro, a Missa em sua essência, isto é “como ponto

culminante de toda a ação apostólica da Igreja Católica”: (S. Concilium . 10).

## **5. Liturgia- Contexto para Missa: dos Desdobramentos a Conclusão**

Com esse intuito, considerou-se de importância contextual falar da liturgia para oferecer o pano de fundo que destacaria, sobremaneira, a figura da Missa. Em seguida a isso, vem a questão da Presença de Cristo no sacramento que motiva e se expressa pela teologia do “ex opere operato”, onde segundo a fé da Igreja: “uma vez realizado o rito sacramental, colocados os sagrados símbolos, Jesus Cristo age e se torna presente. Não em virtude dos ritos por eles mesmos. Eles não têm poder nenhum em si mesmos, Apenas simbolizam. *Mas em virtude da promessa de Deus mesmo*” (Boff, 1990).

A realidade da presença de Cristo no sacramento, é a substância nuclear que alimenta diretamente a pertença à Igreja Católica.

Complementa o que acima se disse a Missa como sacrifício, para se efetuar o entrelaçamento do sacrifício antigo *do* deus, ao sacrifício eucarístico da Missa, ali como aqui, absorvendo-se num só elemento: *Deus*, o sacrificante, o oferente, o altar e a vítima. Essa verdade densifica a realidade da pertença.

O desdobramento para situar a missa como fonte inspiradora de pertença e pertença relacionada ao social, distribuiu-se da seguinte maneira:

Pertença religiosa, como centro da problemática psico-social.

A pertença se expressa historicamente na missa.

A pertença se nutre do sentido da missa.

A Evangelização e a pertença.

Missa *de* TV: Nova busca de pertença.

Missa *de* TV em Goiás provoca pertença.

Se a pertença à Igreja Católica esteve ameaçada no passado, e hoje como consequência desse passado, ainda não atingiu a meta plena desejada por Cristo de chegar a “toda a criatura”, (Mc 16,15) é que houve erros estruturais nos métodos de Evangelização, principalmente, na América-Latina. E a crítica teológica ressitua o assunto e prepara o que se vai falar da Missa *de* TV com a prioridade de aprimorar o método evangelizador, pelo fato de, num mesmo instante, unindo conteúdo e forma de evangelização, atingir um contingente imenso de pessoas. Daí, os passos:

Prioridade dos Meios de Comunicação Social para o cumprimento da missão da Igreja

A hora da Televisão

A Teologia dos Meios de Comunicação Social

Tendo, evidentemente, tudo a ver com a pertença.

A partir desses últimos componentes, o foco se estreita e torna nítida a iniciativa pioneira de ‘Santa Missa em Seu lar’, maneira própria e autóctone de despertar, desenvolver e manter o sentido de pertença à Igreja que está em Goiás.

A seqüência dos passos, acima relatados, funciona como perguntas, que provocam e exigem respostas adequadas ao tema provocante.

A pesquisa vai em busca dos dados, que são posteriormente analisados, quantitativa e qualitativamente. É exatamente aí, que se apura o ingrediente específico da Pertença.

Na conclusão, a hipótese será checada para se constatar até que ponto os dados confirmam ou não o que se supôs. Em que medida a missa *de TV*: ‘Santa Missa em seu Lar’ contribui para a pertença e, na sua implementação, qual seria a relação que a pertença estabeleceria com a catequese.

Valor esse, que vivido na participação da Missa, cria no católico a convicção de que: ser católico é viver a Missa, mesmo celebrada eletronicamente. Por que sente que a missa *de TV* tem para ele o mesmo valor da missa celebrada na igreja de sua comunidade. Para ele não tem diferença. Ele se sente congregado no Cristo presente na comunidade “em off”, verdadeira assembléia que acolhe, sacramentalmente, o Senhor.

Estaria, assim, reabilitado e referendado o valor da catequese que, nos primórdios da fé, vem semeando grãos que germinam em pertença religiosa católica na missa e missa *de* TV: ‘Santa Missa em seu Lar’, há 27 anos no ar!.

Resultado: A Igreja Católica, em Goiás, agradece...

# CAPÍTULO - I

## FUNDAMENTOS TEÓRICOS DO SACRIFÍCIO

### 1-Sacrifício em Mauss <sup>2</sup>

#### 1.1. Sacrifício *ao* deus

O presente trabalho pretende-se articular internamente em seus aspectos. Para alcançar tal pretensão procura embasar-se no método fenomenológico de Husserl que busca o conhecimento, identificando as estruturas fundamentais dos fenômenos. A identificação dessas estruturas acontece mediante a compreensão do sentido que se encontra dentro do próprio fenômeno.

Aplicando esse fazer científico ao objeto desse estudo, a Missa, obtém-se reforço muito importante e explícito nas palavras de Jung:

*“A Missa é um mistério ainda bastante vivo, cujos primórdios remontam aos primeiros tempos do Cristianismo. Seria supérfluo insistir que essa vitalidade se deve a um dinamismo*

---

<sup>2</sup> <sup>1</sup> As idéias deste capítulo foram retiradas de Mauss, Marcel. Ensaaios de Sociologia, 1999, pp, 144, 149, 151, 198, 212, 221-222.

*psicológico indubitável, e isso implica que a Psicologia deve estudá-la. É óbvio que tal estudo só pode ser feito de um ponto de vista puramente fenomenológico, pois, as realidades da fé ultrapassam o domínio da Psicologia” (Jung, 1991).*

Apoiada nesses pressupostos, a monografia prossegue delimitando sempre mais o enfoque de sua proposta e se atém, exclusivamente, a duas categorias teóricas: o sacrifício e a pertença, realidades correlatas, capazes de evidenciar o que se deseja apresentar, com clareza, à compreensão de todos...

A expressão do *sacrifício* provoca, desperta e mantém a correspondência da *pertença*. E essa, por sua vez, exige a realização reiterada e, cada vez mais intensa, do sacrifício.

Primeiro, fala-se aqui, do sacrifício estudado por Marcel Mauss como apoio à idéia a ser trabalhada: O sacrifício como ritual máximo de todo culto religioso, a gerar pertença. Mauss supõe em todos os sacrifícios uma unidade genérica. Eles têm o mesmo núcleo. São invólucros de um mesmo mecanismo. Portanto, dotados de *unidade*. O testemunho a seguir ilustra, talvez, essa unidade sacrificial:

*“Não sou católico. Eu nasci católico. Sou Tião Zico, Sebastião Bento de Oliveira da Zizi. Sou casado com Da. Zizi*



*e amanhã, 28 de abril, estaremos completando 55 anos de casamento, uma união abençoada por Deus. Nós tivemos 16 filhos e 2 adotivos, fortes e saudáveis.*

*O padre que me batizou era um sacerdote de verdade. Contraiu lepra e foi abandonado por todos. Isso foi na década de 30. Como disse, eu não sou católico, mas assisto à “Santa Missa em Seu Lar” sempre que posso; e tenho profundo respeito pelo senhor e admiro muito o seu trabalho.*

*Somos pobres e aposentados, mas me considero rico porque tenho uma família maravilhosa. Eu me converti ao Espiritismo, onde encontrei apoio, consolo e explicação lógica para as minhas dores” (Carta 135).*

A eloquência desse testemunho, acredita-se, confirma e ilustra a unidade do sacrifício. Ela pode ser encontrada em qualquer culto e é capaz de corresponder aos anseios de qualquer pessoa, como Tião Zico.

Em segundo momento, faz-se referência ao sentido de pertença, nascido da reunião sacrificial, como ímã que a si atrai o pólo oposto, criando uma força magnética irresistível, própria do sagrado que impele e repele concomitantemente. As declarações testemunhais são copiosas,

diretas, vivas. A título de amostra e de confirmação da pertença, eruído-se do sacrifício:

*“Esta é uma missa que mexe muito com o coração de qualquer pessoa. Não perco nenhuma!” (Carta 113).*

A pertença é límpida e generalizada. Chega ao sentimento mais íntimo: “mexe muito com o coração”...

Mauss volta a considerar o sacrifício e o define: “... é um ato religioso que só pode ser realizado num ambiente religioso, por agentes religiosos”. Dessa definição segue que como “ato religioso” vai precisar de ritos que se intensificam, gradativamente, obedecendo às regras de um ritual, de acordo com o ambiente e os requisitos sagrados.

O ambiente também tem que ser sagrado, isto é, apropriado a favorecer o desempenho de entrada na esfera do divino. E “por agentes religiosos”, acrescente-se. Não há desencontro pior de convicções, que agir religiosamente desprovido de religiosidade; em vez de sacerdote, encontrar-se simplesmente como um “funcionário do culto”:

*“Santa Missa em Seu Lar é muito importante para mim. Ela já faz parte da minha vida. Quando o senhor se emociona eu também me emociono, porque vejo que ainda existem pessoas que não são máquinas” (Carta 22).*

Para o ato religioso convencer, é preciso que tenha e se apresente dentro de uma atitude densa de verdadeira convicção religiosa. Isso se mostra em todo o desdobramento do ritual sagrado. Mas vão gradativamente crescendo os ritos e intensificando na explicitação dos gestos, posturas, fórmulas, danças e aclamações da assembléia até atingir o ápice do seu objeto: a consagração, onde a vítima que se interpõe entre o sacrificante e a divindade, é sacrificada, degolada para, em seguida, ser consumida.

O que ontem estava presente ao sacrifício primitivo, continua hoje, de maneira diferente, mas essencialmente constituindo e formalizando as celebrações sacrificais atuais. Na missa católica, a consagração do corpo e do sangue do Senhor é em tudo o ápice da celebração litúrgica. É naquele momento que se realiza o sacramento cristão, por força do ato consecratório: “fazei isto em memória de mim!”. Como anteriormente, “a vítima era degolada para ser consumida”, aqui também o Cristo se faz vítima de expiação e de propiciação pela humanidade. A semelhança e a sincronia do passado com o presente, do antigo com o novo são muito fortes. As palavras desta senhora reforçam a apreciação acima:

*“Para mim a ‘Santa Missa em Seu Lar’ é a melhor coisa. Não perco! Eu gosto de ver repartir o pão na missa da Televisão” (Carta 44).*

Repartir o pão na atualidade é o mesmo ato antigo praticado pelo sacrificante e participantes, de comerem parte da vítima, que é alimento da divindade; alimento esse, de que ela precisa para continuar presente à comunidade dos crentes e, ao mesmo tempo, de preservá-los de serem atingidos pela potência divina, cujo impacto, se direto, os destruiria. Os ritos intermedeiam, portanto, essa relação e a tornam apta a realizar o intercâmbio entre profano e sagrado sem maiores traumas, vez que, ambos são de natureza diversa. A participação da mesma comida divina traz-lhes o sentimento de serem divinizados. Mas sem a mediação ritual que ameniza gradativamente as diferenças, essa aproximação da divindade não seria possível.

Para compor melhor o cenário sacrificial, é preciso ressaltar a figura do sacerdote: Mauss acrescenta que “os rituais têm a função de transformar um profano em pessoa sagrada, apta a oferecer dons à divindade”. Com a finalidade de não se ficar indefinidamente agindo, por assim dizer, a varejo, no preparo da vítima, do oferente e do ambiente para elevá-los à altura do sagrado, houve a necessidade de se apelar à presença da instituição que simplificou as funções anteriores do sacrificante e do oferente na pessoa do sacerdote. De agora para frente, ele estaria apto previa e constantemente a realizar a ação sagrada. Ele se tornou, portanto, o agente visível da consagração no sacrifício, acentua Mauss. Ele está no limiar do mundo

profano com o sagrado e os representa simultaneamente. Os dois mundos se unem nele.

Como o sacerdote está, naturalmente, mais próximo do sagrado, pela sua consagração pessoal, bastam operações mais simples para fazê-lo aí entrar.

Entre os hebreus, o sacerdote, em seu contato habitual com o divino, era sem cessar ameaçado de morte sobrenatural. Tal situação aos poucos era amenizada com o aumento da santidade pessoal, com o esforço e dedicação própria que lhe serviam de salvaguardas. Em suma, trata-se da realização de um ato religioso para o qual é preciso que a atividade interna do sacrificante corresponda à atitude externa no exercício da função sagrada. Corresponderia essa convicção primeva ao que na Igreja se recomenda: “sancta sancte tractanda”- as coisas santas devem ser tratadas santamente. Como se percebe, é uma atitude que pertence à natureza mesma da relação com o sagrado. Ele a exige tanto do primitivo como do contemporâneo no mesmo grau de reverência.

Toda a vida do meio sacrificial se organiza... e se concentra em torno do mesmo foco, tudo converge para a vítima, que neste momento, vai aparecer. Tudo está pronto para recebê-la. Nela se completa a aproximação do sagrado e do profano. A cerimônia chega ao ponto culminante. Todos os elementos do sacrifício estão a postos. Falta apenas a operação suprema: a

morte da vítima. É a morte sangrenta que a liberta, de vez, dos laços profanos e a consagra definitiva e irrevogavelmente à assunção divinal. Esse momento é de solenidade máxima!

Chegados ao cume da relação divinal, necessário se faz voltar à realidade quotidiana, sem criar atritos com a divindade. A maneira, de se realizar tal operação de gentileza, passa pelas “libações e expiações”. Tudo isso tem suas razões de ser: o assassinato da vítima libera uma força terrível e ambígua. É preciso limitá-la, dirigi-la para retirar tudo que estiver impregnado de caráter divino, tudo que houver de perigoso ao fiel na sua rotina diária. A água é o grande elemento purificador que acolhe e suporta os descarregos da divindade, isentando os humanos de seqüelas sacrificais.

Essas práticas de abluções e de destruições são tão importantes no sacrifício hindu, que a missa cristã as inclui no seu ritual: o sacerdote, após a comunhão, lava as mãos e o cálice, bebe a água dessa ablução e encerra o ciclo do sacrifício, pronunciando a fórmula final libertadora: “Ite, missa est”. A missa terminou! Após declaração tão solene, tanto o sacerdote, quanto o fiel estão dispensados para voltar ao quotidiano.

O sacrificante é, pois, a origem e o fim do sacrifício. O ato sacrificial começa e termina nele. À saída da cerimônia, em todos os tipos de sacrifício, ele melhorou a sua sorte... Acontece, até, que a comunhão determine: consumindo a coisa sagrada, na qual o deus reside, o

sacrificante o absorve e é por ele possuído. Neste momento, os que escaparam do pecado, pelo sacrifício, são inscritos no “livro da vida”.

No sacrifício cristão, essas mesmas idéias são vivenciadas de maneira bem parecidas: O Deus Cristão, na pessoa de Jesus Cristo, em forma de comida e de bebida, vem habitar a interioridade da pessoa que o comunga; e pela comunhão do corpo e do sangue do Senhor, principal e paulatinamente, o fiel vai se transformando num “alter Christus” num outro Cristo, ou seja, vai melhorando de comportamento, vai adquirindo condutas recomendáveis e confiáveis perante si e a comunidade. Em suma, como nos antigos sacrifícios, também aqui, a sua sorte melhorou.

O dinamismo do sacrifício, unindo e separando o humano da divindade, fez surgir importantes crenças religiosas. A teoria do renascimento pelo sacrifício ocupa o primeiro lugar e é reconhecida pelo próprio dogma cristão: Nessa teoria aparece o valor do nome que contém algo da personalidade e da alma de quem o adota. “O nome é a pessoa. O nome define a função e a tarefa que a pessoa deve desempenhar... Toda pessoa decente zela pelo nome que tem: ‘Tenho meu nome limpo!’ (Neves, 1998, p. 244). A referência e a firmeza que o nome projeta na sociedade, aquilata o seu valor. O sacrifício leva em consideração essa expressão a tal ponto que, freqüentemente, muda o nome da pessoa que o celebra ou que o

celebrará. É o caso de Abrão para Abraão, de Simão para Pedro. Há neles uma ligação com o sacrifício e com a função sacrificial.

É natural, portanto, continua Mauss dizendo, pensar que a mudança de nome e o sacrifício expiatório façam parte de um mesmo complexo ritual, exprimindo a modificação profunda realizada na pessoa do sacrificante.

Essa virtude vivificante do sacrifício transcende a vida neste mundo e repercute na vida futura. Semelhante à ela é a relação que se estabelece entre a comunhão cristã e a salvação eterna.

## **1.2.Sacrifício *do* deus**

Mauss (1999) continua a descrever: A evolução do sacrifício chega à sua forma mais completa no sacrifício *do* Deus. Para que um deus possa descer ao ponto de desempenhar o papel de vítima, é necessário que haja alguma afinidade entre a sua natureza e a natureza das vítimas. Para submeter-se à destruição sacrificial, é mister que o deus tenha sua origem no próprio sacrifício.

A apoteose sacrificial, outra coisa não senão, o renascimento da vítima. Sua divinização é um caso especial e uma forma superior de santificação e de separação. A condição necessária ao sacrifício *do* deus é esta: Não basta que ele tenha saído da vítima. É preciso ainda, que possua



toda a sua natureza divina no momento de entrada no sacrifício, para que se torne uma vítima.

Essa personificação deve ser durável e necessária, já que a criação da divindade é obra dos sacrifícios anteriores. A importância desse fato é tanta que até mesmo numa religião tão metafísica como o cristianismo, a figura do Cordeiro Pascal, vítima habitual de sacrifício agrário-pastoril, prestou e continua designando o Cristo-Deus.

Em todo o sacrifício, a vítima tem algo de deus. Mas nessa modalidade específica ela é o próprio deus. O sacrifício *do* deus se caracteriza, precisamente como tal, por essa identificação.

Na expressão popular do canto religioso católico, ouve-se palpitar a emoção da tradição, quando, em procissão de comunhão e/ou de adoração, se entoia:

“Que o santo sacramento,  
Que é o próprio Cristo Jesus.  
Seja adorado e seja amado.  
Nesta Terra de Santa Cruz!”

Está-se plenamente manifestando a idéia antiga do sacrifício do deus que, assumida e sublimada na fé cristã, chega, em forma de sacramento,

contendo o próprio Cristo Senhor, na Igreja, sacramento por excelência do Pai.

Transportou-se, assim, sua eficácia do mundo físico para o mundo moral. E o sacrifício redentor do deus perpetua-se na missa cotidiana. Por tais razões, o sacrifício cristão é... dos mais instrutivos que se possa encontrar na história, conclui Mauss.

A perpetuidade do sacrifício, vinda de tempos de outrora, só se faz, atualmente, presente devido à força do mito sobre o rito que exige deste a periodicidade do sacrifício ao ritmo da natureza... A periodicidade sacrificial compõe a vida do deus de uma cadeia interminável de paixões e de ressurreições: o deus deve sair do sacrifício para criar motivo novo de tornar a nele entrar. A sua personalidade se renova constantemente. É uma roda-viva sem par!

O sacrifício *ao* deus e o sacrifício *do* deus surgiram e se desenvolveram paralelamente.

Como conseqüência da imbricação referente ao sacrifício *do* deus com o sacrifício da cruz no Cristianismo comenta-se que “o mecanismo da consagração da *missa católica*, em suas linhas gerais, é o mesmo encontrado nos sacrifícios hindus.

Verificados os fundamentos primevos do sacrifício do deus, tem-se como sólido que a “imaginação cristã se construiu sobre planos antigos”. E

o que os sacerdotes atuais fazem, é obter por meio dos mesmos processos rituais, quase os mesmos efeitos que os longínquos antepassados” obtinham.

É, em certo sentido, a releitura do passado de que fala Boff. Sacramentos da Vida e Vida dos Sacramentos, 1995: “A vida humana é releitura do passado, como forma de viver o presente e de cobrar forças para o futuro. A Bíblia está cheia de... releituras. O novo testamento é a última grande releitura de toda a história passada. Para os Apóstolos e Evangelistas a vida, a morte e a ressurreição de Jesus Cristo lhes ofereceram a definitiva luz com a qual podiam decifrar todo o sentido escondido do passado. Para eles, como para nós, Jesus Cristo Ressuscitado constitui o fato decisivo da humanidade: aí se mostrou que a libertação da morte, das limitações da vida e do absurdo histórico é possível. Esse evento não é puro acaso da história. não é um aborto. Ele foi preparado. Foi sendo gestado dentro da criação. Como dizia Santo Agostinho, a história estava grávida de Cristo. E ele foi crescendo até nascer. A partir dele, podemos, como fez o Novo Testamento, reler todo o passado: como a própria criação já está orientada para Ele” (Boff, 1995, pp. 41-42).

## **2.Sacrifício conforme Durkheim\*<sup>3</sup>**

Enquanto Mauss focaliza o sacrifício em seus aspectos gerais: “ato religioso, em ambiente religioso, por agentes religiosos” para somente em seguida ir desenvolvendo e aumentando tais aspectos e considerações, Durkheim (1989), de pronto, já o apresenta em seu núcleo basal: O Sacrifício compõe-se de oblação. O fiel comunga com seu deus e ao ingerir alimento sagrado, lhe faz oferenda. Parte é procedimento de comunhão, parte é dom, ato de renúncia. Supõe sempre que o fiel devote aos deuses algo de sua substância pessoal ou algo de seus bens. Pelo fato de o gesto oblativo ser mais exigente, para ser realizado, a pessoa precisa sair de si e ultrapassar-se da ambição pessoal. “Talvez, por isso, a oblação seja mais permanente do que a comunhão”.

Retoma Durkheim: o sacrifício e, sobretudo, a oblação sacrificial só pode dirigir-se a seres pessoais, pelo fato, se tornarem bem mais inteligíveis. Por razões concludentes, sabe-se que a prática do culto sacrificial favoreceu a personificação das forças religiosas.

A personificação das forças religiosas, tornou-se central, principalmente, nas religiões proféticas. Segundo (Mondin, 1997); A aquisição fundamental do pensamento cristão é que o homem é pessoa. Pessoa significa subsistir na ordem do espírito. O espírito e somente o

---

<sup>3</sup>As idéias deste capítulo foram retiradas de Durkheim, Émile. As Formas Elementares de Vida Religiosa,

espírito é pessoa. Deus é pessoa. O homem é pessoa justamente porque é espírito. É um espírito encarnado, ligado essencialmente à matéria. A pessoa humana já existe ontologicamente desde o primeiro instante da concepção porque possui o ato de ser que é próprio do homem: um ato de ser admiravelmente espiritual, que informa e transforma a matéria.

No instante do nascimento, já essencialmente definido na ordem ontológica, ainda está totalmente por se fazer, na ordem dinâmica, segundo as suas inumeráveis possibilidades. A pessoa, justamente, porque é espírito, é livre e tem o privilégio de realizar-se segundo os mais variados aspectos. Ela é livre para definir o seu projeto de humanidade, escolhê-lo e realizá-lo. Para isso acontecer precisa da cultura, onde acontece o seu segundo nascimento. De fato, grande parte daquilo que possuímos desde criança não é fruto da natureza, mas da cultura. O homem em larga escala é artífice de si mesmo. A cultura é um elemento constitutivo da essência do homem. Sem a cultura, não é possível nem a pessoa individual nem o grupo social. A função primária da cultura é construir o homem: isto é, realizar um projeto de humanidade adequado à dignidade da pessoa.

Aqui aflora uma difícil questão: É possível fixar as linhas fundamentais da projetualidade humana? Há um projeto inteiramente confiável, seguro?

O cristão sabe com certeza qual é o projeto no qual deve basear a própria vida: colocar-se na seqüela de Cristo. Ele é o homem ideal, o modelo universal que todos os homens são chamados a seguir. Essa certeza, porém, baseia-se na palavra de Deus, na Revelação da Fé...

Deus além de ser um intelecto que admira a si mesmo, é sobretudo amor, doação, compaixão, misericórdia como ensina o cristianismo, então a imitação de Deus se realiza principalmente no amor ao próximo, na doação, no sacrifício, no altruísmo. O altruísmo sempre foi a essência da ética cristã. Em toda a sua vida, Jesus Cristo foi o homem-para-os-outros. A seu exemplo: o homem se faz mediante o altruísmo; crescemos em humanidade na medida em que somos humanos com o próximo e religiosos perante Deus.

O cristianismo dá um grande passo em relação ao pensamento clássico: a *cáritas* supera e aperfeiçoa a *véritas*.

A caridade torna os homens não apenas bons, mas belos: “Quanto mais crescer em ti o amor, tanto mais crescerá também a beleza, porque o amor é a beleza da alma” (Apud Mondin, 1997, p.301).

Em consonância com o acima considerado, Durkheim reassume a palavra e expressa: A verdadeira razão de ser dos cultos... não deve ser procurada nos gestos que prescrevem e, sim, na renovação interior e moral que esses gestos contribuem para determinar.

O que o fiel, realmente dá ao seu deus, não são os alimentos que coloca sobre o altar, nem o sangue que faz escorrer de suas veias. Mediante tudo isso, oferece-lhe o *seu pensamento*. A regra do *ut des* – que seja doador – constitui e define o princípio do sacrifício e, além disso, traduz, de maneira explícita, o próprio mecanismo do sistema sacrificial e... de todo o culto positivo: os seres sagrados... não podem viver senão nas consciências humanas.

Onde Mauss fala de periodicidade do sacrifício ao ritmo da natureza, Durkheim diz: O que constitui, essencialmente, o culto é o ciclo das festas que voltam regularmente em épocas determinadas. O ritmo a que obedece a vida religiosa apenas exprime o ritmo da vida e dele deriva. É uma realidade coincidente e, portanto, uma confirmação de um aspecto relevante quanto ao funcionamento da vida religiosa dos primitivos.

Durkheim vai agora dizer o que há de mais substancial no âmago do rito sacrificial e que já foi considerado por Mauss com igual importância. Trata-se da “eficácia do sacrifício” onde se verifica um “transporte de conteúdo do mundo físico para o mundo moral”. A expressão é muito parecida: A eficácia do rito, que é real, faz acreditar na sua eficácia física que é imaginária..., pois, a verdadeira justificação para as práticas religiosas não está nos fins aparentes que buscam, mas na ação invisível que exerce sobre as consciências, no detalhe de como toca o nosso nível mental.

A ação invisível que influencia as consciências não as influencia de qualquer jeito. Só consegue atingi-las eficazmente ao detalhe de como toca o nosso nível mental. Quer dizer, é preciso ter carisma para que as consciências se deixem tocar e, ao alcance desse toque, produzam condutas eficazes e moralmente boas.

O carisma além de ser o jeito, o detalhe adequado ao toque de consciência carece de um conteúdo sólido, capaz de nutrir as consciências. Durkheim não se esqueceu dessa providência essencial: A autoridade dos ritos junto ao crente, seja ele cristão ou australiano, vem da fé. E a fé é precisamente carisma, ou seja, preceito favorável, impulso para acreditar. Em compreender melhor o processo psíquico do qual deriva a sua crença, consiste a superioridade do cristão. Ele sabe que “a fé salva”. Por ser de origem psíquica, em certo sentido, ela é impermeável à experiência, conclui.

## **2.1.Aspecto Social da Religião**

Durkheim trata agora do que considera mais importante e substancial na religião: a relação social, a razão mesma de ser e de existir religião. Dirá como se incrementa, se desenvolve, se mantém. Tudo isso acontece e se realiza por meio das intermitências: A vida em grupo é essencialmente intermitente. As intermitências da vida social são inevitáveis e alcançam,



inclusive, as religiões mais idealistas que delas não poderiam escapar. As intermitências da vida psíquica só não afetam as crenças religiosas, quando as religiões ainda não saíram do seu invólucro cósmico.

Compreende-se então porque o cristianismo se considera comunitário e é na comunidade que adquire e expressa a sua força. Começa por apresentar um Deus-Comunidade de Pessoas para dizer da importância fundamental do social que lhe garante subsistir. E como o social só é social mediante a relação, essa relação é elemento fundante do Cristianismo, uma vez que, todo ele é personalizado necessitando, portanto, de estabelecer um nó de relações interpessoais que opera exatamente, usando as “intermitências físicas e psíquicas” da vida real. Ninguém consegue viver bem sendo ou fazendo repetidamente, seguidamente, as mesmas coisas. É preciso o distanciamento e o chegar-se equilibrado para se ter a novidade e o despertar consciente do valor que se tem, da qualidade que se desfruta. Vale aqui apresentar a quadrinha de sabor popular altamente ilustrativa do valor da intermitência:

“Alguém disse que a distância

Mata o amor, mata a amizade,

Mas se não fosse a distância,

Não haveria *Saudade!*”

O cristianismo na sua expressão católica sabe muito bem disso e marca a caminhada do povo pelas intermitências da distância e do aproximar-se constantes. O calendário litúrgico se encarrega de fazer isso acontecer ordenadamente e periodicamente. São os tempos litúrgicos do Advento, Natal, Quaresma, Páscoa, Pentecostes e Tempo Comum. Todas as comemorações se sucedem obedecendo à intermitência adequada para produzir no povo a saudade da festa, do santo, do acontecimento, pela distância que promete voltar “até paroano se nós vivo for” (Sic).

A única maneira de renovar as representações coletivas relacionadas aos seres sagrados é retemperá-las na própria fonte de vida religiosa, ou seja, nos *grupos reunidos*. A fé comum reanima-se naturalmente no seio da coletividade reconstituída. Pois, os atributos característicos da natureza nos vêm... da sociedade. A sociedade inteira, por exemplo, tem interesse que a colheita seja abundante. É a sociedade que está em primeiro plano nas consciências, é ela que domina e dirige o comportamento. A sociedade não pode reavivar o sentimento que tem de si mesma, senão mediante a condição de se reunir. Contudo, a sociedade só vive *nos* e *pelos* indivíduos. Uma coisa, porém, é verdadeira: Quanto mais se desenvolvem as sociedades, menos parecem aceitar intermitências muito acentuadas”.

Quer dizer, o desenvolvimento explícito e forte de uma determinada sociedade só acontece se ela, organizadamente, faz vir a público eventos

novos, reiterando o reunir famélico de seus indivíduos. Os exemplos dessa reflexão surgem aos borbotões em nossa sociedade: Esportes vivem de competições, campeonatos, copas, olimpíadas. Há constante efervescência em todo esse procedimento. A projeção contínua de eventos promove e fortalece a sociedade. Aquela que, apenas de vez em quando, se reúne, tende a enfraquecer e a desaparecer. Os eventos folclóricos, por exemplo, que deixam de ser comemorados pela sociedade, perdem sua contextualidade. Se não houver lideranças novas dispostas a usar das intermitências propícias às celebrações desses eventos, extinguir-se-ão inapelavelmente.

A configuração produzida na mente dos indivíduos reunidos é de força que implica a idéia de poder, de ascendente, de domínio e, correlativamente, de dependência e de subordinação. As relações oriundas de todas essas idéias são, eminentemente, *sociais*. Foi a sociedade que hierarquizou os seres em superiores e inferiores, em senhores que ordenam e súditos que obedecem. Foi ela que conferiu aos humanos a propriedade singular que faz o comando eficaz para constituir o poder.

É muito interessante a esse respeito, observar que em qualquer tipo de reunião social acontecendo, explicita-se o poder hierárquico: Há sempre uma precedência de pessoas, funções, e de localizações, mediante a

diversificação do vestuário, dos gestos e das evoluções condizentes com as celebrações.

Na Igreja Católica, as procissões, as missas solenes, principalmente, os congressos eucarísticos, as ordenações de diáconos, de presbíteros e episcopais; as profissões religiosas dos frades e das freiras, as eleições e corações pontifícias e, mais, recentemente, as visitas do Papa João Paulo II às nações, são demonstrações eloqüentes do poder hierárquico da Igreja. Uma demonstração viva de força e de poder que impressiona e convence o sentido de pertença.

A palavra descritiva de Durkheim continua: Enfim, o homem se sente alma por ser princípio religioso e força por que é ser social. A noção de força, porém, não esgota o princípio religioso que é a causalidade. A consequência desse princípio anterior consiste num juízo que se enuncia: Toda a força se desenvolve de maneira definida. O estado no qual se encontra em cada momento do seu devir, predetermina o estado consecutivo. O primeiro princípio é chamado *causa*; o conseqüente a ele é designado como *efeito*. E o juízo causal afirma a existência de vínculo necessário entre esses dois momentos de qualquer força. Essa relação é estabelecida pelo espírito “*a priori*”, antes de quaisquer provas, sob a força de uma espécie de inspiração, da qual não se pode libertar.

A idéia de causa-efeito em Durkheim reporta a Santo Tomás ao considerar a *participação* dos entes no ser:

“Tudo o que é alguma coisa por participação remete a outro que seja a mesma coisa por essência, sendo o seu princípio supremo. Por exemplo, todas as coisas quentes por participação remetem ao fogo, que é quente por essência. Ora, dado que todas as coisas que existem participam do ser e são entes por participação, é preciso que acima de todas as coisas haja alguém que seja o ser em virtude da sua própria essência, isto é, que a sua essência seja o ser mesmo. Este é Deus, que é causa efficientíssima, digníssima e perfeitíssima de todas as coisas: todas as coisas que existem participam do ser dele” (Apud Mondin, 1997, p. 224).

O paralelo estabelecido entre o que diz Durkheim e o que já havia considerado Santo Tomás de Aquino sobre causa e efeito, procede claramente e reafirma a verdade religiosa da existência do ser supremo, vislumbrada pelas religiões primitivas, a quem se consagra e se atribui a realidade necessária do sacrifício evolutivo *ao* deus, sublimado no clímax sacrificial *do* deus, cuja plenitude é alcançada e personificada no sacrifício da Cruz, perenizado, em memória, na missa “até que Ele venha de novo”, no Maranatha final.

É por isso que “a sociedade exige a repetição da cerimônia sacrificial, sem a qual não pode passar. Exige também os movimentos regularmente executados, como condição de sucesso da cerimônia. Nesse caso ela os impõe obrigatoriamente, acrescentando-lhe as práticas dela derivadas. Com semelhante exigência, o preceito ritual é acrescido do preceito lógico, aspecto intelectual do primeiro. A autoridade de ambos provém da mesma fonte: a sociedade.

A sociedade é, realmente, a fonte e a raiz da religião para Durkheim: Dizer que o rito é observado porque vem dos antepassados, é reconhecer que a sua autoridade se confunde com a autoridade da tradição, *coisa social de alto grau*. O rito é celebrado para permanecer fiel ao passado, para que a coletividade conserve a sua fisionomia moral, e não por causa dos efeitos físicos que pode produzir. Os atributos característicos da natureza vêm, portanto, da sociedade.

Para integrar *rito* na sociedade é preciso saber a relação deste com o *mito*. Levem-se em consideração as seguintes descrições: O mito esteve sempre ligado à religião de várias maneiras. Mas para captar qual é efetivamente a relação entre mito e religião e para entender o papel que ele desempenha no âmbito da religião, é preciso antes entrar num acordo sobre o conceito de mito.

Do ponto de vista etimológico, em grego *mythos* significa “palavra, discurso”. Em sua acepção geral, é uma representação fantástica da realidade, espontaneamente delineada pelo mecanismo mental. Mais correta, embora bem mais curta é a definição de N. Smart: “Os mitos são histórias relativas às divindades, das relações destas com o homem e com o mundo” (Mondin, 1997). É também relato ou representação imaginária; não é uma fotografia da realidade, mas uma representação fantástica. Não é história, entendida como fiel transcrição dos fatos, mas história mais ou menos romanceada. Por essa razão, a porcentagem de verdade do mito é necessariamente limitada, ainda que sua intencionalidade seja claramente verídica.

A mitologia ocupa uma posição central e fundamental na religião: constitui um dos seus pilares de sustentação (junto com o rito e a lei). O mito é a linguagem própria das religiões naturais e, de forma metafórica, é uma linguagem amplamente usada também pelas religiões históricas (Hebraísmo, Cristianismo, Islamismo). Para falar do Transcendente o homem recorre a duas linguagens: a conceitual (lógica) e a metafórica (mítica). Por outro lado, o homem religioso, para exprimir o seu objeto, que é absolutamente transcendente (o totalmente Outro), não tem como deixar de recorrer à linguagem simbólica.

As manifestações de Deus e do sagrado são sempre manifestações indiretas; o divino se manifesta de maneira disfarçada, mostra-se e, ao mesmo tempo, esconde-se. Portanto, o mito jamais deve ser tomado ao pé da letra; antes, deve ser interpretado alegoricamente. O mito *não diz* o sagrado; ele alude ao sagrado, simboliza-o.

Em teologia, o problema mais difícil é esclarecer o alcance e a função do mito nas Sagradas Escrituras. Cullmann, Pennenberg e muitos outros estudiosos, sem desconhecer a presença de um componente mítico na Bíblia, subordinam categoricamente esse aspecto ao componente histórico: aquilo que é peculiar da Bíblia é a historicização do mito e não a mitização da história. E essa parece ser a única solução viável do problema do mito na Escritura, se se crê que ela seja verdadeiramente o relato da história da salvação.

No mito, o divino, (o sagrado) que se manifestou ao homem por meio de eventos naturais ou históricos, é representado, comemorado, descrito. Mas ao homem religioso não basta a contemplação e a lembrança da presença divina: Cullmann diz: “O homem quer entrar em contato íntimo com o divino, unir-se a ele, participar de sua força vital e da sua magnificência. Quer conviver com Deus, e que Deus conviva com ele. O homem reclama a ação de Deus e, ao mesmo tempo, não quer apenas



receber, mas também dar, doar a Deus”. (Apud Mondin, 1997, p.304). A forma sensível dessa ação recíproca é *o rito*.

O rito é uma ação sagrada ou não ligada essencialmente, substancialmente, ao mito e, portanto, no caso religioso, à realidade divina e ao evento sagrado representado por ele. O rito torna-se uma reedição simbólica desse evento. Assim, por exemplo, a Páscoa dos hebreus é a reedição simbólica do Êxodo. O sacrifício eucarístico dos cristãos é a reedição simbólica do sacrifício de Cristo na cruz.

Enquanto o mito se refere a tudo o que o homem pensa, imagina, diz da divindade, o rito designa as várias ações com que ele procura entrar em comunicação com ela. Portanto, o rito e o mito estão estreitamente ligados entre si: o rito evoca o mito e o atualiza, enquanto o mito ilustra o rito e o explicita em forma lingüística. Ambos são fenômenos de caráter simbólico: eles remetem à dimensão religiosa. Enquanto o rito é a ação sagrada, o mito é a palavra sagrada que se segue à ação e a explica. Do mesmo modo, pode-se dizer que o rito, enquanto ação ou gesto, ilustra a palavra sagrada ou o texto sagrado. O mito exerce o papel de modelo da ação sagrada.

O conjunto dos atos simbólicos (narrativas sagradas, hinos, orações, bênçãos etc) constitui aquilo que se chama *liturgia*. Perante tais esclarecimentos sobre o rito e sua relação com o mito, posicionado até em relação às Escrituras Sagradas, passa-se a considerar o rito como

constitutivo do sacrilégio no culto positivo. Segundo Durkheim não existe rito positivo que, no fundo, não seja verdadeiro sacrilégio, porque os homens não podem relacionar-se com os seres sagrados sem ultrapassar a barreira que, normalmente, deve mantê-los separado.

Tudo que importa é que o sacrilégio seja cumprido com precauções que o atenuem. Entre as precauções, a mais comum, é o controle da transição. É preciso engajar o fiel lenta e gradualmente no círculo das coisas sagradas. Assim, fragmentado e diluído, o sacrilégio não choca violentamente a consciência religiosa, não é sentido como tal e desaparece.

Tudo isso se parece com o catecumenato cristão, onde os neófitos eram aos poucos admitidos a participar do sacrifício da missa, tendo que se retirar do recinto sagrado antes do ofertório. O diácono encarregado os levava para fora da igreja, porque eles ainda não estavam suficientemente preparados para entender e participar do sacrifício eucarístico em sua totalidade. Somente depois de batizados, na noite de Páscoa, podiam ser recebidos para a celebração total do mistério. Seria aqui o engajamento lento e gradativo no círculo das coisas sagradas de que fala Durkheim?

## **2.2.O rito mantém a vitalidade das crenças**

O caráter da cerimônia é manter a vitalidade das crenças mediante o rito que a torna instrutiva, lembrando o passado e fazendo-o presente por

meio de representação dramática com a finalidade de reanimar, periodicamente, o sentimento que o grupo tem de si mesmo e de sua unidade, reafirmando-se como seres sociais.

O sentimento que o grupo tem de si mesmo e de sua unidade como seres sociais são reafirmados quando celebram a festa... porque tiram dela a impressão de bem-estar moral. Essa é mais uma prova de que o estado psíquico, no qual se encontra o grupo reunido, constitui a única base sólida e estável daquilo que se pode chamar mentalidade ritual.<sup>4</sup>

Assim, na cerimônia da Wollunqua colocam, amiúde, a função fundamental do culto positivo que é regular e organizar o que se celebra ou se comemora. Entre os Warramunga o totem “do menino que ri” ilustra essa função fundamental do culto positivo. O totem do “menino que ri” consiste em uma série de quatro cerimônias que se repetem entre si, destinadas unicamente a divertir, a provocar o riso pelo riso, ou seja, a manter a alegria, o bom humor no grupo que tem como especialidade essas disposições morais.

Essas representações rituais nos fazem compreender melhor a natureza do culto e destacam importante componente da religião: o

---

<sup>4</sup> Essa idéia é baseada em Durkheim Émile. As Formas Elementares de vida religiosa. São Paulo: Paulinas, 1989. Pp. 411-418; 407-444; 452-462; 475-477.

elemento estético e recreativo, parentes próximos das representações dramáticas.

O elemento estético sempre esteve presente em todo o ritual da Igreja. O esplendor dos altares em dias de festa. Os paramentos estilizados pela tradição com seus ornamentos em ouro, prata. Cálices de ouro cravejados de pedras preciosas. O próprio recinto de igrejas e catedrais góticas. Para fechar: a grandiosidade da Basílica de São Pedro, a diafania da Capela Sistina. O elemento recreativo acompanha tudo isso em outro momento da festa: os autos, as cantatas, as cavalhadas, as quermesses, o carnaval, os reisados, as pastorinhas, as contra-danças, as procissões em certo sentido... Têm o seu fundamento na alegria de Deus: “Hílarem datorem, díligit Deus” Deus ama a quem se doa *com alegria*. Ou no intróito da missa antiga onde se rezava: “Introíbo ad altare Dei. Ad Deum qui laetificat juventutem meam”. Subirei ao altar de Deus. Ao Deus que *alegra a minha juventude*.

Esse mundo das coisas religiosas... presta-se mais facilmente às livres criações do espírito. A consequência imediata disso é esta: A religião não seria ela mesma, se não deixasse algum espaço às livres combinações do pensamento e da atividade: ao jogo, à arte e a tudo que recreia o espírito cansado pelo peso do labor cotidiano. A verdade que permeia todo contexto religioso é a seguinte: Inerente à toda religião existe uma poesia. A arte não

é apenas ornamento exterior para disfarçar a austeridade e a rudeza do culto, mas para externar o seu componente estético. Por causa das relações bastante fortes que a mitologia mantém com a poesia, pretendeu-se, muitas vezes, deixá-la fora da religião.

Mitologia e poesia na religião é um binômio, no mínimo curioso, em se tratando de religião. Tem-se da religião uma impressão de que ela seja carrancuda, séria demais para conter em si, *poesia*.

A propósito da poesia na religião, Juan Arias apresenta o seu ponto de vista:

Para buscar um Deus novo para Dois Mil é preciso passar pela poesia, voltar à ela. Porque só através da poesia podemos recuperar o assombro, esse saber maravilhar-se com as coisas....

O grande documento religioso da humanidade, a Bíblia, é uma poesia. Às vezes dilacerante, mas poesia. E a poesia mais carregada de amor e de amor sensual de toda a literatura está na Bíblia. É o *Cântico dos Cânticos*: (Arias, 1999, p. 60, 73).

Arias conclui: é a metáfora de um Deus que ama os homens com o amor mais terno e passional. Um amor não apenas espiritual, mas também carnal. A poesia apresenta sempre as coisas como se fossem feitas recentemente. É criadora porque desfaz a ordem das coisas. Por isso, a

poesia possui muito de divino. E se Deus existe, deve ser a grande poesia do mundo... que nos desnuda e nos revela a nós mesmos.

Por isso, toda poesia, no fundo é revolucionária, sagrada, um mistério que sacode a consciência...

Fomos criados para amar. E todos sabemos por experiência própria que não é possível desfrutar de um amor em paz, se ao mesmo tempo, estamos impedindo que outros possam também desfrutá-lo. O prazer ao preço da infelicidade alheia é um gozo de demônios, que no final se transforma em miséria bruta.

Depois dessa excursão ao âmago da poesia e de sua importância religiosa, a palavra novamente é de Durkheim: As forças morais expressas pelos símbolos religiosos, que contêm arte e poesia, são forças reais, com as quais devemos contar e das quais não podemos fazer o que nos apraz.

Essas representações que têm por função despertar e manter em nós (o senso de responsabilidade) não são meras imagens. São tão necessárias ao bom funcionamento de nossa vida moral quanto os alimentos para a vida física, pois, o grupo se mantém e se firma, é por elas.

Um rito é diferente de um jogo e deixa de ser rito se a sua finalidade é só para distrair. Ele é parte da vida séria. Entra naquele sentimento de reconforto recebido pelo fiel. A seriedade, porém, do rito compõe-se com a

recreação por que é uma das formas de renovação moral, objetivo principal do culto positivo.

Rito e recreação se compõem porque é uma das formas de renovação moral. Interessante essa composição! Mas em tudo ela se compara com o momento da paz, dentro da liturgia católica da missa, quando as pessoas se cumprimentam, se abraçam alegremente, trocam carinho, se beijam (no ósculo da paz) enquanto contam festivamente, por exemplo: “Paz, paz de Cristo” (Canto de Igreja).

Há, porém, outros efeitos advindos do ritual da recreação descritos por Durkheim: Uma vez cumpridos os deveres rituais, volta-se para a vida profana com mais coragem e ardor, não somente porque manteve-se contato com uma força superior de energia, mas também porque as forças pessoais se refizeram, vivendo, por instantes, de vida menos tensa, mais cômoda e mais livre. Por isso, a religião tem fascínio...

Realmente a religião com seu ritual permanente de celebrações alimenta e traz esse fascínio que descansa as pessoas das agruras da vida. Ela é lenitivo para muitas dores. Estanca muitas lágrimas. Acalenta esperança de dias melhores.

Para quem vive à margem da sociedade. Para quem não tem voz nem vez dentro deste nosso sistema de exclusão, resta apenas a religião, onde, por poucos instantes, o pequeno se sente bem ao lado do grande que a ele

se iguala na precisão da fé. É pouco, mas é o suficiente para que a própria idéia de cerimônia religiosa, desperte, naturalmente nele, o sentido de festa. Ela aproxima os indivíduos, coloca as massas em movimento, suscita, assim, o estado religioso.

Nesse estado, o homem é transportado para fora de si, distraído de suas ocupações ordinárias. Pois, se a verdadeira função do culto é despertar nos fiéis determinado estado de alma, feito de força moral e de confiança; se os diversos efeitos imputados aos ritos são devidos à determinação secundária, derivada desse estado fundamental, não é de se surpreender que um mesmo rito produza múltiplos efeitos.

São, realmente, esses múltiplos efeitos percebidos subjetivamente, isto é, cada qual sentindo-se atingido pela força moral da cerimônia, que transformam o ato de culto em verdadeira *panacéia*. E, conseqüentemente, a engorda dos cofres, propiciando boa vida aos sacerdotes de ontem e de hoje. Ah! Se não fossem os tais efeitos múltiplos!

Os ritos todos padecem de certa indeterminação. A missa serve a casamentos e enterros. Resgata os mortos, como assegura aos vivos as graças da divindade. Essa ambigüidade demonstra que a função real do rito é situar-se no geral porque as disposições mentais, a serem permanentemente suscitadas, continuam sendo as mesmas em todos os casos. O que muda são as circunstâncias às quais os ritos se adaptam. As



disposições mentais... dependem exclusivamente de o *grupo estar reunido*.  
E não de razões especiais porque se reuniu.

O rito, aparentemente, cumpre funções diversas. Na verdade, porém, tem apenas uma, a mesma de sempre: *Manter os indivíduos reunidos*. Isso é essencial para ele. Pois, somente assim, experimentarão sentimentos comuns, expressos em atos comuns, cuja natureza particular de tais atos e sentimentos é de caráter secundário e contingente.

O reunir-se é, de fato, o ponto forte de qualquer ritual religioso e não apenas... Ali as relações se estabelecem e se estreitam. O assíduo “fica por dentro” dos acontecimentos de sua instituição até nos detalhes, e passa a ser “fã de carteirinha”. A sua adesão ao grupo dá-lhe o jeito de ser, o comportamento desse grupo. Mas isso é fruto do reunir-se...

O reunir-se funda-se na comunhão do mesmo pensamento e da mesma ação. Não importam os sentimentos específicos que nascem dessa comunhão. A reunião ritual é o meio pelo qual o grupo social se reafirma, periodicamente. Homens que se sentem unidos, quer, pelos laços de sangue, quer por continuidade de interesses (religiosos) e de trabalho, ao reunirem-se, tomam consciência de sua unidade moral.

Reforça e ilustra a verdade acima expressa, a reunião anual dos oito países mais ricos do mundo. Mesmo com todo o poderio econômico em mãos, carecem de reforço, sem falar das grandes concentrações, em praças

públicas, hoje, de carismáticos e de evangélicos como demonstração de poder e de expansão da pertença. Cada instituição querendo ser mais poderosa, mais líder, mais “dona do pedaço” que a outra. O discurso apologético ainda resiste!

Nessas megas reuniões, há sempre um tom de alegria e de entusiasmo. E as gentilezas só são quebradas pelos descontentes, pelos que adoram estragar a felicidade dos outros.

Caso contrário a essas alusões, os diversos ritos primitivos têm um caráter comum: todos são realizados em estado de confiança, de alegria, de entusiasmo, até. Trata-se de fatos alegres! Há, contudo, festas tristes para contrapor-se a uma calamidade ou, simplesmente, lembrá-la e deplorá-la. É presumível, no entanto, que a explicação dos ritos alegres passa a ser aplicada aos ritos tristes, com a condição de que os termos sejam transferidos. A idéia que se encontra na origem do luto é a sensação de enfraquecimento que o grupo sente, quando perde um de seus membros.

Apesar dessa sensação, sabe-se, por outro lado, que os sentimentos humanos se intensificam quando afirmados coletivamente: Comungar na tristeza ainda é comungar. E toda comunhão de consciência, sob qualquer espécie em foco, realça a vitalidade social.

Nessa tessitura antropológica, onde o sacrifício tanto em Mauss como em Durkheim tem uma função social clara e explícita, porque

congrega, realça a vitalidade do grupo, dinamiza as relações interpessoais, produz sensações de bem-estar, descontraí as tensões, reacende esperanças, intimiza a participação com a divindade, proclama o senso de cidadania e privilegia o sentido de pertença, fica sacramentada a base que as Ciências da Religião oferecem à *missa* como sacrifício, sendo ela, parte eminente da Liturgia Católica.

### **3. Liturgia –Cenário Sacrificial da Missa**

#### **3.1.Considerações Gerais<sup>5</sup>**

Para se entender melhor o significado da Missa na consideração da Igreja Católica é preciso, antes, situá-la no contexto da Liturgia. Segue dessa constatação a necessidade de se saber o que é Liturgia e a sua função na Igreja.

Para muita gente liturgia é a missa. Todavia, quando se fala em liturgia, entendem-se as diferentes formas que a Igreja tem para celebrar o mistério cristão. Essas “formas de celebração” são os diversos momentos rituais que permitem às pessoas “vivenciar, experimentar” a íntima comunhão com Deus e com os irmãos por meio de Jesus Cristo na força do Espírito Santo.

Conforme o que se depreende do raciocínio anterior, a liturgia propicia ao fiel momentos bem específicos e previamente arquitetados a provocar vivências íntimas com ressonâncias em desdobramentos de compromissos comunitários. Seu destino, necessariamente, é o serviço, é a ação.

### **3.2.O Termo Liturgia**

Essa idéia de ação que a liturgia contém, adquire maior clareza, quando se desseca etimologicamente o termo: De procedência grega, a palavra “liturgia” vem do verbo leitourgein, resultado da composição laós = povo mais érgon = serviço, trabalho, ação. No sentido civil: Liturgia significa, portanto, “serviço feito para o povo” ou serviço prestado ao bem comum” (Paludo, op.cit.).

Religiosamente, Liturgia refere-se ao culto que os antigos sacerdotes prestavam a Deus em nome do povo, no alto de uma montanha ou no templo. Eram pessoas, famílias ou grupos escolhidos para esse serviço. Zacarias, pai de João Batista, era um desses liturgistas (Lc, 1,23).

---

<sup>5</sup> As idéias da Liturgia são retiradas de Paludo, 1999. pp. 4-5; 14-16

A palavra “liturgia” é preferida pelo Antigo Testamento, quando esse se refere ao encontro do culto público entre Deus e o povo, designando o serviço de Deus ao povo e a resposta desse a Deus.

Nesse sentido, poder-se-ia entender a liturgia como a efetivação da nova aliança entre Deus e o povo, por meio de Jesus Cristo, presente no Espírito Santo sob os sinais sensíveis e eficazes (Sc7).

A ênfase nesses sinais sensíveis e eficazes, relembra aqui a realidade substancial do agir sacramental *ex ópere operato*, significando que uma vez realizado o rito sacramental, colocados os sagrados símbolos, Jesus Cristo age e se torna presente. Não em virtude dos ritos por eles mesmos. Eles não têm poder nenhum em si mesmos. Apenas simbolizam. Mas em virtude da promessa de Deus mesmo. O *ex ópere operato* (traduzido literalmente: em virtude do próprio rito realizado) é uma expressão ambígua, mas que foi entendida pela Igreja sempre sem ambigüidade mágica. Negativamente quer dizer: a graça sacramental não é causada em virtude de alguma ação ou de algum poder seja do administrante seja do beneficiário. É causada por Deus mesmo. Positivamente significa: uma vez realizado o sagrado rito, temos a garantia de que Deus e Jesus Cristo estão aí presentes (Boff, 1975, pp 66-67).

Nesse passo, acaba de ser manifestada pela liturgia a existência da presença divina, provocando um efeito vigoroso no participante. Esse efeito não surge do nada, mas de um elemento necessário à sua concretização: o anúncio da palavra. São Paulo diz que anunciar o Evangelho para ele é um serviço litúrgico: “meu serviço sagrado é anunciar o evangelho de Deus, a fim de que os pagãos se tornem oferta aceitável e santificada pelo Espírito Santo” (Rom 15,16). Para ele, também são um “serviço litúrgico” as ações em favor da comunidade necessitada.

Até aqui já se tem uma idéia sobre a Liturgia quanto ao significado etimológico aplicado à realidade civil e religiosa do agir humano, com algumas pinceladas que demonstram o seu conteúdo de serviço e de ação, dinamizando a pessoa e a comunidade. Trata-se, em seguida, de se considerar a Liturgia no seu aspecto espiritual.

### **3.3.Liturgia como Experiência Espiritual**

Paludo considera que a multiplicidade de solicitações de uma sociedade que visa o lucro, o consumo e o prazer, dificultam, cada vez mais, a sintonia com o Deus que dá sentido à vida. Porque a questão de sentido é tão importante? Por que como diz Marcos Noronha (1970): Descobrir o sentido da vida, descobre-se o sentido de tudo o que ela tem.

Eu descobro o meu lugar, se sei para onde vou e porque vou. De outro lado, acrescenta Paludo, o fenômeno religioso explode por toda parte e inúmeros são os sinais e as manifestações públicas da fome e sede de Deus. Trata-se então de sentir o mundo e descobrir o que Deus quer dele, para por meio dele a gente se entregar, contrapõe Noronha.

“A complexidade do atual momento histórico, torna evidentes as exigências de uma mística capaz de dar conta das razões da fé e da esperança” (cf. 1Pd 3, 15). Só uma espiritualidade firme pode dar sustentação ao testemunho cristão, especialmente, se levarmos em conta que a cultura atual aprecia a religiosidade fortemente individualista e subjetivista, e tende a atribuir ao mesmo valor as várias opções religiosas.

Volta aqui o princípio de que “o homem não vive só de pão mas de toda palavra que sai da boca de Deus” (Mt. 4,4). O pão representa as necessidades. A palavra, a liberdade. Segundo Frei Betto, só existe liberdade para – ela é sempre intencional, voltada para, em função da comunidade. Pensamos na liberdade de fazer tudo, de tudo, quando de fato só existe liberdade para alguma coisa. A liberdade do ser humano se mede pela liberdade de seu próximo. Qual foi a liberdade de Cristo? A liberdade dele é sinônimo de serviço. Por isso, o cristão é tanto mais livre quanto mais é capaz de servir. E isso... vale para todos (Frei Betto, 1987, p 113).

De tudo, ele conclui que A missão da Igreja é provocar a liberdade e em nada contribuir para suprimi-la. Trata-se de um dom divino, sagrado.

No transcurso dessas reflexões de fundo, está-se em terreno de plena espiritualidade que é a tônica festiva e necessária da busca do homem pós-moderno, cansado e empanturrado de tanta materialidade que não lhe sabe mais. Ele busca a espiritualidade e a entende como sendo o modo pessoal ou comunitário de a pessoa conduzir sua vida no seguimento de Jesus Cristo animada pelo Espírito Santo. Daí que o ser Cristão significa seguir e viver em íntima comunhão com Cristo. Comunhão que se firma na solidariedade ativa com os excluídos e se manifesta na partilha das alegrias e esperanças, angústias e tristezas culminando na partilha dos bens.

### **3.4. Liturgia e Vida**

E o que tem a ver tudo isso com a Liturgia? É por que a vida, no seguimento de Cristo, encontra na liturgia sua fonte e expressão celebrativa. Nela, homens e mulheres chegam à comunhão com o Pai. Alimentam-se constantemente pela escuta da Palavra de Deus tanto no livro da escritura, quanto no livro da vida; pela participação na Eucaristia e



demais celebrações; pela oração generosa e aberta a Deus e à sua presença, dentro da realidade humana.

A liturgia, conclui-se, é o instrumento que viabiliza concreta e operacionalizantemente a ação de Deus que vem ao encontro responsivo da pessoa humana, numa relação efetiva e afetiva, produzindo-lhe segurança e referência de conduta. Ela supõe nas pessoas o cultivo experiencial de Deus e do seguimento autêntico a Cristo. O agir litúrgico em palavras, gestos e sinais pressupõe ser animado por uma força que vem do coração habitado pelo Espírito de Deus, que torna as pessoas portadoras de vida, liberdade e amor. É essa ação discreta do Espírito Santo, que, a partir da liturgia, faz arder o coração do seguidor de Jesus e o impulsiona a viver o amor que Ele suscitou (Lc 24, 30-35).

Todas essas realidades só têm sentido, se provenientes de algo que as antecede, as fundamenta e lhes traz coerência: A autêntica ação litúrgica começa, antes na vida, e, depois, se completa na ação celebrativa da comunidade. Razão disso teve Camilo Torres que reconhece:... “o sacerdócio cristão não consiste apenas na celebração dos rituais externos. A missa, que é o objetivo final da ação sacerdotal, é uma ação fundamentalmente comunitária. Mas a comunidade cristã não pode oferecer

o sacrifício de maneira autêntica, se não tiver antes realizado de forma efetiva o preceito de amor ao próximo” (Apud Carvajal, 1992, p. 172).

O que ele diz aqui, está em perfeita consonância com o que propõe Paludo: A autêntica ação litúrgica, retoma-se, inicia no altar do coração (vida), envolve a prática, se expressa no momento celebrativo e se prolonga no compromisso missionário e solidário. Sem o altar do coração, o altar da Igreja é rito formal e vazio.

A liturgia como experiência espiritual é vida em Cristo e no seu Espírito, enraizada nos sacramentos da Iniciação Cristã e que se atualiza nas diversas ações litúrgicas, especialmente na participação ativa na Eucaristia, na qual nasce e para a qual tende o testemunho na esperança da feliz realização do Reino.

Julgou-se, portanto, pertinente estabelecer primeiro o contexto da Liturgia como campo maior de compreensão para nele, a seguir, introduzir o que com o tempo foi chamada de Eu – caris – tia. Proveniente do grego: Eu = (bom) + Xaris = (charme, graça, favor): dom magnífico de Deus e mais tarde missa (do latim: missão). Os fiéis entendiam que, em torno do pão repartido com o vinho, que se tornavam corpo e sangue de Jesus, viveriam a sua missão de mudar a história e devolver o mundo a Deus.

.

#### **4. A Missa é a Presença de Cristo no Sacrifício**

A liturgia é a Missa. A missa é sacramento que leva à comunhão com Cristo. Vale na medida em Cristo está presente. A presença de Cristo com os fiéis gera, mediante a assembléia reunida na fé, a Comunidade e Assembléia, realidades que se estabelecem e se mantêm por meio do sacramento que age “ex opere operato”. Das reflexões, vem a necessidade de se esclarecer o que faz o sacramento, ou seja, visibiliza, comunica e realiza aquilo que ele significa. Não só torna presente. Realiza ainda hoje, por causa de sua virtude sacramental, o mesmo efeito em todos aqueles em cujas historias ela encontrou.

O pão eucarístico não visibiliza apenas a comida quotidiana da mesa dos homens. Faz presente, comunica e realiza no meio da comunidade de fé o Pão do céu que é Jesus Cristo. E isso sucede pela presença mesma do pão que evoca, para o homem de Fé, a comida celestial, e nessa evocação, a presencializa.

A tradição da fé sempre defendeu que a graça divina está infalivelmente presente na realização do sacramento, desde que ele seja realizado na fé e na intenção de comunhão com a comunidade universal dos fiéis. A presença da graça divina no sacramento não depende da santidade, seja daquele que administra o sacramento, seja daquele que o recebe.

A *causa* da graça não é o homem e seus méritos. Mas unicamente Deus e Jesus Cristo. Daí, dizer-se; o sacramento age “*ex opere operato*”, quer dizer, uma vez realizado o rito sacramental, colocados os sagrados símbolos, Jesus Cristo age e se torna presente. Não em virtude dos ritos por eles mesmos. Eles não têm poder nenhum em si mesmos. Apenas simbolizam. Mas em virtude da promessa de Deus mesmo.

Caso contrário, estaríamos em plena magia. Segundo esta, os gestos sagrados possuem uma força secreta neles mesmos que atua favorável ou desfavoravelmente sobre os homens. O sacramento é profundamente diferente da magia. No sacramento se crê que Deus assume os sacramentos humanos, como o pão e a água, para, através deles produzir um efeito que supera as forças deles mesmos. O pão mata a fome e simboliza o aconchego familiar; na eucaristia, Deus assume esse simbolismo pré-existente, eleva-o à dimensão divina e faz com que o pão sacie a fome salvífica do homem e realize a comunidade nova dos redimidos.

O *ex opere operato* (traduzido literalmente: em virtude do próprio rito realizado) é uma expressão ambígua, mas que foi entendida pela Igreja sempre sem ambigüidade mágica. Negativamente quer dizer: a graça sacramental não é causada em virtude de alguma ação ou de algum poder seja do administrante, seja do beneficiário. É causada por Deus mesmo. É Cristo quem batiza, quem perdoa e quem consagra, o ministro empresta-

lhe os lábios indignos, empresta-lhe o braço que pode perpetuar obras más e empresta-lhe o corpo que pode ser instrumento de maldade.

A graça acontece no mundo sempre vitoriosa, independentemente da situação dos homens. Positivamente significa: uma vez realizado o sagrado rito, temos a garantia de que Deus e Jesus Cristo estão aí presentes. O *Ex opere operato* não quer outra coisa senão revelar com toda ênfase esta verdade. Deus nos amou primeiro, ainda quando éramos seus inimigos. Amor gratuito e total em Jesus Cristo, na Igreja e nos sete sacramentos.

A teologia do *ex opere operato* quer afirmar a proposta sempre presente de Deus. Ela não se deixa vencer pela recusa humana. Ela continua permanentemente como oferecimento definitivo aos homens. Mas o sacramento não é constituído apenas pela iniciativa de Deus. É também resposta do homem à proposta divina. Somente na acolhida humilde do fiel, o sacramento se realiza plenamente e frutifica na terra humana empapada da graça divina.

O sacramento emerge, fundamentalmente, como encontro do Deus que descende ao homem e do homem que ascende para Deus. Sem esse cruzar-se, o sacramento permanece obra imperfeita. Daí não basta revelar o *ex opere operato*. Urge recalcar a necessidade da abertura humana, o *non ponentibus obicem* do Concílio de Trento. Este concílio reafirmou fortemente ambos os aspectos: a certeza indestrutível da simpatia divina

que jamais se nega, apesar da recusa humana, e a urgência da conversão e da remoção de todos os obstáculos para que o encontro divino-humano aconteça e se realize plenamente o sacramento.

A graça do sacramento... é conferida àquele que não lhe opõe óbice ou impecilhos (DS 1606). Caso contrário, a graça é visibilizada, faz-se o gesto indicador da presença do Senhor em nosso meio, e Ele não é acolhido, encontra portas fechadas e se repete o drama do Natal: Veio para o que era seu, e os seus não o receberam... porque não havia para Ele lugar na estalagem...(Jo 1,11; Lc 2,7;).

Ora, se Cristo é a missa. E vale na medida em que Cristo está presente. E está presente *ex opere operato*. Conseqüentemente, diz L. Boff: o sacramento não é apenas o rito. Para sua plena realização supõe toda uma vida que se abre como a flor à luz ou como o girassol que vai acompanhando o percurso do sol.

Pertence essencialmente ao sacramento o processo de conversão e de busca de Deus. Não devemos representar o sacramento estaticamente e confinado temporalmente ao momento da realização do rito. A cerimônia é a culminância da montanha da vida. Até ela existe a subida, depois dela, a descida. Todo esse processo pertence ao sacramento. O homem vai descobrindo Deus e sua graça nos gestos significativos da vida. Vai se abrindo. Vai acolhendo seu advento. Vai festejando sua Epifania. Até, que

na cerimônia oficial da comunidade de fé, celebra e saboreia a diáfana divina através das fímbrias frágeis dos elementos matérias de das palavras sagradas.

Após a cerimônia sacramental o fiel vive da força haurida e prolonga o sacramento para dentro da vida. A graça o acompanha sob outros sinais , levando-o de busca em busca e de encontro em encontro para um derradeiro e definitivo abraço.

Sem a conversão, a celebração do sacramento é ofensa a Deus. Significa jogar pérolas aos porcos, querer colocar os gestos de máxima visibilidade de Cristo no mundo, sem a adequada purificação interior. Para o encontro deve-se estar com o coração na mão. Para o amor , puro. Para a festa, reconciliado. Sem o preparo, o encontro é formalismo. O amor, paixão. A festa, orgia. (Boff 1990, pp.65-71).

Para o fiel, a missa que vem a ele pela televisão é a mesma da qual participaria em sua comunidade. Ele se sente católico porque, com esta missa, exercita a sua fé, sentindo-se integrado a uma grande comunidade de pessoas, vivendo a mesma fé da Igreja.

Se importante na comunidade fé é a presença de Cristo, essa presença pode acontecer de vários modos “Podemos dizer que a celebração é a *atualização ritual* da fé . Exige a dimensão comunitária do homem que se expressa pelo rito. O sinal é necessário. O primeiro sinal é a Palavra. E

esta pode alcançar os membros da comunidade, de várias formas e, hoje, de modo direto e imediato, pelo Rádio e pela Televisão” (CNBB 70, p 34).

Continua a CNBB dizendo: A questão é: Será necessária hoje a Assembléia reunida para se realizar o memorial? Ou este memorial da salvação poderá realizar-se em formas mais amplas? Parece-me que estudo da possibilidade de existência de Assembléia eletrônica já chegou a uma conclusão positiva. A Missa de um padre a sós não confirma isso?

Biblicamente, a Palavra e o Sacrifício são dois elementos essenciais da celebração. Resultam numa presença de Deus no meio do povo. Presença maior será o Cristo (CNBB, 70).

Para concluir: A revelação da comunidade não exige necessariamente a presença física. Basta o desejo explícito de estar lá: Foi o modo de presença adotado por Jesus junto a centurião: “Basta que digas daqui uma só palavra e o meu servo lá em casa ficará curado”. (Mt 8, 8).

O desejo de expressar a Comunidade ultrapassa a Assembléia: comunhão levada aos ausentes, o ‘fermentum’, pedaço de hóstia levado a outras Igrejas no sentido de confirmar a unidade de fé com a Igreja de Roma.

Daí podermos falar de sacramentalidade da Comunidade convocada, constituída, vivificada e expressa no Radio e na TV, é o que começamos a chamar... de Assembléia eletrônica.



Parece-me, continua dizendo Beckhäuser, que a celebração cristã como memorial não exige necessariamente Assembléia no sentido estrito. O mais importante seria a comunidade.

Devemos lembrar-nos, contudo, que estamos numa situação mais privilegiada do que nos tempos de Justino e de Cipriano. Se, então, os fiéis ausentes podiam participar da ceia do Senhor pela Comunhão, hoje, pelo Radio e pela TV, a participação poderá ser muito maior; de certa maneira, pode-se participar da Assembléia reunida, da palavra, da oração, do sacrifício de ação de graças, e é, até possível, participar da Comunhão eucarística, se lhe for levada.

A partir das nossas reflexões, creio que deveria ser revista a questão da obrigação ou do preceito dominical de participação da Eucaristia. A participação plena na Ceia do Senhor está sempre relacionada às possibilidades de cada indivíduo, conforme as circunstâncias em que se encontra, pois, todos participam... embora de modo e intensidade diferentes. *Não deveríamos perguntarmos se vale, mas dizer que para todos tem valor, por que todos, a seu modo, participam do mistério da salvação pelo memorial da morte e ressurreição de Cristo renovado em cada Eucaristia.*

Isso deverá... conduzir à valorização de tantos elementos preciosos da Missa, que podem ser vividos, de maneira forte, através da “Assembléia eletrônica”. (Apud. CNBB, 70, pp. 38-42).

## **5. A Missa como Sacrifício de Cristo**

Missa está ligada à idéia de feira. A feira atual como exposição de objetos mercantis e industriais é uma descendente degenerada (sic) da Missa (Messe).

Mas não é só no plano histórico e lingüístico que a Santa Missa está ligada à feira. Se refletirmos bem, a Santa Missa é também uma espécie de feira. É a mostra da bondade infinita e incomparável do Deus que nos dá o Unigênito Filho. É um “sacrum commercium”, uma troca sagrada entre os bens terrenos e os bem eternos. ( Schnitzler, 1987,pp 15-16).

A Santa Missa tem a ver também com as palavras que lhe deram o nome: “Ite missa est”. O termo missa é a forma latina tardia de *missio* ou *dimissio*= despedida. Missa, palavra aparentemente muito clara e que, no entanto, muito encobre.

Seja como for, o termo *missa* nos comunica alguma coisa daquilo que é mais importante na ação sagrada. Ela é a sucessora neotestamentária da refeição pascal do Antigo Testamento.

A respeito desta, a ordem era que se comesse apressadamente, de sandália nos pés e cajado na mão (Ex. 12,11).

Tratava-se, com efeito, da refeição sacrificial, antes de saírem da “casa da escravidão do Egito, em demanda da Terra da promessa. A missa também é uma refeição em que se come do sacrifício do Cordeiro. Esta refeição nos dá forças para sairmos da “casa da escravidão”... A saída se realiza depois da refeição. A Liturgia sagrada não é um fim em si mesma: ela é *Missa*, está voltada para a missão que nos é imposta, não somente de percorrer este mundo, mas de ajudar a transformar a face da terra prometida por Deus.<sup>6</sup>

A refeição sacrificial, como se vê, dá forças para saída. Falemos mais especificamente da Missa como Sacrifício.

A melhor teologia do sacrifício é a que nos oferece Pio XII na Encíclica “*Mediator Dei*” (1947). Talvez possamos resumí-la como segue:

O sacrifício, a entrega de si mesmo a Deus ou aos homens, apresenta sempre dois planos: o plano da disponibilidade para o sacrifício e a realização concreta deste sacrifício. Os dois planos se relacionam entre si...

Pensemos no martírio. Dois elementos são necessários. Para aquele que é impelido involuntariamente à morte por causa de Deus, a sua entrega pode ter um desfecho sangrento, mas não constitui um sacrifício, pois falta

---

<sup>6</sup> As idéias desenvolvidas sobre a Missa são retiradas de Schnitzler, pp. 15-; 42 -55

o desejo de se sacrificar, que é a alma do sacrifício. Para aquele que está pronto, com sincero desejo, para o martírio, sem que, no entanto, chegue a hora que lhe pede a consumação do sacrifício, não faltam as componentes psicológicas do sacrifício.

Francisco e Teresa, entre outros, foram mártires até o extremo, neste sentido de entrega espiritual. Certas vítimas da perseguição nazista sofreram o martírio corporal, no primeiro sentido, sem que, no entanto, houvesse o sacrifício espiritual. As palavras-chave latinas são *immolatio* (consumação do sacrifício) e *oblatio* (disponibilidade para o sacrifício).

Aplicado a Jesus Cristo, isto significa, que a vida inteira do Senhor foi uma *oblatio* única e sempre nova. Sua entrada no mundo foi acompanhada da oração sacrificial: “Eis-me aqui, eu vim para fazer a tua vontade” (Hb. 10,7). Ele anseia por ser batizado com o batismo da Paixão e sofre angústias, até que seja consumido (Lc. 12,50). Noutra passagem ele declara que o filho do homem veio para dar a sua vida em resgate de muitos (Mc. 10,45). Seus discursos de despedida são uma espécie de prefácio ao sacrifício.

A Instituição da eucaristia se refere ao sacrifício da cruz, ao sangue derramado para a salvação de muitos. Assim, os testemunhos da sua *ablatio*, da sua prontidão para o sacrifício, de seu desejo de entrega, impregnam todo o Evangelho. Sua *immolatio*, a consumação de seu

sacrifício, consiste em toda sua paixão, desde o Monte das Oliveiras, a traição de Judas e a prisão, até suas últimas palavras, seu último suspiro.

A consumação do sacrifício, em cada caso, é sempre uma ação histórica única e singular. Verdade é que ela pode se realizar em diversas etapas. Entretanto, é irrepitível, porque se completa justamente com a morte. A disponibilidade para o sacrifício, pelo contrário é estática. Pode ocupar toda uma vida. E pode também prosseguir, depois de sua consumação, como atitude fundamental. De fato, a disponibilidade para o sacrifício nada mais é do que o amor para com Deus. Ela perdura também na eternidade.

A cruz, por conseguinte, é a consumação de um sacrifício, é uma *immolatio*, única e historicamente irrepitível. É neste sentido que a Epístola aos hebreus fala do sacrifício da cruz. Jesus Cristo é o sumo sacerdote que oferece um sacrifício, “uma vez por todas, imolando-se a si próprio” (Hb 7,27).

Cristo entrou no Santuário como sumo sacerdote dos bens vindouros da salvação... com o próprio sangue, obtendo uma redenção eterna (Hb 9,11-12). Ele ofereceu um só sacrifício pelos pecados, “De fato, com este único sacrifício, levou à perfeição e para sempre, aqueles que ele santifica” (Hb10,10.14). A disponibilidade de Jesus para se sacrificar, seu amor sacrificial por nós perdura, conseqüentemente, por toda a eternidade.

Daí, se conclui que o ato sacrificial de Jesus, realizado uma única vez e subordinado às leis do espaço e do tempo, é um acontecimento passado, mediante o qual se realizou a grande obra da redenção. É um fato que não se repete nem precisa ser renovado, porque por seu intermédio foram renovadas todas as coisas. Mas permanece para sempre o seu amor sacrificial, na disponibilidade para o sacrifício, sua entrega por nós no sacrifício. Quando Jesus vem até nós, nele e com ele vem igualmente o seu amor sacrificial, torna-se também presente o seu sacrifício que é amor para conosco.

Sobre o pão, ele pronuncia estas palavras: “Isto é o meu corpo!” E sobre o cálice: “Este é o meu sangue!” Segundo o modo hebraico de expressar, estas palavras significam: “Isto sou eu! Eu estou aqui!” E juntamente com ele, portanto, também os sinais de seu sacrifício, que o seu corpo trás nas marcas das chagas, e com ele também o seu coração aberto! Com ele está presente o seu amor sacrificial, o seu sacrifício.

Neste sentido a Missa é verdadeiro sacrifício: a oferta de Cristo eternizada, tornada presente, mediante sua pessoa. A santa Missa não é sacrifício por uma repetição dos sofrimentos do ato sacrificial e do sacrifício consumado na sexta-feira santa.

Mas a Santa Missa não encerra apenas uma *oblatio*, isto é, o amor sacrificial do Cristo. Ela traz em si uma *immolatio*, uma imolação, que é

também da Igreja, da comunidade reunida, de cada pessoa individual que participa da celebração. Fomos redimidos sem nossa intervenção. O que cabe a nós é dar o consentimento ao sacrifício oferecido por nós. É isto que se faz na Santa Missa. Por meio dela, nos incorporamos ao ato sacrificial único de Cristo e deixamos que nossa vida seja transformada, por Ele, em uma oblação sempre nova.

Assim à Missa cabe verdadeiramente o nome de sacrifício. Nela está presente o amor sacrificial de Cristo; por meio dela nos transformamos, juntamente com Ele, em sacrifício vivo. Sem uma teologia adequada do sacrifício, a Missa não passa de uma reunião como tantas outras, de uma hora de recordação como centenas de outras. A essência da Missa consiste no ato sacrificial, mas, quanto a isto, é preciso dizer que não se trata de bosques sagrados da idade de bronze, e sim, exclusivamente do coração, daquele coração cuja única preocupação era e é nossa salvação – o nosso coração, que se abre num ato de entrega ao Senhor.

Essa entrega ao Senhor, pode acontecer e acontece, de fato na missa participada pela televisão, conforme os testemunhos de muitos fiéis teleparticipantes de “Santa Missa em seu Lar”, ao longo de uma história de 27 anos seguidos.

Nestes testemunhos transparece a ação do sacrifício de Cristo vivenciado, na maneira e no jeito de ser próprios, como é celebrada a Santa

Missa em Seu Lar, Missa de TV. Essa ação é percebida pelos fiéis e expressa em formas densas de emoção, de reverência, de exultação, de louvor, de agradecimento e fé irradiante procedente do Evangelho proclamado na Missa de TV e interpretado para a encarnação na vida do dia-a-dia:

*“Gosto muito de suas missas por causa da relação do Evangelho do dia com a vida da sociedade”. (Carta 8).*

*“Brilhante trabalho levando a Santa Palavra de Deus a todos os lares com muita seriedade. Nunca fazendo acepção de pessoas. A eficácia de tuas palavras é um dom divino”. É a convicção da carta 15.*

*“Ela, a Santa Missa, já faz parte da minha vida. Quando o senhor, Pe Djalma, se emociona, eu também me emociono porque vejo que ainda existem pessoas que não são máquinas” - manifesta a carta 22.*

*A carta 24 assim se expressa: “Além de dar a todos os brasileiros a oportunidade de entrar em contato com os ensinamentos da doutrina cristã, fortalece a nossa fé”. E detalha: “Tenho alcançado graças importantes e procurado por em prática os ensinamentos transmitidos durante as missas de TV. A Santa Missa nos traz muita paz e alegria logo pela manhã”.*



*Na Carta 34: “Vou à missa da minha paróquia para receber a Eucaristia mas gosto muito de ouvir sua pregação sobre o Evangelho e as comparações com a vida de hoje. Eu não perco no santo domingo a sua querida missa. Gosto do seu jeito de celebrar a missa...”*

*“Refere-se a carta 36. “Adoro quando o senhor fala a verdade sobre os políticos pulador de galho” (sic)”*

*A carta 42: “Gosto muito do modo como o senhor faz suas pregações, simples e de verdade tão realista onde muitas vezes conseguimos ver como somos. Essa minha prática dominical tem contribuído de forma muito eficaz com minha vida cristã e religiosa”*

*Manifesta a carta 43 e acrescenta resultados práticos: “A bênção aos doentes tem se transformado em cura tanto física quanto espiritual para muitos necessitados”*

*A 46 reafirma: “Ela é muito importante em nossas vidas. Dizemos que ela é uma fonte de luz que o Espírito Santo envia a todos que a assiste, com toda certeza. Sou admiradora muito grande de sua missa. Às vezes chego a perder o sono pensando no horário da missa”. E declara: “No último domingo, fiquei emocionada ao ver o senhor falar aquela história do irmão do Pe. Alaor”*

*E o conteúdo da carta 52: “Há 30 anos que não ando. Sempre assisto a sua celebração da missa. Quero declarar que encontro nesse programa um conforto, um consolo. Quero lhe deixar consciente de que seu trabalho se faz muito importante para pessoas como eu que estou em cadeira de roda”. É o testemunho eloqüente da carta acima citada.*

Concluindo pode se dizer que a Missa em sua essência é um sacrifício que estamos vivendo. Ela só tem valor quando em continuidade com nossa vida, mas é também um momento de vida intensa(Béguerie, 1978, p. 91). Além disso, ela é o desdobramento dinâmico do sacrifício primitivo *do* deus, sublimado em Jesus Cristo, referência e fonte de pertença. Os testemunhos das cartas recebidas o confirmam, como é possível deduzir dos relatos acima mostrados.

## **CAPÍTULO - II**

### **PERTENÇA EM HERVÉ CARRIER-ÉMILE PIN**

#### **1. Pertença Religiosa, Centro da Problemática Psico-Social**

Das considerações sobre ‘Santa Missa em Seu Lar’: seu pioneirismo, sua existência, sua história, sua eficácia junto ao povo de Deus, surgiu, como resposta, a realidade da pertença, confirmando o seu valor como instrumento pastoral de evangelização, tecnologicamente, expressa e difundida.

Tratando-se, porém, de trabalho dissertativo, fez-se necessário conhecer-se mais a fundo o que essa pertença significa e qual a sua importância no conjunto do trabalho. Recorreu-se, portanto, aos mestres no assunto Hervé Carrier e Émile Pin psico-sociólogos. Começam situando: “Pertença Religiosa é tema que nos situa no próprio centro da problemática psico-social, A pertença social se apresenta como problema de dupla vertente: da psicologia individual e da sociologia dos grupos. A pertença

social diz de um membro filiado a um grupo. E esse grupo só é entendido, verdadeiramente, se acolher o outro. Nossas atitudes mais profundas... se referem, de ordinário, aos grupos ou comunidades imediatas que nos inspiram valores, preferências, escolhas”(Carrier-Pin,1967)<sup>7</sup>.

A referência ao grupo social que primeiro se apresenta contemplado nos testemunhos das cartas recebidas é a família:

*“Aos 81 anos junto com minha esposa assisto a “Santa Missa em seu Lar”, todos os domingos. Sou mineiro, mas resido em Goiás desde 1951. O domingo que o Pe. Djalma não celebra, eu passo o dia com a impressão de que me falta alguma coisa. Eu e minha esposa nada fazemos antes de ouvir a “Santa Missa em nosso Lar” (carta-40).*

A outra reforça o conteúdo da pertença:

*“Essa minha prática dominical tem contribuído de forma muito eficaz com minha vida cristã e religiosa. A bênção aos doentes tem se transformado em cura tanto física quanto espiritual para muitos necessitados. Sou muito grato a esse celebrante Pe Djalma” (Carta 43).*

---

<sup>7</sup> Este texto da pertença religiosa está baseado na pesquisa de Hervé Carrier e Émile Pin. Essais de Sociologie Religieuse. Paris: Spes, 1967. pp.131,330- 335; 338-346.

Aqui, o acolhimento ao outro é explícito em “para muitos necessitados”.

A pertença religiosa é importante item de cidadania social. Contribui positivamente para afirmação da personalidade, quando a religião goza de bom nome. Denigre a pessoa ou o grupo todo, quando pertencente a uma religião que vive em confronto com a sociedade. É voz geral, por exemplo, que “crente é mau pagador”, talvez por se considerar “salvo”. Conotações à parte, a pertença religiosa é dado objetivo, fato, externamente, observável. É ocorrência pública, traço do estado civil consagrado por recenseamentos nacionais. Por trás desse aspecto formal... está a qualidade ou a firmeza da convicção religiosa que é interessante examinar. Não se trata ainda de se prejudicar sobre a intensidade dos sentimentos religiosos. Pois, o conceito de pertença tem a vantagem de ser relativamente neutra. Formalmente, diz menos que o conceito de filiação ou de adesão voluntárias.

A qualidade da firmeza da convicção religiosa acontece aqui explícita:

*“Tenha certeza, irmão, você está no caminho certo. Quer mais uma prova de que a missa é tão importante?*

*Quando tinha uma loja no centro de Anápolis, com uma grande clientela... dizia-lhes: se vocês, (filhos) assistirem a missa pela TV, dou-lhes uma fazenda...” (carta 64).*

A firmeza de convicção de que falam Carrier-Pin como conteúdo a examinar por dentro da noção de pertença flui automaticamente também nesta outra fala:

*“É uma grande graça, pela TV, participar da celebração Eucarística presidida pelo Pe Djalma.*

*Nós apreciamos muito e participamos com toda atenção. É o padre, Ministro de Deus, dentro do nosso lar. Aqui em Uruaçu, várias famílias assistem a “Santa Missa em Seu Lar”. Gostamos muito de suas homilias práticas, como verdadeiras, fala com tanta firmeza, clareza, uma linguagem carinhosa, simples, bem de acordo com a capacidade de entendimento do povo simples de fé. Não é Missa enlatada, preservada, é um programa Eucarístico muito bonito...”*  
*(Carta 56).*

### **1.1. A Pertença se Desdobra**

A parte teórica da pertença prossegue se desdobrando na exposição de Carrier, Pin.

A noção de pertença inclui todas as massas de fiéis agregados à essa. No seio, porém, dessa massa aparecerá toda gama de firmeza de ligação psicológica à Igreja. O estudo de pertença permitirá precisamente compreender esta intensidade variável de filiações na comunidade eclesiástica. Para apreciação da escolha que se configura como um

*contínuo* de intensidade, coloca-se na extremidade negativa os católicos só de nome, os que se dizem católicos apenas para ter uma referência de estado civil. No extremo oposto, têm-se os fiéis plenamente identificados com a Igreja e com suas atividades.

Começou-se aqui a armação do esquema analítico para se conseguir verificar os diversos níveis de pertença a uma instituição religiosa. Como se viu, primeiro a constatação dos extremos: os opostos são muito fáceis de serem percebidos e identificados; daí, a perspicácia de estratégia da pesquisa. Seria o mesmo que rotular: quem não é de nada, de um lado, e quem é convicto de sua adesão, de outro. Exemplo típico de adesão convicta, as cartas apresentam por unanimidade. Dentre todas, escolheram-se estas para comprovação e ilustração concretas da análise:

*“Nada nos faz deixar de ouvir esta Missa em Seu lar. Se por acaso não a celebre, para nós é um dia incompleto...Que esta missa nunca nos falte!” (Carta 57).*

A carta seguinte reafirma a convicção e se aprofunda na sua validade:

*“Acho a Santa Missa em Seu Lar maravilhosa! Para mim é a mesma coisa que ir à igreja. Desde que moro aqui, não perco uma Santa Missa em S. Lar” (Carta 70).*

As demais conotações do esquema se colocam entre esses extremos. É como se expressam os psico-sociólogos: Entre os extremos, distinguem-se os graus intermediários de participação e de identificação exterior e ocasional, a intermitente, a acentuação das principais normas eclesíásticas, a identificação total ao serviço da Igreja.

A noção de pertença inclui todos esses. Essa descrição concreta é muito sugestiva para o psico-sociológico, por que faz surgir interessantes problemas como: motivações, integração pessoal e social, identificação com o grupo, participação psicológica.

O que se percebe nas cartas expedidas, espontaneamente, para o programa de ‘Santa Missa em Seu Lar’: Todas elas demonstram um grau expressivo de convicção de fé católica. As pessoas que as escrevem, estão além de aceitarem as principais normas eclesíásticas. Têm uma identificação total com a Igreja. Senão, vejam estes testemunhos:

*“Gosto muito de suas missas. O senhor fala aquilo que a gente quer ouvir. Uma outra coisa positiva é que o senhor está sempre falando e combatendo as coisas erradas de nossa Igreja e de quem a administra. Tem padre que fala mal de todas as religiões e pessoas, mas não é capaz de olhar os erros de sua própria Igreja” (Carta 162).*



A identificação chega a ser crítica, aceitando e elogiando a postura do padre de ‘Santa Missa em Seu Lar’ em contraposição a outros padres que não têm esse olhar de realidade e de serviço à própria Igreja. Servem-na de olhos fechados, considerando-a pronta, superior a todas as outras. Esquecem-se de que a própria Igreja já amadureceu a esse respeito e tem para si o conceito de ser “Santa e Pecadora” ao mesmo tempo, como expressa o Padre Zezinho:

“Uma religião que não se proclama SANTA não tem o que dizer em termos de esperança a nenhum dos seus ouvintes. Mas, se também não se proclamar PECADORA, está brincando com a VERDADE. E a verdade é que as religiões são um projeto de vida para os indivíduos e povos, que são seres humanos falhos e pecadores. Uma religião, que não admita a procura de Deus, não é honesta. E sem honestidade, nenhuma religião merece existir. Se age como quem encontrou Deus e sabe tudo sobre Ele, está pregando não a verdade sobre Deus, mas um Deus que cabe na sua verdade.

As muitas religiões do mundo mostram uma grande verdade: *A verdade não é tão fácil nem tão clara como parece!* E não é gritando mais, prometendo mais, ameaçando mais que uma religião fica mais verdadeira. Pode até crescer, mas nem por isso, fica mais verdadeira.

Um católico que não admite que sua Igreja já errou e, talvez ainda vá errar muitas vezes, é ingênuo. Mas se não tem esperança na sua Igreja e não vê os sinais de santidade que há nela e, por isso corre para outras Igrejas, esperando achar ali uma Igreja Santa e Não-Pecadora, comete erro ainda maior. Todas as religiões são santas e pecadoras” (Oliveira, 1997)<sup>8</sup>.

### **1.2.A Participação à Distância Revela Pertença**

A pertença se faz viva na fé, mesmo participando à distância. As pessoas de fé atingem o que é essencial à essa fé e não se perturbam com as distinções e as condicionantes dos ‘entendidos’, dos sábios deste mundo. Elas têm ‘o faro de Deus’, diziam os redentoristas alemães. Por isso, independentemente das questões teológicas, aderem diretamente ao mistério. Esta assim se expressa:

*“Quero dizer que Santa Missa em Seu Lar é muito importante. Eu me sinto como se estivesse participando na Igreja. Pena que é só um dia na semana! Mas é muito importante mesmo! Despeço-me pedindo sua bênção”!(Carta 165).*

O conteúdo teórico sobre a pertença se desdobra e contempla obrigatoriamente o problema da não pertença, ou seja, dos novos possíveis membros. É a questão do proselitismo, do reinado da Igreja, o problema da

---

<sup>8</sup> Complementam as idéias desenvolvidas no texto as contribuições de José Fernandes de Oliveira (Pe

conversão, do apostolado em sentido pleno que se abrem aos nossos olhos. Pergunta-se: como, no mundo moderno, os não-cristãos virão conhecer a Igreja e a ela se filiar eventualmente? Quais são os obstáculos psicológicos de ordem perceptiva, representativa, motivacional, cultural que impedem a adesão de adultos à Igreja? Por que cominhos de *comunicação e de difusão* a Igreja Universal ou as comunidades locais podem se revelar na sua autenticidade e solicitar eficazmente uma filiação, uma ligação, um sentimento de pertença? Pelo viés da pertença à Igreja, encontram-se as questões mais vitais do comportamento religioso e se alcançam, de novo, as estruturas concretas da comunidade.

O item acima exposto constitui verdadeiro desafio para a Igreja. Trata-se de sua subsistência e manutenção como entidade de fé. Entre tantas perguntas já feitas, pergunta-se mais: Como conquistar novos membros sem agressões a outras posturas religiosas? E como manter fiéis os que se encontram nela?

Novamente esclarecem essa preocupação de fundo as palavras de Oliveira:

*“O fenômeno da religião está nesta palavra: (Reunir-se). As pessoas se reúnem também em torno da religião. Espontaneamente ou de maneira organizada manifestam,*

*juntas, a sua fé, ou seu desejo de crer. Crer junto, celebrar junto, orar do mesmo jeito lhes dá maior certeza e maior segurança de que não estão sozinhas. Não imaginam que possa haver outra verdade e outras experiências fortes de Deus. Há muitíssimos que acham que acharam a única água que realmente faz bem. E gastam boa parte do tempo falando mal das outras águas de salvação, incitam seus fiéis a exportar suas águas e sonham com o dia em que todos matem a sede, apenas e tão somente, com a água da fonte que nasce no terreno deles” (Oliveira, 1997).*

Religião é coisa linda. O fanatismo é cruel, tolo e mau. Tome cuidado com os proselitistas e convertedores de gente! Não são pessoas normais. Eles não acreditam na água. Acreditam na fonte e na distribuidora... Não é Deus que eles anunciam. É o seu grupo e a sua marca registrada. Com cervejas e refrigerantes pode dar certo. Com religião, em geral, mutila.

A resposta do Oliveira contempla mais o aspecto psicológico do como não fazer o proselitismo. O fazer e de modo decente é mais bem exposto por Leonardo Boff quando diz:

*“A teologia foi por séculos argumentativa. Queria falar à inteligência dos homens e convencê-los da verdade religiosa. Os sucessos foram poucos. Convencia, geralmente, só aos já convencidos. Elaborara-se na ilusão de que Deus, seu*

*desígnio salvífico... pudessem ser aceitos intelectualmente sem antes terem sido acolhidos na vida e transformado o coração. Esquecera-se... o fato de que a verdade religiosa... primeiro, e fundamentalmente, ela é uma experiência vital; um encontro com o Sentido definitivo. Somente depois, no esforço da articulação cultural, ela é traduzida numa fórmula e é explicitado o momento racional que ela contém”. (Boff, 1995).*

Para alcançar o ‘acolhimento na vida e a transformação do coração’, de que enfatiza Boff, é preciso ser

*“uma pessoa serena e capaz de respeitar a fé do outro. A marca de quem ama realmente Jesus e o segue é: ver Deus agindo no outro, sendo ele católico, espírita ou crente de outra Igreja” (Oliveira, 1997).*

Quanto ao canal de transmissão deve-se acatar a ordem do Concílio Vaticano II: “É absolutamente necessário fazer uso dos vários instrumentos de comunicação social para anunciar o Evangelho de Cristo, pois, o “Evangelho deve atingir a todos” (Christus Dominus, p 13 {c).

### **1.3. Análise Sistemática da Pertença**

Carrier, Pin estabelecem então um modelo de análise sistemática para conferir consistência à pertença. Essa análise consiste em tratar a pertença religiosa como uma *atitude de comportamento*. E a atitude mesma, nesse caso, é a maneira pessoal de se perceber o objeto, de reagir

em sua presença, preferindo-o ou rejeitando-o. Aplicando esse conceito de atitude ao fato de pertencer a um grupo religioso, a partir do exterior, surgem outras atitudes bem determinadas sobre o plano social, político, familiar etc, transformando a pertença religiosa numa fonte de atitudes.

Nessa análise, o que é preciso perceber, é o vínculo psicológico, a volta mesma à Igreja. Ver a pertença como atitude específica, além de fonte de atitudes profanas, como disposição distinta “sui géneris”, sem par. O psico-sociólogo a vê como a volta psico-social do membro ao seu grupo religioso. Sobre essas descrições, surgem perguntas: Como nasce o sentido de pertença? Como fortalece, prossegue, cresce e se esvazia?

Conforme o esquema, é preciso analisar duplamente o fenômeno de integração: ao nível da personalidade e no âmbito das estruturas eclesiais.

Na origem da pertença, estuda-se o papel da família, a função da escola, a catequese, o efeito integrador da pregação, a participação litúrgica. A seguir aprecia-se a *coesão* da atitude religiosa. Isso nos leva ao plano de grupo, à sua base, onde o status e desempenho do fiel serão mais bem definidos no seio da comunidade cristã. A coesão será mais íntima, conforme a participação concreta do culto. Mais profunda, face à identificação com o grupo.

A intensidade de volta à Igreja poderá ser influenciada por outras variáveis: a dimensão da comunidade cristã local, o status do padre e dos responsáveis paroquiais, a distância sócio-psicológica entre os próprios fiéis, a orientação da pregação, a eficácia dos grupos, as solenidades vividas entre a comunidade local e suas vizinhas. A própria imagem, que se tem da Igreja no ambiente, contribuirá para reforçar ou para diluir o sentido de pertença<sup>1</sup>.

Destacam-se entre todos os detalhes da pertença “a volta à Igreja e a coesão da atitude religiosa”. Uma volta é sempre uma redefinição de rumo, uma retomada de perspectivas, é uma correção de rota.

Quem faz isso, está aprimorando-se à conquista do objeto que tem em mente alcançar. A Igreja está cheia de filhos e filhas ilustres que souberam, em tempo, redefinir as suas metas e voltaram-se à ela, converteram-se, mudaram de vida: A cavalo, era Saulo. Caído dele, levanta-se Paulo! A soberba dá lugar à humildade. E nessa fraqueza, se manifesta o poder de Deus: “Quando forte, era fraco. Agora que sou fraco, tenho a fortaleza de Deus. Por isso: tudo posso naquele que me conforta”(2 Cor, 12,10). É a linguagem e a verdade da volta. E, à medida que a volta se concretiza, ela vai estabelecendo vínculos que exigem coesão. A coesão na pertença é a “prova dos nove” da volta. Não basta simplesmente voltar. É preciso coerência entre o que se pensa, o que se diz e o que se faz. Os

escândalos na Igreja, na sociedade e na vida vêm desse descompasso. Há quem fale muito bem, pregue como santo e age ao contrário do que diz ou, simplesmente, se omite. São estrelas que brilham nas solenidades, mas não resistem ao quotidiano da rotina: “Por fora, bela viola./ Por dentro, pão bolorento”, reza o provérbio.

De outro lado, a coesão hercúlea de Santa Terezinha do Menino Jesus vivendo o ordinário de forma extraordinária. “Quando morreu, não encontraram nada de importante feito em vida. Depois descobriram que era a maior santa do século XIX: A título de exemplo: no dia de sua profissão religiosa, uma freira ao prepará-la para a cerimônia a espetou com o alfinete que-lhe prendia o véu. Para não ofender o entusiasmo da freira, ficou sentido-se crucificada com o Cristo. Descoberta a ferida após a consagração, desculpou o descuido da irmã”(Santa Terezinha do Menino Jesus, 2000, p 51). E não tinha feito nada de extraordinário! A coesão dos atos, portanto, confirma ou não a volta de pertença à Igreja.

Uma carta ilustra isso:

*“Eu sempre assisto à Missa pela Televisão celebrada pelo senhor. Faço-o com prazer! As mensagens que o senhor nos passa, são de profundo conhecimento do ser humano, trazendo do Evangelho os conselhos necessários para a filosofia de vida de hoje.*



*Obrigado, Pe Djalma, pela sua presença de esperança na tela da TV. Anhanguera, onde tenta abrir nossos corações, a nossa mente para mais amar e perdoar. Reze por mim e me dê a sua benção”! (Carta 75).*

Esta, então, é bem explícita em sua apreciação:

*“Gostaria de parabenizá-lo, Pe. Djalma: Pela conduta, pregações, sermões, interpretações da bíblia, na tomada de posições com firmeza diante das injustiças, as exceções de nossa sociedade e de alguns políticos aventureiros e desonestos. Gostaria que meu mestre abençoe (sic) a continuidade do meu casamento. No dia 21/12/99 estarei completando 40 anos de casamento. Bodas de Esmeralda” (Carta 76).*

Existem ainda, nesse contexto teórico sobre a pertença, a questão das motivações positivas e negativas... Nas positivas, o vínculo à Igreja é reafirmado e reforçado. A psicologia oferece pistas de análise muito sugestivas. Ela diz: o sentimento religioso polariza o dinamismo da personalidade e consegue agitá-la com o propósito de unificar o psiquismo. Além disso, constata que entre os sentimentos humanos, talvez, não haja nenhum outro mais forte do que sentimento de pertença religiosa.

É clara como a água límpida das fontes essa verdade!

Os trezentos anos de perseguição romana aos primeiros cristãos constituem testemunhos eloqüentíssimos desse sentimento de pertença religiosa. As arenas de todo o Império Romano viram o que os olhos duvidavam: A coragem intrépida dos mártires de todas as idades, etnias e condições sociais. “o sangue dos mártires é semente de novos cristãos” já dizia Tertuliano, (De baptismo, 18). Era a pertença se confirmando e suscitando, simultaneamente, novas adesões, aos milhares, à Igreja.

Na revolução do México em 1936: o padre Pró e outras tantas pessoas foram fuziladas. Antes, porém, gritavam os mártires: “Viva Cristo Rei!” Na última guerra, num campo de concentração nazista, Martiniano Kolbe oferece-se para morrer no lugar de um companheiro de cela. O castigo de deixá-lo morrer à míngua, dentro de um buraco, não surtiu efeito. Encontraram-no, após vários dias ali dentro, vivo, cantando ao Senhor. Foi preciso aplicar-lhe a injeção letal. “O nosso coração está inquieto até que descanse em ti, Senhor”, (S. Agostinho, Confissões, p. 30).

De outra parte, dizem Carrier, Pin, há mudanças negativas e fenômenos de ruptura na adesão à Igreja. Surgem, então, perguntas: Como se estabelecem junto ao fiel os sentimentos de indiferença ou de apatia? Como o crente se afasta gradualmente da comunidade de fé e como chega a romper com ela bruscamente? À que profundidade psicológica atende a ruptura psicológica?

Tais perguntas deveriam ser respondidas por Lutero, que era monge agostiniano na Igreja. Calvino, educado pelos jesuítas de França. Henrique VIII da Inglaterra, que até recebera de Clemente VII o título de “*Defensor Fidei*”, o Defensor da Fé! Voltaire que perseguia a Igreja e a odiava chamando-a de “A infame”. E tantos outros...

Para o católico quando se fala em comunidade de pertença, ele entende logo a Igreja Universal. E é realmente à ela que se agrega pelo batismo. Mas no plano psico-sociológico todo um resíduo de estruturas mediatiza a ligação com a Igreja: a paróquia, as associações, as comunidades religiosas, os agrupamentos católicos etc.

Finalmente, o que interessa mesmo, é que “a Igreja somos nós” (Lúmen Gentium, 53). As mediações apenas formalizam a pertença. É relação com o próximo que aprimora ou não a pertença, a estabiliza ou a dilui. Em suma, a pertença vive do amor.

#### **1.4. Atenção Toda Especial aos Grupamentos Restritos**

Para compreender a integração social das pessoas e a coesão dos coletividades, o psico-sociólogo presta atenção toda especial aos grupamentos restritos, às comunidades primárias que servem de quadro integrador imediato e de primeira escolha na filiação à sociedade total e pergunta: Como essas micro-estruturas: família, escola, comunidade,

associações paroquiais e dioceses podem servir de referência e de quadro integrador, de centro de participação religiosa, de fórum de transmissão de valores e de normas cristãs? Quatro condições serão acentuadas para que os fiéis se comprometam, psicologicamente, como membros da Igreja:

1. Mínimo de interação ao grupo.
2. Aceitação dos valores e das normas desse grupo.
3. Identificação, de algum modo, com o grupo.
4. Reciprocidade do grupo ao acolher os membros como integrantes legítimos.

Os itens acima elencados como critérios mínimos de pertença à Igreja são, soberbamente, correspondidos e contemplados pelos testemunhos das cartas de 'Santa Missa em Seu Lar'. Preenchem todos os requisitos de pertença quanto à família, à assiduidade, à tradição, à renovação da fé e ao Evangelho: Palavra/Mensagem, à vida como parte importante dessa pertença, às Emoções: Paz, Alegria, Amor, Bênção, Cura, Saúde.

Dentre as 186 cartas podem ser destacadas as de número: 40-43-56-57-64-70-106-119-137-149-163-167-176 no item família.

Parte da vida: 92, Evangelho: Palavra / Mensagem: 52-54-81-111; Mensagens de Paz e de Amor: 162; Doença: Paralisia: 50-53-74-103-168; Assiduidade-Tradição

o: 48-52-60-73-74-77-88-103-119-120-133; Não deixe de transmití-la: 32-103-114. São 38 cartas relevantes entre a relevância de todas as 186 da amostra. A própria generalidade dos números, em si mesma, permite vislumbrar a contundência positiva da comunidade em assembléia proclamando, quase a canglor de trombetas e gritos fatais, a pertença ao novo povo de Javé: a Igreja.

Os testemunhos das cartas, em seu conjunto, assemelham-se, em força de expressar pertença católica, ao que fez Israel às muralhas de Jericó: “O povo gritou com força, tocaram-se as trombetas... e a muralha ruiu por terra...” (Js 6,20). Sinteticamente, equivalem, aqui, os testemunhos da 186 cartas.

A declaração de fé, tão forte se apresenta, que convence qualquer pessoa da importância dada por elas ao fato de pertencerem, com satisfação, à Igreja Católica. Isso derruba, fragorosamente, a ‘muralha’ de preconceitos e o sentimento de fracasso da catequese, reabilitado, espontaneamente, pela participação a ‘Santa Missa em seu Lar’, como instrumento novo de a todos ligar ao mistério central e essencial do cristianismo católico, a razão de ser de toda a sua missão apostólica, concentrada na missa, convicção essa, que a catequese conseguiu ‘inculcar’ e manter, a tal ponto viva e consciente, que para o povo, o ser católico

significa: ‘participar da missa’. Quanto maior a assiduidade a esse mistério, mais católico se sente.

Quem facilita o acesso ao mistério-central da fé, indo à sua casa e transformando-a em templo santo, onde a comunidade “em off” se reúne e consegue se revelar presente em unidade celebrante do Sacramento Maior, é ‘Santa Missa em Seu Lar’- combinação “da *forma* que a TV privilegia e do *conteúdo* transcendente do mistério pascal” (C.N.B.B. 70, p.14), comunicado e aprimorado pela técnica moderna de ponta.

O estudo da pertença religiosa é, portanto, central no campo das Ciências das Religiões, principalmente hoje, quando ser religioso não é mais um fato espontâneo. A pertença está ligada à atitude religiosa. E é coextensiva ao comportamento global, contendo aspectos perceptivos e cognitivos próprios, ligados às suas crenças e princípios de fé, tendo como substrato a *personalidade* e o desenvolvimento dessa, no ambiente circundante. Com essas características, a atitude religiosa de pertença se qualifica como um fenômeno sociológico e psicológico.

Assim, a atitude religiosa de pertença pode modificar desde escolhas familiares e econômicas, a posturas políticas e éticas (Freedmann, 1970)

É, naturalmente, um forte ‘divisor de águas’, referência obrigatória performativa e constituinte de cidadania.

## **2. A Pertença se Expressa Historicamente na Missa**

A maneira como vão ser expostas as considerações sobre a importância da Missa para a Igreja Católica segue o gênero literário, em algumas partes, midraxé-hagadá, usado pelos hebreus na antiguidade que amplia e reconta, com o objetivo de tirar lições edificantes para vida e tornar gradativamente mais claro o que se pretende ensinar (Boff, 1997). Desse modo, passagens mais importantes aparecerão novamente aqui e ali com alguma modificação dentro desse propósito.

Por conseguinte, para a Igreja Católica, a Missa é o centro de toda a vida cristã, o ponto culminante, para o qual tendem todas as ações apostólicas da própria Igreja (Concilium, 10§a). Em outras palavras: todas as atividades da Igreja têm um objetivo primordial: levar o povo católico a assistir e participar do culto divino, na santa missa dominical (Assis, 1968)<sup>9</sup>.

Há uma preocupação perene em torno da Missa. Ela é objeto de cuidado permanente. O núcleo central que Cristo nos deu, na Ceia, anda pelos séculos e cada época se esmera em cercá-lo com seus modos, sua linguagem, seus gestos. Cada povo deixa na ação solene a sua marca, o seu carinho, suprimindo e aumentando alguma coisa. Por isso, a Missa nunca

---

<sup>9</sup> Leonardo Boff contribui com as idéias sobre a evangelização nos seus métodos em Nova Evangelização. Perspectiva dos Oprimidos. Petrópolis; Vozes, 1990, pp. 30. 33- 35; 38- 39; 86- 87; 90- 92. Nesta parte sobre a importância dos meios de comunicação social, o conteúdo básico é compilado do

parou. Esteve sempre em ritmo de mudança. É a ânsia do homem em face do Absoluto. É a vontade de glorificar melhor o Senhor, fazer ação de graças: “Eis que eu renovo todas as coisas” (Apoc. 21, 5). Nossa Missa deve ter a presença total de nosso eu. (Noronha, 1970)<sup>10</sup>.

Noronha diz mais: O povo não pode mais querer Missa como contemplação do mistério, assistência passiva. Quer gastar sua energia e criatividade. A espontaneidade vai existir mais que o estruturado. As idéias marcadas pelo espírito bíblico não aceitam a fixação.

A Missa não é mais resposta às heresias, como no século VIII.

É vida para o povo: a ceia do Senhor. Foi-lhe restituído o seu sentido fundamental, o de Cristo, o dos Apóstolos. Tal qual o Senhor mandou: “Tomai e comei...” Ele usou os gestos do ritual de seu povo. Há grupos colocando a ceia do Senhor ali onde está a vida. Porque as leis nascem da realidade e não o contrário. Essa é a ânsia fundamental do povo: Voltar ao Cenáculo! Tudo o mais é um caminho para essa volta.

Reforçando ainda mais o que é a Missa para a Igreja Católica, diz Oliveira: A Missa é comunhão real com alguém, mais do que um simples

---

autor Paulo Avelino de Assis em: De Olhos Abertos para a Realidade. 4.ed. São Paulo: Centro Bíblico Católico, 1968, pp. 30; 120-126; 140-142; 1145-146; 164, 203, 271-272.

<sup>10</sup> Ilustra este texto Dom Marcos Antônio Noronha. A Igreja que Nasce Hoje. Petrópolis: Vozes, 1970, pp. 35- 36; 41- 42; 228.



homem, capaz de assumir no gosto de pão e vinho, a forma concreta de alimento para minha vida.

Frei Betto desenvolve esse pensamento sobre a eucaristia alimento, ao mencionar que todas as vezes que queremos celebrar a vida, recorreremos à comida e à bebida. E cada vez que comemos, ingerimos alguma coisa que morreu para nos dar vida.

Em todo ato de nutrição há uma dialética morte-ressurreição. Não só do alimento para a pessoa, mas também entre as pessoas que comem juntas e se nutrem na amizade, no bate-papo, no carinho. Jesus se introduz em todo esse movimento. Faz de sua morte alimento para a nossa vida. *Tomai e comei, isto é o meu corpo.*

O pão, fruto da natureza e do trabalho do homem e da mulher, torna-se por obra de Cristo, a sua própria vida que alimenta a nossa vida. Na comunidade que partilha as suas vidas entre si e com os outros, Cristo partilha a sua vida com todos. *Tomai e bebei, isto é meu sangue derramado por vós.* Assim, como Ele entregou sua vida por nossa libertação, devemos fazer o mesmo, entregar nossas vidas para que todos sejam livres. Tornar o nosso corpo e o nosso sangue alimentos para outras vidas. Seremos, então, hóstias vivas.

Cada vez que celebramos a eucaristia, reafirmamos essa memória perigosa para os poderes dominantes: a vida haverá de prevalecer sobre a morte. E há na eucaristia... uma denúncia: é injusta toda ordem social em que a comida e a bebida são apropriadas por uns poucos, em prejuízo da maioria. Portanto, quem não partilha seus bens, especialmente o bem maior que recebemos de Deus, a vida, não deveria se sentir no direito de participar da eucaristia (At 4, 32-37; 5, 1-11).

Retoma-se novamente a fala de Oliveira, onde ele diz que Deus não tem forma. Mas na Missa Ele assume uma forma. Por que, em termos bem simples, a Missa é uma refeição.

## **2.1. A Última Ceia de Jesus**

Foi desejo expresso de Jesus aquela refeição que seria a última ceia dele com seus discípulos. Cercou-a de tantos cuidados que cuidou até de detalhes (Lc 22, 1ss). Queria fazer dela um momento do qual os seus discípulos jamais se esquecessem pelo resto da vida. E foi assim que celebrou ali sua amizade com eles, colocou-os a par de suas esperanças, preveniu quanto a situações futuras, pediu unidade, tratou-os como amigos íntimos e insistiu no mandamento supremo da caridade. Fez dois gestos muito significativos: cingiu-se com uma toalha e lavou os pés dos doze, até

o de Pedro, que relutava em permiti-lo. Mais tarde, partiu o pão entre eles e também o vinho. E a lição ficou bem clara: quem é o chefe deve servir mais, e quem quiser tê-lo como amigo e como mestre deve aprender a repartir o pão e o vinho.

Foi mais longe: quem repartisse o pão e o vinho em memória dele, como ele fez e com o objetivo de chegar à unidade na caridade e na verdade, estaria recebendo mais do que comida: estaria fazendo parte de seu corpo e de seu sangue. E sempre que sentissem saudades dele, deveriam repetir aquele tipo de ceia. Isso feito, deixou claro que estava vivendo com eles os seus últimos momentos antes de ser morto pelos inimigos. Iria, então para o Pai, mas não os deixaria órfãos. Além disso, em cada refeição que fizessem em sua memória ele estaria presente com seu corpo e com seu sangue.

A primeira missa de Jesus tinha o objetivo de educar os discípulos para a *partilha do pão, do vinho e da palavra*.

## **2.2. As Primeiras Missas dos Primeiros Cristãos**

Paulo nos conta indiretamente que a missa foi um desejo explícito de Jesus. Acontece que, embora fosse algo bonito, começou logo a haver abuso entre os cristãos menos sinceros. As primeiras missas dos

cristãos eram verdadeiros jantares. Todos traziam comida e vinho e tudo era repartido entre todos. Esses jantares de irmãos eram chamados de *Ágape*. Antes, porém, de comerem, oravam, ouviam a palavra de Deus, davam testemunhos de vida, recebiam as orientações para viver como cristãos, ficavam sabendo dos projetos das diversas igrejas e do trabalho dos apóstolos e punham em dia muitas coisas da comunidade. Havia, então, a *Memória* do que aconteceu naquela *ceia* com Jesus, repartiam o pão e o vinho e se uniam assim a Jesus, que acreditava estar com eles naquele momento de amor fraterno e de partilha.

Não demorou muito, a comunidade preferiu acabar com os jantares cheios de comida e reduziu tudo à parte chamada *eucaristia*: “Hora de agradecer”. Assim acabou a comilança e a partilha de comida e bebidas e ficou só um pedaço de pão e um pouco de vinho para cada um. Pronto! Estava resolvido o problema do abuso. Daquele momento em diante, haveria só a celebração da Palavra de Deus, os momentos fortes da comunidade em prece e em meditação, os testemunhos, o reconhecimento de que todos eram santos e pecadores e a partilha do pão e do vinho em pequena quantidade.

### **2.3. A Transformação da Missa**

A transformação da missa se acentua à medida que a comunidade cresce. Outros elementos passam a pertencer-lhe, trazendo maneiras diversas de se comportar. Muitos, talvez, chegam atraídos pela novidade ou pelo exótico de ser cristão, sem muita convicção do que isso poderia significar. Aderem ao estereótipo e não ao conteúdo de propósitos do grupo. A banalização, portanto, do que lhes era mais sagrado, não demora manifestar-se: *Bebiam muito, comiam demais!*

Do fato praticado e reiterado, surge a necessidade da disciplina. E essa vem em forma de redução: Ninguém mais vai comer nem beber nas reuniões dali para frente. As reuniões vão concernir no essencial. Desaparecendo também a relação do conhecimento entre si, chegou-se à exigüidade do simbólico pura e simplesmente, com um mínimo de percepção do seu significado.

A descrição do ato continua a ser feita pelo Oliveira. Agora ele acrescenta: O vinho passou a ser oferecido apenas a pequeníssimos grupos de fiéis. A missa ficou mais o memorial daquela quinta-feira santa com pequenos gestos como o de lavar as mãos (ao invés dos pés), ler as cartas dos apóstolos ou livros da Bíblia e finalmente receber o corpo e o sangue de Jesus. Mas queremos insistir que a missa é uma refeição, e Jesus queria que continuasse sendo isso: um momento de comunhão plena da

humanidade com Ele e Nele, com seu Pai e seu Deus. Porque o Deus que Jesus veio mostrar ao mundo é um pai que mata a fome do ser humano”.

Nota-se claramente aqui a vinculação da vida ao alimento e, na falta desse, a fome ameaça a vida. É nesse triângulo: vida – alimento – fome que a religião se equilibra. E é na ausência do alimento que ela se desequilibra. A vida do homem, necessariamente, depende do alimento. E a questão de ele ser adequado e continuado, desdobrado a atender às diversas dimensões das carências humanas, é nele que se situa toda a estratégia de provisão e de distribuição que, em termos nossos, se configura como justiça social ou injustiça social.

É em torno do sustento que a religião se estabelece e é por causa dele que se mostra verdadeira ou duvidosa, desde que seu objetivo é defender a vida que se mantém ou não na relação – alimento. O homem só entende as verdades transfiguradas, a partir do que lhe chega da garantia do sustento alimentar. Alegrado pelo concreto mastigável, pode sonhar com banquetes celestiais. Sem isso, religião nenhuma vinga.

#### **2.4. Missa na Atualidade.**

Oliveira traz a missa para a atualidade. Tendo mostrado os abusos que, no passado, levaram-na a mudar, aponta os abusos formais que hoje ainda empobrecem a invenção singular de Cristo:

“Depois de muito questionar os abusos que ainda hoje se cometem nas celebrações, a maneira displicente como alguns sacerdotes as conduzem e depois de eles mesmos entenderem que a eucaristia é algo mais do que um simples dever dominical, muitos católicos estão voltando a fazerem-se presentes (assistir) à missa. E começam a compreender que precisam comungar (pôr em comum), com Jesus e com sua comunidade, toda a sua vida”(Oliveira, 1997, p. 298).

Sua fome de Deus os levou pouco a pouco a compreender que não se trata de comer um pedacinho de pão, quase que com receio de Deus. Vão lá de coração aberto aprender a repartir o seu pão, receber a fatia do pão da vida, porque começam a compreender que acabou o sacrifício de cordeiros e bodes para salvar o homem.

Como houve no passado a crítica aos comilões e beberrões que inviabilizavam os ágapes cristãos, hoje, a crítica é dirigida em primeiro lugar aos sacerdotes que se portam como funcionários do culto, desfigurando o mistério. Essa ameaça à eucaristia é muito grave porque brota de quem lida com ela, de dentro para fora.

O destrato a este ponto cheira à decadência de fé. Mas isso tende a refluir positivamente quando o processo de maturidade do ser humano exige aprofundamento de atitudes e chegam lá, percebem que a eucaristia não é coisa votiva, posta diante de Deus para aplacar a “sua ira” contra a displicência do homem, mas, sim, é uma nova aliança feita e proclamada no único derramamento do sangue do Cordeiro de Deus, Jesus, para a remissão de todos. O que Deus quer, é gente de mente limpa e de coração puro (Lc 1, 1-15).

E Oliveira (1997) conclui essa parte: Busquemos, como vêm, uma breve exposição do que foi a primeira missa, celebrada por Jesus, e como, através dos tempos, o ato de relembrar aquela missa foi tomando formas diferentes até chegar à missa e ao sentido que se quer dar à ela, hoje.

### **3. A Pertença se Nutre do Sentido da Missa**

#### **3.1. A Celebração**

A *manifestação do povo* (liturgia: de *laós* [povo] + *érgon* [ação]) com o tempo foi chamada de *Eu-caris-tia* (do grego *eu* [bom] – *xaris* [charme, graça, favor]: dom magnífico de Deus e mais tarde *missa* (do latim: missão). Os fiéis entendiam que, em torno do pão repartido e do



vinho, que se tornavam corpo e sangue de Jesus, viveriam a sua *missão* de mudar a história e devolver o mundo a Deus.

A celebração da missa contém, portanto, um elemento de esperança, de história nas mãos e de visão social da vida. O próprio ato de semanalmente virem juntos para celebrar e meditar na palavra que educa o homem e repartir o pão ao redor de uma mesa, recebendo cada fiel não importa seu cargo na comunidade, o mesmo pedaço, já indica o que se pretende com a *missa: partilha, serviço, caridade, justiça para todos*.

Esta escola de justiça social só faz sentido para aqueles que não vão à missa buscar milagre, e sim motivação e força para viver no cotidiano a dimensão da justiça e da caridade fraterna.

Aliás, todos os gestos da missa conduzem a essa dimensão, desde a saudação inicial, passando pela confissão dos pecados, para o glória, ao creio, ao ofertório, à consagração, à comunhão, ao cordeiro de Deus e pela saudação fraterna de paz, que significariam o ósculo santo dos primeiros cristãos. Ela está toda estruturada para ensinar o cristão a viver preocupado com seu irmão, se quiser viver com Jesus Cristo.

Se a missa não nos comprometer com as realidades que nos cercam em nome desse mesmo mártir, Jesus, que deu seu corpo e seu sangue pela

vida do mundo, não faz sentido ir lá todos os domingos. A comunhão não pode ser um ato de rotina. Tem de se revestir de um sentido de quem quer estar com Cristo para estar firme ao lado de todo e qualquer irmão que precise de nós.

Ir à missa por obrigação é mais ou menos a mesma coisa que um irmão abraçar o outro ou um filho beijar os pais contra a vontade. É um gesto maquinal desacompanhado de ternura. E, se não cremos que Jesus tinha ternura e quis deixar ao mundo este gesto, então teremos dificuldade de viver a missa até o fim de nossos dias. Uma leitura de Jo 13-15 mostra como deve ser vivida uma missa: num clima de ternura e de partilha. Depois, é lá fora que se continua a *missão* de repartir, servir e transmitir a vida que vem de Jesus Cristo.

### **3.2. A mesa do Pão e da Palavra**

Para repensar a eucaristia, façamos uma reflexão serena. Não é tudo o que se pode falar sobre o assunto, mas é um começo de uma busca que pode terminar com a alegria de viver este momento lindo de vida comunitária. Vamos aos fatos:

Já vai longe o tempo em que jovens católicos eram “obrigados” pelos pais a fazer a primeira comunhão ou continuar comungando. A prática

ainda continua em algumas regiões, mas, felizmente, começa a mudar. Não vai tão longe e infelizmente ainda é comum a prática de ir à missa para cumprir uma obrigação de católicos.

Estabeleçamos, portanto, 3 pontos:

1 – A missa não pode ser um ato de obrigação.

2 – A missa não pode ser um teatrinho mal-representado.

3 – A missa é e pode ser, cada dia mais, uma escola de amor fraterno!

Se os católicos entendessem a missa e a levassem a sério, o mundo já teria sido transformado, pois, não há momento mais forte dentre os momentos de encontro humano, que a celebração do *Suor e do trabalho, do pão repartido, da palavra repartida. E do diálogo do homem com Deus na pessoa de seu mártir maior: Jesus de Nazaré.*

A missa é isso e mais do que isso. Nela, a palavra de Deus é repartida entre todos para que pensem, discutam e aprendam a pô-la em prática. O trabalho do lavrador, que está simbolizado no pão e no vinho, é oferecido em nome de todo o trabalhador a fim de que Deus o aceite, como a oferta de Abel, o justo. Aquele pão e aquele vinho, fruto de trabalho e luta, é depois partilhado pela comunidade, que entende que *no pão*

*repartido e no vinho partilhado* está uma pessoa que se entregou pela humanidade: Jesus de Nazaré.

Os cristãos acreditam que entram na vida de Jesus e que Jesus entra outra vez na sua vida, cada vez que repartem o pão na unidade e como irmãos. E este pão é pão de justiça, porque ninguém recebe um pedaço maior do que o outro.

### **3.3. A Eucaristia: Escola de Amor e de Partilha**

Todos os dias milhões de católicos vão à missa. Todos os domingos, na maioria dos países, os templos se locupletam de fiéis que, juntos, relembram a última refeição de Jesus com seus discípulos, partilham a palavra, partilham o pão e mais uma vez buscam o sentido social dessa experiência de amor e que os antigos chamavam *Ágape*.

No início os *Ágapes* deviam lembrar o jantar em que Jesus deu as recomendações finais aos discípulos, ordenou-os padres, fundou oficialmente a Igreja, e ensinou a eles o modo de cultuar sua memória. *Façam isso em memória de mim...* Naquele jantar, Jesus questionou a Judas, e orientou os discípulos quanto à continuação de sua missão, lavou-lhes os pés e disse como deveria ser um líder, repartiu o pão e disse claramente que aquele era o *novo modo de oferecer sacrifícios a Deus*.

Não mais cordeiros, nem cabritos, nem novilhos, não mais sangue de bois ou ovelhas: dali por diante seria *pão*, fruto do trabalho do homem, *vinho*, fruto da videira cultivada pelo homem.

Não haveria mais sangue derramado. O seu seria o último sangue derramado pela humanidade. Dali por diante, o que Deus queria era um coração fraterno. O julgamento seria não pelo número de bois ou ovelhas sacrificadas, mas pela intensidade do amor vivido em comum e pelo pão repartido na comunidade.

Foi mais longe e disse: Tomem e comam: Este pão é meu corpo, que ofereço em sacrifício por vocês e pelo mundo. Tomam e bebam, este cálice contém meu sangue derramado por vocês e pelo mundo. Quando se reunirem, façam isso pensando em mim.

Com o tempo, como tudo aquilo que é humano e pecador, os *Ágapes* acabaram: não se comia mais comida alguma, nem se trazia mais pratos prontos de casa. Só se oferecia o pão e o vinho que eram preparados ali mesmo. Os abusos acabaram. Ficou o simbolismo de uma refeição mais alguns gestos acrescentados no correr do tempo para reviver a *última ceia de Jesus*.

Embora tenham mudado bastante a forma de celebrar aquela *última ceia*, a missa permanece a mesma escola de partilha da primeira missa celebrada por Jesus:

- a) partilha da palavra;
- b) partilha de experiências;
- c) partilha de esperanças;
- d) partilha de necessidades e projetos da comunidade;
- e) partilha de fé em Jesus e no Pai;
- f) partilha de pão para lembrar a partilha dos bens;
- g) partilha de gestos de ternura e amizade fraterna.

Por isso nos saudamos, nos abraçamos, olhamos uns para os outros, vamos buscar o mesmo pedacinho de pão para lembrar nossas necessidades diferentes, mas nossos direitos iguais. Cantamos, falamos ao Pai, falamos a Jesus, ouvimos os conselhos do padre, ouvimos os avisos, prometemos participar e ajudar a comunidade, escutamos a análise do país, da cidade e dos tempos que vivemos, comparamos nossa experiência com a dos primeiros cristãos à luz dos apóstolos, ou de algum escritor hebreu, de quem somos descendentes espirituais.

Ouvimos alguma passagem da vida de Jesus, juramos fidelidade a ele e, finalmente, vividas estas experiências, vamos para casa para mais uma semana de luta por uma sociedade mais fraterna e de sonho e utopia na implantação do reino que Jesus propôs.

A missa é uma escola semanal de ternura, de vizinhança, de comunidade, de partilha. Se não aprendemos isso e, em casa, não repartimos nossos talentos e nossos bens, então, não entendemos a missa.

Todos os dias milhões de católicos vão lá aprender de novo. Todos os domingos milhões vão *celebrar a última refeição de Jesus com os apóstolos*. E acreditam que é *Jesus com os apóstolos*. E acreditam que é Jesus a quem recebem e a quem comungam. E já faz mais de 3.000 anos que fazemos isso.

Devia ter mudado o mundo. Então por que não mudou? A aula não foi bem dada ou não foi compreendida? A culpa é do professor, do manual, ou dos professores auxiliares e dos alunos? Perguntas que valem a pena responder um dia...

Realmente não mudou o mundo. Mudou a vida de muita gente no mundo. Essas vidas transformadas pela ação da graça que o sacramento da Eucaristia gerou, estão concretizadas nas pessoas de tantos santos e santas canonizados, e de outras pessoas, reconhecidamente, dignas da mesma

honra dos altares. São tais pessoas que antecipam, no tempo, a realização da eficácia total contida no mistério da Eucaristia, destinada então, a transformar, na diuturnidade da história, o mundo.

### **3.4. Missa: Páscoa Cristã-Mistério da Igreja**

O Concílio Vaticano II, imbuído sempre de preocupações pastorais e cuidando conseqüentemente que os fiéis na celebração da Missa não sejam “espectadores mudos e estranhos” (art. 48), ao apresentar o sacrifício eucarístico focaliza sobretudo a sua natureza *dinâmica*, projetando imediatamente ante os fiéis as três dimensões do mesmo. O sacrifício eucarístico é, na igreja, *memorial* da morte e ressurreição de Cristo; é *presença* atual e perpétua do sacrifício da cruz; está em tensão *escatológica*.

São as três dimensões características do mistério pascal, encontráveis já no simbolismo da páscoa hebraica; dimensões que, integrando o complexo mundo sacramental da Missa, a recolocam na linha bíblica da história da salvação.

Já o concílio Tridentino, seguindo as pegadas de toda a tradição apostólica e patrística, depois de falar do “sacrifício cruento da cruz” e da



sua “repraesentatio” no “sacrifício visível da Ceia”, liga diretamente este mesmo sacrifício nas suas duas formas- fato e rito – à páscoa judaica.

Este ligame entre a Páscoa judaica- celebração da “passagem” – e a morte de Cristo – “passagem” real – estava presente no pensamento de Cristo. Em Mt 26,2 Êle diz: “*Scitis quia post biduum Pascha fiet et filius hominis tradetur ut crucifigatur*”- sabeis que após dois dias acontecerá a Páscoa e o Filho do Homem será entregue para ser crucificado”. Para o Senhor, a Páscoa e sua morte estão na mesma linha e formam uma perspectiva única, não por uma contingência histórica do acaso, mas porque a Páscoa é a componente profética, enquanto que a sua morte é a componente real de um só e grandioso acontecimento: a historia da salvação.

Por conseqüência, a Missa, precisamente enquanto “mistério”, exige – como diz o artigo 48 da Constituição – que “os cristãos não assistam à ela como espectadores mudos e estranhos, mas antes participem dela como de uma ação sagrada”. O “mistério exige uma participação”, visto como é, imagem de “coisas realizadas”, de algo vitalmente ativo, como é a “salvação”, que Cristo na Missa é uma Páscoa, uma *passagem* do mundo ao Pai, um sacrifício, uma consagração da Igreja e de seus fiéis.

É um enfrentar a travessia do deserto do mundo para arribar à vida, é um seguir a Cristo “fora da porta” à procura de uma purificação que nos livre dos nossos pecados; é um ingresso no Santuário de Deus através do véu da carne de Cristo, feita por nós nova via, até chegarmos ao monte santo, que não será mais o Sinai do temor, mas a Sião do Amor, na aspersão do sangue de Cristo, a “nova aliança” e o ingresso no Reino de Deus imperecedouro.

Esta é a realidade íntima da Eucaristia, que implica um *dinamismo* interior justamente por ser não uma forma cultural criada pela religiosidade humana, mas ação (“fazei isto”); ação que, reside em Cristo, Sacerdote único do Novo Testamento: “Eis-me, ó Deus, para fazer a vossa vontade”(Hb, . Este movimento interno, que é separação de nós mesmos e adesão a Deus, constitui a exigência natural da Eucaristia como “mistério do culto” e o fundamento de todas as razões mais profundas para aquela ação plena da assembléia cristã que se chama com justeza “participação ativa”.

A conexão última entre a Igreja e o sacrifício Eucarístico é um dos dados mais antigos da reflexão teológica cristã. São Paulo (1 Cor 10,14-22), querendo lembrar aos fiéis a necessidade de não partilhar do culto dos ídólatras, justifica a sua advertência com o fato de que participar ao

sacrifício equivale a participar, respectivamente, de Deus ou dos demônios, segundo a pessoa a quem se oferece o sacrifício. Aplicando este princípio ao sacrifício cristão o Apóstolo adverte: “O cálice de bênção que benzemos não é porventura a comunhão do sangue de Cristo? E o pão que partimos não é acaso a comunhão do Corpo do Senhor? Uma vez que há um só pão, nós embora sendo muitos, formamos um só corpo, porque todos comungamos de um mesmo pão”.

A Eucaristia é uma *koinonia* no sentido completo da palavra: “comunicação” ao Sangue e ao Corpo de Cristo e, ao mesmo tempo, “comunhão” de todos os cristãos que por força do único pão se encontram unidos no mesmo Corpo de Cristo. Encontra-se um eco destas palavras já no mais antigo escrito cristão não-canônico (a *Didaché*, cap. 9 ); falando da *eucaristia* a recitar-se na “fracção do pão”, diz: “Como este pão (*klasma*) estava espalhado pelos montes e ao depois recolhido, tornou-se um, assim também se congregue a tua Igreja no teu Reino desde os confins da terra”.

Para o pensamento cristão esta conexão não se reduz a um puro simbolismo externo, provocado pela composição do pão a partir de muitas espigas ou pela comunhão de todos ao único corpo de Cristo. Desde os tempos mais antigos a comunhão ao corpo de Cristo na Eucaristia equivale a comungar o Corpo de Cristo *que é a Igreja*.

Assim lemos em Orígenes: “Não temes comungar do Corpo de Cristo acedendo à Eucaristia, como se foras limpo e puro... Muitos... não se julgam... não se examinam... nem sequer compreendem o que significa *comungar* à Igreja ou aceder a tão grandes e excelsos sacramentos [Eucaristia]. Assim, como a Comunhão eucarística é o sinal da comunhão com a Igreja, analogamente a “excomunhão”, separação do corpo da Igreja, se exprime com o afastamento do pecador da Eucaristia (Baraúna, 1964)<sup>11</sup>.

A verdadeira unidade do Corpo de Cristo só pode realizar-se por parte daquele que se aproxima de Cristo eucarístico com um desejo de unidade e um esforço de caridade, conforme observa Bossuet: “O mistério do Corpo de Cristo se realiza tão somente quando os membros se fundem na unidade para oferecer-se n’Ele e com Ele”.

O grande anelo de unidade que se exprime na oração sacerdotal de Cristo-unidade dos fiéis, da qual resulta o testemunho da missão divina de Jesus e do amor infinito do Pai - não cessou de viver na Igreja. No pão e no vinho que esta oferece, encerra-se a oferta de si mesma; e a matéria externa do seu sacrifício, transformada no corpo Sacramental de Cristo, está a indicar que o sacrifício é real, porque o seu símbolo é transformado

---

<sup>11</sup> A missa Páscoa Cristã-Mistério da Igreja é uma complicação das idéias de Frei Guilherme Baraúna em

em Corpo e Sangue do Senhor; na Missa, com o efeito, tornam-se Corpo de Cristo justamente pela sua união ao Corpo de Jesus sacrificado. Na Missa, a Igreja se abebera à caridade de Jesus que penetrou o céu e recobriu a terra.

A unidade da Igreja não é apenas um fato externo, mas também- e sobretudo- uma realidade espiritual; nasce quando os fiéis, libertando-se do pecado e aceitando a vontade do Pai, se conformam àquele sacrifício que Cristo ofereceu no seu Corpo, unidos todos na oblação de Cristo. É então que a Igreja se torna “*redempta civitas*- cidade redimida” ou “*congregatio societasque Sanctorum*- congregação e sociedade dos Santos”, quer dizer, redenção em ato.

A assembléia externa que se “congrega em torno” ao altar, será o símbolo de um acontecimento interior, através do qual as almas, polarizadas pela luz da caridade que emana da Cruz de Cristo, cada dia penetram mais na atualidade da salvação, fundidas no único amor de Cristo, fortificadas pelo único Corpo e purificadas pelo único Sangue.

De fato, “cada vez que celebramos a memória do sacrifício de Cristo, se realiza e se atua a obra de nossa Redenção”, porque a Igreja outra coisa não é, que “o progressivo completar-se de todos em Cristo” (Ef, 1,23).

Barreiro (1994) desenvolve e completa essa idéia de que “a Igreja outra coisa não é que o progressivo completar-se de todos em Cristo“, dizendo: “A Igreja continua a ser o lugar hermenêutico do acontecimento salvífico operado por Deus *semel pro semper*; de uma vez por todas, em Jesus Cristo. Só na comunidade de fé, que é a Igreja, podem ser acolhidos e compreendidos, conservados e transmitidos, vividos e testemunhados, na fidelidade à experiência original, o Evangelho de Jesus e o Jesus dos Evangelhos”.

Ela é igualmente o lugar onde confessamos e aprofundamos a fé em Jesus como Messias e Salvador; onde ouvimos e acolhemos as Escrituras, o que nos transmitiram as “testemunhas oculares” (cf. Lc 1,4; IJo 1,1-3); acerca das palavras e das ações, da pessoa e da missão de Jesus; onde somos continuamente questionados, consolados e fortalecidos pelo Evangelho de Jesus; onde celebramos os sacramentos da fé. Fora da comunidade de fé é impossível, a longo prazo, o encontro com o Senhor vivo. A conclusão é a mesma: um pretendido cristianismo extra-ecclesial é impossível.

E continua a expressar: sem a Igreja como comunidade litúrgica, que celebra na ação de graças o memorial da vida, da morte e da ressurreição de Jesus; sem essa Igreja, as palavras e os gestos de Jesus, sua pessoa e sua

missão, sua memória enfim, diluir-se-iam num passado cada vez mais longínquo. Jesus Cristo deixaria de ser uma figura viva. Ninguém mais o amaria. Ninguém mais estaria disposto a segui-lo e a morrer por ele, com a certeza de alcançar a vida eterna. (Barreiro, 1994).

## CAPÍTULO – III

### A EVANGELIZAÇÃO E A PERTENÇA

#### 1.Os Métodos de Evangelização

##### 1.1. Erro nos Métodos de Evangelização Prejudica a Pertença

*Será que houve algum erro nos métodos de evangelização? Usaram-se, de fato os melhores meios de comunicação evangélica às massas? Parece que os métodos não foram eficazes na difusão das mensagens aos homens de ontem e de hoje por causa do uso da importância política e cultural e da arrogância convencida de dona absoluta da verdade absoluta.*

Leonardo Boff, (1990) ilustra o fato: uma evangelização que não seja libertária das angústias históricas (produzidas por distorções estruturais e voluntárias), que não humanize a existência, que não alivie a vida mediante a criação de uma comunidade fraternal (comunidade messiânica), dificilmente, pode reivindicar para si a tradição jesuânica.

Se Jesus não é também libertador *das* mazelas humanas nas quais se concretiza nosso pecado, se não é também libertador *para* formas mais



altas de relacionamento social, pessoal e divino, não é o Jesus do testemunho evangélico,... O mundo para Jesus não é róseo nem isento de conflito. Ele não mantém equidistância, insensível ao drama humano, especialmente dos impotentes. Ele entra no conflito do lado dos que sofrem a coerção religiosa e a dominação social.

A primeira aparição pública de Jesus na sinagoga do Nazaré (Lc 4,16-19) mostra a inequívoca tendência libertária da sua mensagem. Hoje qual é a grande esperança do povo? Ele espera uma sociedade justa e participativa, nova: o povo sabe também que essa realidade social só virá no bojo de algo maior que é somente dom de Deus : o novo céu e a nova terra, o triunfo sobre a morte, um ser humano renovador em seu coração e reconciliado com sua origem e seu fim: Deus. Uma evangelização que não unir fé e vida real, que não souber inserir em seu discurso de Deus a pluriforme dramaticidade da existência, acabará por alienar e tornar-se historicamente irrelevante; não tem quase nada a dizer por que não toma a sério aquilo que é, para a vida, sério e importante.

Boff vai mais além e explicita: *O método pertence também ao conteúdo evangelizador.* Não apenas os conteúdos e a atmosfera compõem o evangelho. Também a pedagogia de Jesus, quer dizer, a maneira como veiculava proposta e como organizava sua prática. Estabelece uma

estrutura dialogal: nunca é impositivo como um legalista ou moralista sobre os conhecimentos existentes em seus ouvintes.

*Jamais utiliza o poder como mediação para divulgação do Reino e de sua mensagem. Privilegia a persuasão, a argumentação a partir do bom senso, dos chamados mais profundos do ser.* O Testemunho da própria vida, transparente, entregue aos demais a ponto de não ter tempo para comer nem dormir, o denodo na denúncia das falsificações religiosas e da arrogância dos portadores de poder religioso, a forma respeitosa e terna com que trata os penalizados pela vida, constituem elementos evangélicos e dados sugestivos para o seguimento de Jesus. A forma como enfrenta as tentações, os conflitos com os seus contraditores ideológicos, como os fariseus, a iminência da morte violenta se tornam paradigmático para os cristãos .

A evangelização nos dias de hoje deve se orientar por estas referências *metodológicas* de Jesus. Elas fazem parte da encarnação. *Os cristãos devem renunciar, definitivamente, à utilização do poder político e cultural para se fazer valer e se impor aos demais - estas estratégias não mostram confiança na força intrínseca do evangelho. Pareceria que ele não é verdadeiro por si mesmo, mas por força da imposição exterior dos que detêm poder de enquadrar e de submeter os corpos e as mentes.*

Junto à evangelização efetuada por Jesus de Nazaré aparece sempre um elemento de conflitividade. Esta é inerente ao anúncio da Boa-nova, é a prática do Reino de Deus.

Esta conflitividade, como assinalamos, é estrutural e pertence a todo processo autêntico de evangelização, abarcando evangelizador e evangelizado. A correta estratégia missionária seria esta: *o missionário se converte ao indígena ou negro, e estes se convertem a Cristo. A partir da adesão a Cristo fazem seu percurso.* O que daí resulta, é, então, uma comunidade eclesial, uma Igreja indígena, tupi-guarani, asteca, negra que é também expressão da *catholica*, um dos tantos rostos possíveis da Igreja de Cristo e do Espírito na historia.

*Se nos dias de hoje não se mantiver, permanentemente, este processo de conversão ao Evangelho, para o outro, para Cristo e para as novas formas de realização do mistério cristão, não haverá autêntica evangelização que supere a simples expansão do sistema eclesiástico e evite a imposição de uma nova circuncisão de cunho ocidental e romanizado.*

Pelas palavras e considerações de Boff, acima apresentadas, houve de fato erro grave nos métodos de evangelização, quanto à postura e ao conteúdo apresentados pela Igreja. Não foram usados os melhores meios de comunicação.

## 1.2. Método de Imposição

O que houve foi imposição de todo tipo por se considerarem proprietários de uma verdade superior à qual todos deviam se submeter a ferro e fogo. Todos os missionários, mesmo os mais pacíficos como Frei Pedro de Córdoba e Bartolomé de Las Casas, partem do pressuposto de que o cristianismo é a única religião verdadeira e de que as religiões dos índios são falsas e obras de satanás.

*A discussão é acerca do método:* ou utilizar a violência e a imposição (método comum, ligado à colonização) ou o *método* delicado, suave e doce (nas palavras de Las Casas). Por um ou por outro método pretende-se chegar ao mesmo efeito: *a conversão do outro*. Não há uma leitura teológica das culturas e das religiões dos índios; a única ordem querida por Deus é aquela da cristandade: importa compelir a todos para que integrem esta ordem religiosa que é, ao mesmo tempo, cultural.

Por outro lado, estudando-se os primeiros catecismos do século XVI, percebe-se uma constante: a satanização das religiões dos índios. Esta constante acusação produz uma perplexidade sem limites nos índios astecas e incas, um verdadeiro escândalo. Há sempre... uma verdadeira guerra aos pajés e aos sacerdotes dos índios. A missão implica uma guerra contra a

idolatria, o que os antepassados astecas ensinaram e deixaram como herança, “é tudo mentira, vaidade, ficção; não tem nenhuma verdade”.

(Los colóquios de los doce – apostoles , em Monumento , 214).

Contra os sábios mexicanos, guias do povo, insistem os missionários: “sabereis e tende por certo que nenhum de todos os deuses quantos adorais, é Deus, nem doador de vida, mas que todos são diabos infernais” (Colóquios, 187). Chega-se ao cúmulo de se entender a *barbárie* dos colonizadores contra os índios como justo castigo pelos pecados de idolatria; acrescentava-se ainda a ameaça: “se não ouvirem as palavras divinas ... Deus, que começou a destruí-los por vossos pecados, acabará de vez por destruí-los” (Colóquios, 93 e164).

Por fim, usa-se a estratégia do medo. No primeiro catecismo 1510-1521.. se inicia com a revelação de “um grande segredo que vós nunca soubestes nem ouvistes”: que Deus fez o céu e o inferno. No céu estão todos os que se converteram à fé cristã e viveram bem; e no inferno estão “todos os que dentre vós morreram, todos os vossos antepassados: pais , mães, avós, parentes e quantos existiram e passaram por esta vida; e para lá ireis também vós se não vos fizerdes amigos de Deus e não vos batizardes e tornardes cristãos, por que todos os que não são cristãos, são inimigos de Deus”.

Os jesuítas no Brasil testemunharam que “por experiência vemos que por amor é muito dificultosa a conversão do índio, mas, como é gente servil, por medo, fazem tudo” (Apud Boff, 1990, p.27).

Pregava-se muito sobre a morte e o juízo, fazendo-se crer que os missionários pudessem lançar a morte a quem lhes aprouvesse; em razão disso, testemunhou um missionário jesuíta: “uns vinham para pedir saúde, outros nos rogavam que não lhes déssemos a morte, com medo de nós, porque a eles parecia que dávamos a morte” (Apud Boff, 1990, p. 30).

Que evangelho é esse que se baseia na pregação da condenação de todos os entes queridos do passado, na satanização daquilo que lhes era mais sagrado – as tradições religiosas – na terrorização pela morte, pelo juízo e pelo inferno?

### **1.3. Crítica Teológica ao Método de Evangelização**

Importante fazermos uma crítica teológica do tipo de evangelização que foi praticada nos momentos fundadores da Igreja na América Latina.

Teologicamente falando, podemos chamar a isso de evangelização ? O que houve foi uma guerra de idolatrias,.. a saber, a *identificação da imagem de Deus com a própria realidade de Deus*. A nenhum missionário ocorreu a consciência de que o Deus que anunciava era uma imagem cultural, elaborada sincreticamente com dados bíblicos, greco-latino e

bárbaros, e não o próprio Deus. *A essência da idolatria é a identificação da realidade de Deus com a imagem de Deus, produzida pela cultura.* E aos missionários, sem preocupação, identificavam a sua imagem de Deus com o próprio Deus.

O século XIX consolidou e, de certa forma, radicalizou o tipo de evangelização que aqui se havia implantado. Houve uma centralização do cristianismo ao redor da figura do Papa. Romanizou-se toda a Igreja; *missionar significava levar para todos as partes a totalidade romano - católica;* os povos que se convertiam, não podiam ter um projeto cultural cristão próprio; mas deviam assumir as determinações feitas por outros acerca deles e, muitas vezes, até contra eles.

Esse modelo entrou em crise, porque não atendia às demandas eclesiais das igrejas na América Latina. O concílio Vaticano II impulsionou uma eclesiologia centrada no valor das igrejas locais e na inculturação do evangelho. Somente agora “existe (existia)” a chance histórica e eclesial da formação de um catolicismo latino- americano que tenha características das várias culturas aqui presentes...

De cúmplice com a dominação colonial e neocolonial, face aos rumos deste empreendimento... passa agora o cristianismo a ser francamente libertário e propulsor de uma plena autonomia, sempre em comunhão e em abertura universal. Isso foi apenas um vislumbre de

alvíçar. Pois, “a partir de 1980 começa a virada de tudo isso com João Paulo II”. (Apud Oro 1996,p43).

Ou seja, voltou novamente a Romanização. Esse foi o percurso da evangelização levada a efeito de forma oficial pelo aparelho eclesiástico. Ligado diretamente aos interesses do poder dominante, não conseguiu produzir uma inculturação que respeitasse, entrasse em diálogo e assumisse as culturas aqui presentes. Consagrou uma duplicação do catolicismo já inculturado na Europa.

A questão do método possui outra vertente que não surgiu da Igreja oficial e nem foi incrementado por ela, como aconteceu no ensaio do Vaticano II ao apoiar às igrejas locais, frustrado pelo atual dirigente da Igreja. Este não é decadência do catolicismo oficial, mas possui seu perfil próprio. É o tipo de inculturação da fé cristã pela via do catolicismo popular.

Ele está baseado principalmente na devoção aos santos e nas festas religiosas. Esse catolicismo tem como *sujeito de sua construção* não o clero e o aparelho eclesiástico, mas *o povo, os leigos, os devotos*. Ele assumiu a cultura popular; sem controle, por parte da Igreja oficial, pôde se inculturar no universo das representações populares originais do povo cristão em nosso continente; *talvez seja a única inculturação singular da mensagem cristã na América Latina*, apesar das contradições que



verificamos nelas, pois , todo o popular em regime de dominação tem introjetado dentro dele o dominador, fazendo que no popular haja elementos impopulares. Essa inculturação, chamada de catolicismo popular, foi fator de resistência e, hoje, largamente, motor da libertação política do povo.

Isso tem ligação com o que se vai dizer sobre a necessidade dos Meios de Comunicação Social.

Por causa, talvez, dessa realidade de evangelização imposta e que não penetrou na interioridade das consciências, sem produzir convicções fortes e afetivas, está-se, hoje, diante de um fato como este: “O Brasil perde mil católicos por dia”, declaração feita pelo cardeal Richard Cushing, de Bostan (USA), publicada pela imprensa mundial a 13 de agosto de 1963: “segundo estatísticas dos últimos anos, a Igreja Católica do Brasil está perdendo cerca de 1,000 fiéis por dia” (Assis, 1968).

Isso foi um em 1963. O que está acontecendo hoje, 38anos depois!?

Outra constatação muito séria: o *catolicismo regride na vida social*. Os Bispos do Brasil... verificaram que o mundo cada vez mais escapa ao evangelho: “o cristianismo progride nas nossas igrejas e recua na *vida social*. Isto significa que o imenso capital de ação cristã, que representa o ministério pastoral habitual, permanece sem influência visual sobre o

mundo, que escapa cada vez mais ao Evangelho” (Plano de Emergência apud Assis, p. 36).

## **2. Missa de TV: Nova Busca de Pertença**

O catolicismo poderá fracassar, se não selecionar suas atividades. Prioritárias são as atividades mais evangelizadoras, as que beneficiam o maior número de pessoas e as mais decisivas.

Para a concretização de seus ideais, todas as empresas sociais, industriais, comerciais, civis e militares adotam o sistema de prioridade de trabalhos. Em seus empreendimentos estabelecem uma escala de importância, selecionando e começando pelos mais urgentes e necessários.

A Igreja também, diante do grande número de tarefas evangelizadoras e apostolados por realizar, e frente à impossibilidade de atender, simultaneamente, a todas elas, em todos os setores, com a desejável profundidade, vê-se na contingência de seguir, também, esse sistema de seleção de trabalhos, segundo uma escala de valores. Os Bispos do Brasil, assim se expressam: “Vivemos em torno de realizações em si louváveis. Mas nem sempre dentro de uma hierarquia de valores”.(Apud Assis, 1968, p.197).

Dentro da escala de valores, os critérios para a primazia... são os seguintes:

1 – Os mais evangelizadores.

2 – Os que mais beneficiam maior número de pessoas.

3 – Os mais decisivos para a religião.

Entre duas ou mais atividades possíveis, deve-se preferir e valorizar a atividade mais evangelizadora, pois, esta foi a ordem de Cristo à Igreja:

“Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura”! (Mc 16,15).

A Igreja nasceu com a missão de expandir o reino de Cristo por sobre a terra.

Quanto mais evangelizadora uma atividade, tanto mais prioritária ela é. Deus não quer que sua Igreja seja uma espécie de *Clube Religioso*, que atinja apenas um pequeno número de fiéis. Por isso, consignou na Bíblia este princípio:

“Deus quer que todos os homens se salvem e que todos cheguem ao conhecimento da verdade”. (1 Tm. 2, 4).

“Tenho ainda outras ovelhas que não são deste rebanho. É preciso que eu as reconduza também, para que haja um só rebanho e um só pastor” (Jo 10, 16).

Portanto, entre duas atividades que beneficiem em igual profundidade um pequeno grupo ou uma grande quantidade de pessoas, deve-se preferir e valorizar essa segunda atividade (Assis, 1968, op. cit.).

## **2.1.Prioridade dos Meios de Comunicação Social para a Missão**

Uma pesquisa realizada sobre a audiência de rádio nas cidades de Recife, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, e publicada no Congresso Nacional das Emissoras de Rádio Católicas em 1960 no Rio de Janeiro, constatou:

O pior programa de rádio, no pior horário, na pior emissora, tem 10.000 ouvintes.

Por isso, para beneficiar o maior número possível de pessoas deve-se valorizar a evangelização pelos meios de comunicação social, que multiplica indefinidamente as mensagens.

O Concílio Vaticano II viu essa necessidade: “É absolutamente necessário fazer uso dos vários instrumentos de comunicação social para anunciar o Evangelho de Cristo, pois, o Evangelho deve atingir a todos!” (Ad Gentes 20 § a).

Os mais decisivos: Quem domina a cabeça, domina o resto. O mundo age conforme pensa e pensa conforme as mensagens que recebe. Uma mensagem transmitida, simultaneamente, no mesmo dia por jornais diários, revistas, emissoras de rádio e televisão é repetida por esses órgãos 1 bilhão e 20 milhões de vezes.

Uma mensagem transmitida 1 bilhão de vezes num só dia!...

Quantos bilhões de vezes será comunicada esta mensagem à humanidade... em um ano, se reafirmada e reprisada?... Esse martelar contínuo poderá modificar o pensamento do mundo todo (1).

Retomando o pensamento:

O mundo age conforme pensa.

E pensa, conforme as mensagens que recebe.

E recebe bilhões de mensagens através dos

Meios de Comunicação Social. Logo, o mundo

Age em concordância com esses meios.

“O povo pensa e regra sua vida conforme o que vai lendo nos jornais diários”. (Leão XIII, 1899 – Doc. Pontifícios 41,27).

O papa verificou que os púlpitos e as cátedras, já em sua época, não mais dominavam a opinião pública, e o modo de pensar ou a maneira de agir do povo. (*Santo Marô – Bispo D’Ávila – Espanha, em discurso no Concílio 26/11/62: “Os meios de comunicação social são tão importantes, que conviria convocar um Concílio Ecumênico para tratar apenas deles”.* – *Concílio Vaticano. II vol. II, nº 464*).

Pio X, corroborou o pensamento do seu antecessor, ao insistir:

“Em vão construireis escolas, igrejas e hospitais, se vos descuidardes de fundar a imprensa, para o domínio da opinião pública”. (Pio X, 1903).

Que diriam hoje Leão XIII e Pio X diante da televisão...?

O bem da humanidade depende dos meios de comunicação social. Porque: “A imprensa, o cinema, o rádio e a televisão são capazes de atingir e movimentar os indivíduos, as multidões e a sociedade humana inteira – por isso, o bem comum da sociedade, cada dia mais, depende do reto emprego desses meios de comunicação social” (Inter Mirifica, p. 116).

01 (um) pregador  
na Televisão ou no Rádio pode ter mais  
ouvintes do que 4.552 pregadores  
em todas as 4.552 igrejas paroquiais  
do Brasil (Assis, 1968, p. 119).

## **2.2. A hora da Televisão**

Essa invenção tomou conta do mundo. Com seu advento, a sociedade modificou o seu sistema de vida. Indiscutivelmente, a televisão é a soberana do mundo: A televisão consegue numa só transmissão 10 vezes mais espectadores do que 27 séculos de olimpíadas. Estamos em pleno império da televisão.

“Pregai de Cima dos Telhados!”

Ordem ou Profecia?

Os discípulos assim o fizeram. Foram às praças públicas, subiram aos terraços das casas e dali apregoaram ao povo a doutrina do Mestre.

“Paulo, em pé, nos degraus da escada da fortaleza de Jerusalém, fez sinal ao povo com a mão e houve um grande silêncio. Em seguida discursou (At. 21, 31-40).

Para Cristo, profeta, o futuro era presente. Sabia perfeitamente que tempos viriam em que pregar de cima dos telhados, não seria apenas uma figura retórica, mas uma notável realidade. Vivemos hoje este grande acontecimento. Milhões de telhados ostentam milhões de antenas de rádio e de televisão. E de cima dos telhados descem para o povo mensagens evangélicas. Cumpre-se dessa maneira a ordem de Cristo: “Pregai de cima dos telhados!” (Mt 10,27).

Talvez mais do que uma ordem... Realiza-se uma profecia! Com isso fica definida a finalidade da Igreja e o seu caráter que não é de ordem cultural mas estritamente religiosa como diz Pio XII:

“Cristo não deu mandato ou fixou fim de ordem cultural à sua Igreja. Designou-lhe uma finalidade estritamente religiosa. E jamais a Igreja deve perder de vista essa meta. Todas as suas atividades devem concorrer, direta e indiretamente, para essa finalidade” (Apud Assis, 1968, p. 197).

Se a finalidade da Igreja, como se viu, é estritamente religiosa, indispensável se faz aumentar o número de professantes da verdade que preenche essa finalidade. Paul VI reforça esse raciocínio, quando afirma:

*“Se a vitória dependesse da veracidade de uma idéia, não teríamos mais necessidade de trabalhar, pois, possuímos a verdade de maneira essencial. Mas, as idéias se afirmam em proporção com o número daqueles que as professam e não em proporção de seu valor intrínseco. É, pois, indispensável fazer todo o possível, para reunir numerosas vontades, a fim de que nossa doutrina e nossa fé se afirmem, por toda parte, e seja considerada benfazeja e salvadora” (Apud Assis, 1968, p.26).*

O aumento se efetivará, entre outras providências, alcançando os postos-chaves das ideologias humanas.

Na sociedade humana, os postos-chaves, que marcam os rumos ideológicos são os seguintes:

- os sindicatos
- as empresas jornalísticas
- as editoras
- as emissoras de rádio
- as emissoras de televisão
- as empresas de cinema



- as associações de educadores
- as companhias de teatro e circo
- as galerias de arte e os museus
- as feiras de exposições várias
- os congressos de estudos e de modas
- os parlamentos governamentais, legislativos e jurídicos
- os partidos políticos
- as instituições e eventos esportivos:  
(olimpíadas, copas mundiais e semelhantes)
- a internet e seus desdobramentos
- as universidades e escolas de nível superior
- os mestrados, doutorados e Phds de toda ordem.

Esses são, entre outros, os meios mais poderosos e os postos mais decisivos que determinam os pensamentos, as ações e a vida da humanidade. O resultado desse procedimento todo, em postos-chaves, acrescido do apostolado da liderança, conquistará a vitória de seus ideais. Pois, quem domina a cabeça, domina o resto. Daí, que não bastam conhecimento da doutrina e vivência religiosa. “O apostolado não consiste apenas no testemunho de vida. O verdadeiro apóstolo busca ocasiões de anunciar Cristo por palavras para levar os não-crentes à fé e para instruir,

confirmar e animar os fiéis numa vida mais fervorosa” (Apud Assis, 1968, p. 164).

A transmissão do Cristo é o clímax da fé cristã, porque transmitir a Cristo é aderir a Cristo. Quem transmite, conhece e vive, porque ninguém dá o que não tem. Quem transmite, portanto, está conquistado. Nessa transmissão “o que vale é a nossa relação com Deus e não a realização de nossas obras. Renova o mundo quem vive em Deus e não apenas quem apresenta grandes feitos. Só a vida em Deus, nossa amizade sincera e intensa relação para com Ele, é que farão a religião vencedora e eterna, porque Deus, a quem servimos, é a Vitória e a Eternidade” (Paulo VI, Acta Apotolicae Sedis, 1968, n 6, p. 7).

Mais explicitamente, diz-se que o apóstolo de hoje está convicto de que a centralidade de Cristo, ou seja, o cristocentrismo é fundamental para a projeção, crescimento e triunfo da religião no mundo, pois, “Cristo é o mediador único entre Deus e os homens” (1Tim, 2,5) e “é” a Fonte e a cabeça, donde promanam toda a graça e a vida do próprio Povo de Deus” (Lúmen Gentium 50, § c).

Todos os que se encontram de olhos abertos para a realidade percebem que para a suspirada vitória de Cristo no mundo, há um indeclinável caminho: alijar o egocentrismo e expurgar, limitar e sublimar o conceito de apóstolo.

*Só é verdadeiro apóstolo aquele que, em suas próprias ações e, diante das iniciativas alheias, é realmente cristocêntrico. Pois, como diz a Carta aos Filipenses 1,18: “Todos os homens são chamados à união com Cristo, de quem procedemos, por quem vivemos e para quem tendemos”.*

A constatação sobre a Realidade da Evangelização da Igreja no mundo e no Brasil concorda e reconhece como o próprio Concílio Vaticano II que:

*“Houve deficiências na vivência moral, na disciplina eclesial e, até mesmo, no modo de anunciar a doutrina. Tudo isto deve ser devidamente reformado em tempo oportuno” (Unitatis Redintegratio 6, § a).*

É preciso, pois, corrigir os erros, mudar os sistemas e dinamizar todas as forças do Povo de Deus, pois, no ritmo em que se desenvolve a religião no mundo, nem mesmo em mil anos conseguirá ela atingir seus objetivos e realizar sua missão:

*“É missão da Igreja pregar o Evangelho a toda a criatura, a fim de que todos os homens alcancem a salvação pela fé, pelo Batismo e pelo cumprimento dos mandamentos” (Lúmen Gentium 24).*

Como conseqüência de todas essas considerações ainda resta enfatizar que mais de 83% da humanidade, ou seja, 2.850.000.000 de pessoas não professam a religião católica. E esse número aumenta, cada ano, 6 vezes mais do que o dos católicos professantes, devendo atingir, em alguns decênios, a cifra extraordinária de seis bilhões, confirmando-se, desta maneira a apreensão do Concílio:

*“E esse número de desconhecedores do Evangelho aumenta cada dia mais” (Ad Gentes 10).*

“Se o mundo escapa cada vez mais ao Evangelho”, como dizem os bispos do Brasil, a Igreja tem um trunfo quando no Concílio Vaticano II proclamou a Missa como ponto culminante, para o qual tendem todas as ações apostólicas da própria Igreja. Em outras palavras: toda as atividades da Igreja têm um objetivo primordial: levar o povo católico a assistir e a participar do culto divino, na santa missa dominical. Mas, apesar de a Igreja proclamar a Missa centro de toda a sua vida e ação religiosa, a finalidade de seu apostolado e pregação; mesmo assim, a imensa maioria, mais de 80% do povo católico do Brasil e da América Latina, não a assistem aos domingos. (Assis, 1968).

Entra em ação, necessariamente, a importância dos Meios de Comunicação Social para a Igreja. Pois, o mundo recebe bilhões de mensagens por dia. Púlpitos e escolas não dominam mais a opinião pública.

Mais de 75 milhões de brasileiros não ouvem sermões de padres.  
Impossível a Igreja evangelizar o Brasil sem a televisão e o rádio.

Um pregador na televisão ou no rádio pode ter mais ouvintes do que todos os vigários do Brasil.

Os meios de comunicação social constituem-se hoje no mais poderoso veículo transmissor do pensamento e o influenciador mais decisivo sobre o modo de pensar e agir do mundo.

Uma mensagem transmitida, simultaneamente, no mesmo dia por jornais diários, revista, emissoras de rádio e televisão é repetida por esses órgãos 1.020.000.000 vezes. Isto sem incluir o cinema.

O Concílio Vaticano II mais uma vez afirmou:

*“A imprensa, o cinema, o rádio e a televisão são capazes de atingir e movimentar os indivíduos, as multidões e a sociedade inteira. Por isso, o bem comum da sociedade, cada dia mais, depende do reto emprego desses Meios de Comunicação Social”. (Inter Mirifica 1, § a; 24, §a).*

Diante desses apelos, nasce a imperiosa necessidade de a religião se utilizar da imprensa, do cinema, do rádio, da televisão e do teatro para a difusão do reino de Cristo.

*“É absolutamente necessário fazer uso dos vários instrumentos de Comunicação Social para anunciar o Evangelho” (Christus Dominus 13, §a).*

*“A Igreja tem como obrigação pregar a mensagem da salvação também com o recurso dos instrumentos de comunicação social” ( Inter Mirifica 3, § a).*

Após pronunciamentos tão categóricos do Concílio, o interesse pelos Meios de Comunicação Social já não é mais para os sacerdotes e leigos católicos um assunto livre de discussão ou de opção, isto é, não é mais algo que se possa fazer ou deixar de fazer, querer ou deixar de fazer, querer ou deixar de querer. É simplesmente uma obrigação.

Sem os meios de comunicação social, a Igreja no Brasil poderá ser reduzida a um punhado de associações religiosas, ou a uns grupos de fiéis devotados. A sociedade humana é como um pomar. Para frutificar necessita de clima. E quem cria o clima sócio-religioso é a imprensa, o rádio, o cinema e a televisão.

*“Damos 90% de nossa dedicação a 10% do povo que vai à Igreja. Damos 10% de nossa dedicação a 90% do povo que não vai à Igreja”, (Assis, 1968, p. 46).*

É preciso inverter esse quadro para cumprirmos a tarefa confiada a nós por Cristo. Porque como já diziam os romanos: “Tempora mutantur et nos mutamur in ea”: Os tempos mudam e nós, mudamos com eles”. Está na hora de mudar, realmente, os nossos hábitos de evangelização e de vida para modos atuais e atualizantes.

### **2.3 Teologia dos Meios de Comunicação Social**

Cristo: o centro e a finalidade de tudo “Em Cristo foram criadas todas as coisas. Tudo foi criado por ele, a fim de ele ter a primazia em tudo” (Col. 1,16).

Para concretizar esse ideal, isto é, para Cristo ter primazia em tudo, seus apóstolos andaram de cidade em cidade, apregoando o reino de Deus.

Como, porém, não bastassem as pregações dos apóstolos já no século primeiro, surgiram os escritos. Vieram, posteriormente, os grandes navios, a bússola e por meio desses instrumentos o reino de Deus chegou às Américas, África e Ásia. Com o aumento da população mundial, Deus inspirou aos homens a invenção dos instrumentos de comunicação social para estreitar os laços de fraternidade humana e constituir todos os homens numa só família.

A finalidade, portanto, dos instrumentos de comunicação social é de ser veículos de *informação* e *formação* ; mas sobretudo de *transformação* da humanidade na grande comunidade do Povo de Deus. Por que “Toda a

dádiva boa e todo o dom perfeito vem de cima: desce do Pai das luzes”  
(Tg. 1,17).

Quem quer o fim, quer os meios. Todo o ser inteligente quando quer um fim, quer também os meios necessários para alcançar esse fim. Ora, “Deus quer que todos os homens cheguem ao conhecimento da verdade” (1Tm 2,4).

É impossível evangelizar 06 bilhões de pessoas, sem instrumentos multiplicadores de mensagens. Logo, Deus quer que usemos dos meios sociais de comunicação para atingir esse objetivo.

Na Encíclica Militans, março de 1884 Leão XIII diz: “Nesta luta ardente, onde está em jogo a glória de Deus... toda a força e habilidade dos homens seriam vãs, não lhes viessem do céu recursos adequados aos tempos. (Apud Assis, 1968, p.121)”.

*“Os meios modernos de comunicação social  
São uma exigência de nossos tempos.  
São por isso sinais da presença e do desígnio  
do próprio Deus” (Gaudium et Spes, 11, § a).*

Impossível A Igreja Evangelizar o Brasil sem o Rádio, televisão...

Se cada padre no Brasil conseguisse fazer sermão cada domingo para 1.000 ouvintes, agora em 1968, 75 milhões de brasileiros não ouviriam os padres.



No ano 2001, 180 milhões de brasileiros não os ouvirão.

Os púlpitos já não atingem senão uma parte diminuta da população brasileira. A imensa maioria fica sem a mensagem divina. E no, entanto, a ordem de Cristo ressoa sem cessar:

“Pregai o evangelho a toda a criatura!” (Mc 16,15).

Essa determinação de Cristo seria vã, não desse a Providência divina os meios para executá-la, ou seja, não desse os instrumentos de comunicação social para a ampla difusão da mensagem cristã. A grande maioria espera de nós a atitude do Bom Pastor. É preciso sair fora do redil, como queria e faria Cristo.

### **3. A Missa de Televisão em Goiás**

#### **3.1. “Santa Missa em Seu Lar” Iniciativa Pioneira de Jaime Câmara**

O Concílio Ecumênico Vaticano II, o 21.º da história da Igreja, convocado pelo Papa João XXIII, em 26 de janeiro de 1959, aberto solenemente no dia 11/10/ de 1962 e concluído por Paulo VI no dia 7/12/1965, trouxe um clima de renovação, de abertura e de efervescente dinamismo à Igreja e ao mundo.

Confirmam isso as palavras de Paulo VI em 15/12/1965: “O Concílio não é um acontecimento efêmero e passageiro...; é um acontecimento que

prolonga seus efeitos bem para além do período da sua celebração efetiva. Deve durar, deve influir na vida da Igreja, isto é, na nossa, se deveras queremos ser bons e fiéis membros da mesma Igreja. Não é boa, não é lógica, não é eclesial a atitude dos que, findo o Concílio, pensam em voltar ao que era antes; em tornar a entrar nos hábitos religiosos e morais anteriores ao Concílio... Esse estado de ânimo não seria conforme ao espírito renovador do Concílio e nem seria digno dos filhos fervorosos e inteligentes da Igreja”.

Nota-se nessas palavras do Papa, o desejo de ousar, de abrir e de facilitar para o desabrochar da maturidade em Cristo pelas ações sensíveis e modulares da Igreja. Ela continua querendo renovar-se, mudar de atitudes. Mas, ao mesmo tempo, prevê que muitos voltarão à estaca zero. Previsão que hoje infelizmente se confirma, a ponto de não mais se sentir nenhum efeito renovador do Vaticano II. Tudo está paralisado dentro da Igreja. É como se não houvesse existido um acontecimento tão importante para a Igreja. O que aí está, inutilizou o Concílio. Prevalece a sua visão ultraconservadora de uma Igreja moralista, condenatória superior as outras, estritamente obediente aos seus ditames. Igreja que é como Luis XIV dizia da França: “L’etat c’est moi”. “O estado sou eu!”.

Em 1964, quando o Concílio Vaticano II ia a pleno vapor e lançava ao mundo as mais belas esperanças de liberdade religiosa, de dignidade, de

compreensão e acolhimento a todas as diferenças, no Brasil o sistema político se fechava sobre si mesmo. O obscurantismo de extrema direita proclamava-se senhor absoluto de toda a verdade. Perdia-se o estado de direito e entrava-se numa ditadura discricionária e caçadora dos direitos fundamentais de cidadania.

A perseguição generalizou-se a todos que não quisessem “ler pela cartilha dos militares”, usurpadores do poder do povo. Isso topou de frente com a alegria de liberdade e de mudança e dinamismo gerados no mundo pelo Concílio. Os bispos, em sua grande maioria, estavam impregnados do espírito conciliar, queriam modificações profundas em suas dioceses, em seus padres, nos religiosos e religiosas, mudanças salutares para o povo de Deus. Daí, o confronto, a perseguição, a censura estreita, a insegurança, a contradição, o sofrimento, o martírio, até.

Hoje, acontece o contrário. O regime político modificou-se. Voltou-se à democracia, à liberdade de opinião, de voz de vez. Ninguém, hoje, no Brasil, é censurado pelo que pensa, diz ou faz política e socialmente. Há uma conquista social, política e econômica que se vai delineando sem ranços de ditadura, e na Igreja, sente-se que as portas se fecham às realidades do mundo hodierno.

Fortalece essa visão a consideração de Carlos González Vallés: O que me dói pessoalmente na Igreja de hoje é a censura aos teólogos. Eles

são o cérebro da Igreja. Têm a missão divina de continuar sempre aprofundando-se nas insondáveis riquezas de Cristo anunciadas por São Paulo; representam e fomentam o crescimento vivo da verdade eterna no entendimento dos homens, proporcionaram-me a mim, que não sou teólogo profissional, mas que me benefico lendo livros novos e antigos recentes em cristologia, eclesiologia e exegese bíblica, alguns de meus melhores momentos no aprofundamento da fé e na descoberta de novas facetas de interpretação e de fruição de textos antigos, coisas pelas quais lhes sou eternamente grato. Eles se inserem entre os melhores filhos da Igreja, necessários em sua visão vital e em seu contínuo desenvolvimento orgânico como Corpo de Cristo animado pelo Espírito. E, não obstante, vivem agora sob suspeita, trabalham com medo, sabem-se estritamente vigiados e não se atrevem a dizer abertamente o que pensam, temerosos de uma condenação sumária sem direito de defesa. Triste situação!” (Vallés, 1998, pp. 16-17).

Esta atitude de auto-censura, que um clima de terror teológico impôs aos nossos melhores pensadores, é para mim a coisa mais triste na Igreja de hoje. A investigação teológica é feita hoje sob o signo do temor. Isso não é sadio.

Vê-se que a contradição permeia a nossa existência e a luta pela sobrevivência, pela autoconservação, pela auto-realização esgueira-se por entre os escolhos do poder constituído como as águas de um rio que vence

os obstáculos impostos pelas margens. É mais ou menos assim, desafiando ora uma margem do poder político do país e tendo a contemporização do poder da Igreja a seu favor.

É nesse contexto de prós e contra que despontam o sonho e as primeiras falas de no futuro se fazer uma Missa de Televisão.

Era anseio sem muita base real e próxima. Defendia e acalentava essa idéia como pioneiro o saudoso Pe. Raimundo Moura, redentorista, dirigente do Movimento dos Cursilhos de Cristandade. Esse competente sacerdote. Ele já via naquele tempo, 1970, a necessidade desse empreendimento. Muito doente, passou a idéia ao Pe. Silvério Négri, também redentorista, que acabava de chegar de S. Paulo e entrava para os Cursilhos de Cristandade.

É o Padre Négri quem convida o Pe. Djalma a participar de uma reunião que se realizaria com vários outros padres da Arquidiocese de Goiânia, com a direção de T.V. Anhanguera, Canal 2, pelos meados de junho de 1974, na própria sede: Compareceram 25 padres. Discutiu-se muito sobre a necessidade de se colocar uma Missa na TV. Os padres, todos despreparados para assumir esse desafio, colocaram as mais diversas dificuldades para escaparem à tal responsabilidade diante do povo.

Ninguém, de fato, ali tinha idéia nenhuma do como poderia ser uma Missa *de* TV. Foi quando Wanderley Schimaltz, que representava o Sr.

Jaime Câmara, presidente da Organização Jaime Câmara, então, em viagem para a Alemanha, tranquilizou a todos quanto ao funcionamento de uma Missa *de* TV, apresentando uma Missa gravada, vinda do Rio Grande do Sul.

De posse da imagem objetiva, as resistências cederam à realidade. Os fantasmas do medo se desfizeram e começaram a sentir que se tornava plausível um empreendimento como aquele que estava sendo exibido em “preto e branco”.

Da possibilidade visual, que vencia as barreiras da imaginação, cercada de inexperiência e ignorância em lidar com instrumento novo de comunicação, surgiu o imperativo: “Vamos produzir aqui a nossa Missa *de* TV!”

Novamente, a insegurança predominou, as desculpas se multiplicaram e, então, o Wanderley pronunciou o veredicto para o qual viera transmitir aos presentes em nome do presidente da empresa: “Senhores padres, o Seu Jaime mandou-me dizer-lhes que a Missa, na sua televisão, não tem preço. Se os senhores não puderem fazê-la existir, venha ela de onde vier, até mesmo da China; onde houver uma Missa *de* TV., esta vai ser transmitida pela minha televisão. É uma convicção e um compromisso que fiz com a minha fé, para servir de amparo e conforto ao

povo que vive distante e impossibilitado de assistir à missa nas igrejas de suas comunidades”.

Ante tal firmeza e determinação, os padres foram jogados contra a parede. Não existia mais escapatória possível. Entreolharam-se como que a dizer: E agora?

Agora, convido os senhores a designar candidatos à formação de uma equipe que vai se organizar e trabalhar especificamente para montar e fazer funcionar a 1.<sup>a</sup> Missa *de* TV do Estado de Goiás. E assim se fez!

Alguém, porém, acrescentou a necessidade de se divulgar os acontecimentos da Igreja e que, a exemplo de Porto Alegre, se fizesse um noticiário que precederia a Missa. A sugestão foi aceita e se constituíram a partir daquele momento duas equipes. Uma para criar o noticiário de Igreja que se chamou: “Notícias de Igreja”. E outra para produzir e levar ao ar a Missa *de* TV. ‘Santa Missa em Seu Lar’.

A equipe de Notícias ficou assim formada:

- Jornalista Antônio Cruz
- Wanderley Carlos de Faria, acadêmico de Jornalismo da UFG e ex-seminarista redentorista.

A equipe da Missa constituiu-se de:

- Ivo Mauri, então, sacerdote, sendo mais tarde reitor da Universidade Católica de Goiás.
- Pe. José Leopoldino, salesiano.
- Pe. Héber Salvador de Lima, jesuíta.
- Pe. Djalma Barreto Neves, cursando psicologia na Universidade Católica de Goiás.
- Para dar unidade às duas equipes foi indicado Mons. Primo Vieira, amigo pessoal de Jaime Câmara e representante do Arcebispo D. Fernando Gomes dos Santos.

Estava formada a estrutura eclesial para o surgimento de “Notícias de Igreja” e de: ‘Santa Missa em Seu Lar’. Internamente, a Televisão Anhanguera designou como equipe técnica:

- Wanderley Shimaltz, Diretor Técnico
- Geracina Magdalena dos Santos, (Magda Santos) de feliz memória.
- Lauro de Araújo, Diretor de TV
- João Braz – hoje, diretor geral da TV Anhanguera
- Antônio Porfírio-Tarzam, José Nunes, Florentino de Oliveira câmeras-man. Thenísio Silva – Diretor de Estúdio para compor os cenários da missa.
- Moacir José de Borba – ex-seminarista, hoje empresário bem sucedido no ramo de confecção: Ravena. Antônio Matos e Wagner



Carlos de Faria – também ex-seminaristas – empresários em representações comerciais, foram os primeiros comentaristas da Missa. Sucedem a esses Welton José, dono de uma voz privilegiada e Odair de Meneses, advogado recém-formado pela Universidade Católica Goiás, que há mais de dez anos comenta, voluntaria e gratuitamente, ‘Santa Missa em Seu Lar’.

Esses representam outras tantas pessoas que abnegadamente contribuíram para existência e continuidade desse empreendimento de fé.

Destacam-se entre todos corais, o Coral Litúrgico da Igreja Sagrado Coração de Jesus de Vila Nova, sob a regência de Eloá Néri. Esse coral foi o primeiro a abrilhantar as celebrações. Depois veio o Coral Santa Cecília da Paróquia do Divino Pai Eterno de Trindade, dirigido por vários anos por Elza de Freitas, cantora lírica, de saudosa memória, até hoje atuando, dirigido por Francisco de Assis. Merece destaque Coral da Paróquia de N. S. da Conceição de Campinas, regido pela Dra Dulce Santana. Esses representam os demais, todos eles merecedores de consideração.

Participaram espontaneamente, ao vivo, os músicos: Napa, Badal, Virgílio Talarico, Carlinhos Régis, os irmãos Ney.

Desde o começo as flores naturais, foram doadas pela Floricultura Imperial, por gentileza da família do Sr. Herostato de Melo, cuidadosamente preparados pelo José, durante 23 anos.

Os cenários: o primeiro foi pintado por um artista francês; o segundo e os demais pelo Thenísio Silva. Por muito tempo, usavam-se as imagens da torre da Catedral de São Luís de Montes Belos e de um filme de pessoas indo para a missa, numa cidadezinha do interior da França, como abertura de Santa Missa. O término era com imagens de pessoas saindo da igreja, sobrepostas ao coral.

A produção de Santa Missa em seu Lar é toda por conta da Organização Jaime Câmara, cumprindo a palavra do seu fundador de que “a Missa na televisão não tem preço...” Está tendo a mesma continuidade na pessoa de Jaime Câmara Junior, atual diretor presidente.

Assim que assumiu a presidência fez uma reunião. Entre outras coisas para se discutir a duração, o horário e até a continuidade dos chamados programas religiosos da TV. Segundo Magda Santos presente à essa reunião, quando alguém mencionou: “e a Missa?” – Júnior retrucou: “Essa é intocável!”.

São 27 anos de existência ininterrupta no ar, com 1388 celebrações até o presente. Com a morte de Magda Santos, em 5 de Janeiro de 1996, assumiu a produção de ‘Santa Missa em seu Lar’, Rodolpho Valentino que,

imediatamente, incorporou o espírito de desse programa sacramental com dedicação.

### **3.2. Importância Pública de ‘Santa Missa em Seu Lar’**

Enfatizam-se entre os diversos testemunhos públicos em favor de ‘Santa Missa em Seu Lar’ os seguintes:

O ofício n 428/DER, 30 de junho de 1999, da Câmara Municipal de Goiânia: Comunicamos a V.S. que o requerimento n 4340/99 apresentado pelo nobre vereador Hélio de Brito foi aprovado de pleno, na sessão do dia 30/06/99, contendo a seguinte solicitação: “Comprimentos pelos 25 anos de seu Programa Santa Missa em seu Lar”. Vereador Hélio de Brito (Carta 172).

Outro reconhecimento público vem da iniciativa do vereador Edson de Oliveira (Xenxa), presidente da Câmara Municipal de Nerópolis, concedendo o título de cidadão neropolino ao Pe Djalma Barreto Neves, pela importância de ‘Santa Missa em seu Lar’: “Tenho a honra de informar que a Câmara Municipal de Nerópolis concedeu o título de cidadão neropolino a V. Revma, por conta da Importância de “Santa Missa em seu Lar” (Carta 106).

Pessoas de comprovada idoneidade pública e profundamente religiosas, dotadas de um grau cultural muito elevado, representando a mais

pura tradição católica de Goiás, assim se expressam sobre o valor de “Santa Missa em Seu Lar”:

“Somos assíduos de Santa Missa em seu Lar. Assistimos a uma delas em que o senhor, bondosamente, comparou Mamãe, Da. Célia Coutinho Seixo de Brito, a uma Árvore Frondosa, fazendo sombra a todos que dela se aproximavam. Em nome de toda a família, agradeço, rogando que nos abençoe em nome do Senhor. Maria Alice, filha do Dr. Hélio Seixo de Brito” (Carta 145).

Fechando as demonstrações de apreço à ‘Santa Missa em seu Lar’ fala o Dr. Hélio Seixo de Brito, ex-prefeito de Goiânia, pessoa que pertence aos primeiros passos histórico-culturais desta cidade, amigo pessoal de Jaime Câmara. Ele diz:

“As reflexões teológicas inteligentes e sábias, feitas com fluência e serenidade pelo culto celebrante, sobre trechos do Santo Evangelho, apropriadas para cada domingo, encantam, comovem e alegam os espíritos e os corações, mesmo quando

o tom do orador sacro esquentado pela necessidade das circunstâncias do dia. Dr. Hélio Seixo de Brito” (Carta 81).

É o retorno que a história registra para confirmar o valor desse empreendimento de fé católica, pioneiro, pela iniciativa de Jaime Câmara e pela manutenção desse mesmo, com o apoio irrestrito de Jaime Câmara Junior.

## CAPÍTULO - IV

### 4.RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO

Como já foi dito na metodologia, a coleta de dados deu-se durante os dois últimos meses do ano passado. A grosso modo, as 186 cartas enviadas chegaram neste tempo. Ainda hoje chegam algumas correspondências, mas estas não estão sendo computadas.

Tecnicamente, optou-se por descrever quantitativamente quem é o fiel participante da missa *de TV*.

#### 4.1. Perfil do Fiel

As mulheres participam da missa *de TV* com 55,6 e os homens 44,3. Este dado é muito interessante porque a participação masculina nas missas celebradas na igreja e nos rituais religiosos não atinge 10,0.

Sexo. Masculino- 44,3

Feminino – 55,6

Total- (186)

A idade dos participantes se distribui deste modo:

Idoso- (mais de 50 anos)-28,1

Adulto- (de 25 a50 anos)-68,1

Jovem - (de 14 a 25 anos)-3,8

Esperava-se antes da coleta de dados que a participação dos fiéis definidos como idosos, ou por causa de dificuldades de locomoção ou por doenças, fosse maior que a de outras categorias. Contudo, pelos dados, a esmagadora maioria é composta por adultos, (68,1).

São pessoas que estão em plena atividade na vida e gozam da liberdade de locomoção.

Os idosos ficaram em segundo lugar com 28,1 e os jovens com 3,8. A baixa participação da juventude nas missas e rituais religiosos, além de explicações habituais, no caso presente, é fácil de explicar: a ‘Santa Missa em seu Lar’ é transmitida entre 5,30 e 6,30 horas de domingo.

Quanto à instrução, pode-se dizer que a participação de pessoas de nível superior, nesta amostra, foi nula: 0,50. Nos rituais da Igreja Católica é fato a baixa participação religiosa deste tipo de pessoa. O participante acima do primeiro grau que é de 50,0 e abaixo do primeiro grau é de 49,5.

A classe à qual o fiel de ‘Santa Missa em seu Lar’ pertence foi definida como a pessoa que tem o maior ou menos acesso aos meios de transporte e de comunicação .

- Classe A (pessoas com total acesso aos meios de transporte e comunicação) **7,3**.
- Classe B (Pessoas que têm acesso fácil aos meios de transporte ou ao meio de comunicação). **69,4**
- Classe C (Pessoas que têm difícil acesso tanto a transporte quanto ao meio de comunicação). **23,3**

Percebe-se pelos dados que o participante de ‘Santa Missa em seu Lar’ em 69,4 e 7,3 tem fácil ou total acesso tanto aos meios de transporte como aos meios de comunicação, isto quer dizer, se o fiel quisesse participar da missa paroquial, não teria dificuldade de locomoção. Completam os dados de tabela participantes com dificuldade de transporte e comunicação 23,3.

O lugar onde mora o fiel de ‘Santa Missa em seu Lar’ foi dividido entre as categorias: Capital - interior (e zona rural), e outros estados. Esperava-se que a participação do interior e zona rural fosse grande.

- Capital- 41,6
- Interior (zona rural)- 56,3
- Outros Estados- 2,1



Os dados confirmaram a presença do interior 56,3. Contudo, a presença da Capital é muito significativa 41,6. E completam os dados 2,1 de participantes de outros Estados.

#### **4.2. Quantificação dos Dados Qualitativos**

Houve uma preocupação em quantificar os dados qualitativos porque o autor da pesquisa pensou em dar uma visão bem empírica da importância global destes dados.

Não se deve esquecer que estes dados foram extraídos das cartas enviadas para a Organização Jaime Câmara, voluntárias e sem perguntas estruturadas.

Os que responderam participar desta missa, assiduamente ou por tradição, foram 29,1 das respostas. Isto equivale a dizer que existe um público cativo de quase trinta pontos percentuais de pessoas que se mantêm dentro da comunidade católica através desta participação.

Os participantes que salientaram a categoria de pertença que sentem, por participar da missa de TV: 'Santa Missa em seu Lar', foram na ordem de 24,2. Os que se referiram à missa, como o lugar da Palavra, ressaltaram o sermão e a orientação. Esses atingiram a ordem de 12,8. Um dado muito interessante é os 11,2 de participantes que dizem assistir à missa com a família ou com mais pessoas, em comunidade.

Além destas respostas das quais se poderia dizer que pertencem à função manifesta e desejada da celebração, 7,57. dos participantes da missa *de TV* falam da emoção, do sentimento de paz, amor que sentem; e 5,9 disseram que pediram a bênção na missa para ter saúde, suportar a própria idade etc.

Motivos e sentimentos que envolvem os participantes da missa.

- Tradição-Assiduidade 29,1
- Sentimento de Pertença 24,2
- A palavra, centro da Missa 12,8
- A família e a comunidade 11,2
- Emoções Positivas 7,5
- Função Terapêutica 5,9
- Outras 9,3

Resultado: configurando todos os seis motivos e sentimentos em torno do núcleo central da pesquisa, o sentimento específico de pertença, tem-se, nitidamente, apurado um conjunto de “consangüinidades” pertinentes que só reforça e consolida a pertença em si mesma, suscitada e mantida pelo agir constante de ‘Santa Missa em seu Lar’, evidenciando, na raiz disso tudo, o valor da catequese ministrada na infância dessas pessoas.

É a colheita de quem soube plantar! O trabalho operante dessa dissertação, apenas foi lá e conferiu...

## CONCLUSÃO

O objeto de estudo desse trabalho, como se disse, é ‘Santa Missa em Seu lar: Missa *de* TV. Analisado em muitos de seus aspectos, privilegiou-se o caráter de sacrifício. Sacrifício originado das religiões primitivas, estudadas por Mauss e Durkheim, sublimado pela cruz de Cristo, identificado com a Missa Católica, celebrada em modalidades diversas, sendo a mais polêmica, esta *de* TV.

A Missa como Sacrifício é uma categoria teórica que serviu de fundo para se relacionar com a pertença que nasce naturalmente dele. Embora fosse necessário considerá-la quanto ao seu teor histórico, teológico, litúrgico e de sentido, não se quis com isso estudá-la em si mesma. Mas enfoca-la como elemento de importância psico-sociológica, constituinte performativo de cidadania, no conjunto da sociedade global. Todos esses elementos serviram, apenas para situa-la o âmbito do sacrifício, dando-lhe oportunidade de contracenar-se com a pertença, categorias, pretendeu-se inseri-las, com pertinência, no campo das Ciências da Religião.

Com esse propósito, desenvolveu-se a pesquisa de campo, com base na hipótese de que só seria católico de verdade, quem participasse, regularmente da missa, mesmo sendo celebrada eletronicamente.

A modalidade, na qual se efetuou a pesquisa, favoreceu ainda mais essa verificação. Não partiu de um direcionamento “a priori”, procurando obter uma resposta preestabelecida. Simplesmente se pediu, durante a própria celebração de ‘Santa Missa em Seu Lar’, que as pessoas mandassem cartas ao programa, dando-lhe o seu parecer sobre essa ‘Santa Missa’... As cartas foram chegando espontaneamente e até hoje não pararam.

Dado que o trabalho não podia esperar mais, contentou-se com uma amostra de 186 cartas. Delas se extraíram o perfil pluridimensional das pessoas e as suas motivações que as levaram a participar seriamente desse empreendimento de fé católica.

Da leitura atenta do teor de cada carta, surgiu a consciência de que eram portadoras de uma mensagem, até então latente, à percepção do pesquisador. Eruiu-se do seu contexto o sentido de *pertença* à Igreja Católica, como a forte contribuição à constituição do trabalho. Tal descoberta reorientou, redimensionou o objeto da dissertação: Percebeu-se que a *pertença* seria a novidade característica desta monografia. As cartas foram unânimes em o demonstrar. Disseram-no de variados jeitos.

Disseram-no com acentuadas convicções de fé, de apreço, de carinho, de gratidão. Disseram-no como canglor de vozes a proclamar a eficácia dessa iniciativa pioneira de fé católica em Goiás, temendo perdê-la, por já fazer parte significativa de suas vidas.

As cartas constituem o fato vertebrante do texto em apresentação. Propiciaram, além do surgimento da pertença, a constatação do valor perene da catequese, que num passado oportuno, conseguiu transformar o coração das pessoas, dispondo-as acolher na vida o sentido definitivo: Cristo-Deus. Esse acolhimento para o católico se concretiza no ato de participar da Missa, mesmo sendo celebrada eletronicamente. Pela transcendência de sua fé não se deixa prender a detalhes legalistas que tendem a diminuir o valor dos meios eletrônicos, em favorecer a modalidade nova de Cristo fazer-se presente a quem nele crê.

Para o católico, a participação nessa missa *de TV* tem o mesmo valor da missa celebrada em sua igreja local. Ele sente que essa missa fortalece e mantém a identidade com a Igreja Católica. E estabelece a relação: Só é católico de verdade quem participa da missa. A missa *de TV*: ‘Santa Missa em Seu Lar’ favorece essa convicção, expressa e vivenciada nas cartas.

Foram 507 respostas de um total de 186 missivas; 2,7 de respostas por cada correspondência. A assiduidade e/ou a tradição à missa de TV alcançaram 29,1 das respostas. Isso demonstra a existência de um público

cativo de pessoas que se mantêm dentro da comunidade católica por meio desta participação, em quase trinta pontos percentuais. A categoria pertença salientou-se mediante o sentimento de participação de 'Santa Missa'... na ordem de 24,2.

Para não mais se delongar, essa amostra de dados, acima descritos, foi considerada suficiente ao cumprimento do propósito de se fazer uma conclusão. Tem-se com esses resultados, em amostra, que a pertença, nessa circunstância e premência de ação eclesial, é um dado despertado e mantido por 'Santa Missa em Seu Lar'. Pertença e 'Santa Missa'... Se correspondem mutuamente e revigoram a sobrevivência institucional, histórica e mística da Igreja Católica que está em Goiás.

A Igreja Católica é parte relevante da Sociedade Global. 'Santa Missa em Seu Lar', contribuindo com a sustentação da pertença, fortalece, no caso, a cidadania do indivíduo, como parte da personalidade situada psico-sociologicamente. Além disso, resgata, automaticamente, o valor da catequese, responsável por ter semeado na mente e no coração do católico a convicção de que a missa vale a pertença e vice-versa, mesmo que venha a ele eletronicamente: Quanto maior a participação na missa, maior a catolicidade e a identificação da pessoa com a fé católica. O contrário também é verdadeiro.

Parece que diante dessa exposição, fica demonstrado, com muita probabilidade, que se alcançou o objetivo principal deste trabalho, ou seja, que ‘Santa Missa em Seu Lar’ é ocasião de pertença católica em Goiás. Pertença e ‘Santa Missa em Seu Lar’ se correspondem reciprocamente, repita-se.

Contudo, não se pretende, com isso, ter dito a última palavra, nem concluído de vez, o assunto. Esse trabalho sirva, talvez, de inspiração para estudos mais densos acerca da modalidade nova de se fazer Cristo-Sacramento presente, pelos Meios de Comunicação Social, à Comunidade dos fiéis “em off”, revigorando-lhes, o que já se disse, e deixando o caminho aberto a outras descobertas concernentes ao tema.



## ANEXO DA ANÁLISE QUALITATIVA DOS DADOS

Questão	Idade	Saúde	sexo	Instrução	localidade	assiduidade	Incentivo	Condição eco	Pertença
1	3	2	1	2	1	1	3		Faz um bem enorme às pessoas. É mais uma oportunidade para renovar minha fé e sentir-se mais perto do criador
2	1	1	2	1	3	1	3		sente muita emoção com a Missa. Estuda e vai fazer a 1. <sup>a</sup> comunhão.
3	2	1	1	1	3	1	3		S. missa é uma grande alegria e emoção aqui em casa. Devia ser 30 vezes por mês. Peço a bênção, sou católico.
4	2	1	2	1	1	1	1		É uma bênção em nossa casa sou ministra da Eucaristia e leva a eucaristia aos doentes após a missa.
5	2	1	2	1	1	1	3		Gosto muito. É uma benção por não ter tempo de ir à igreja. Vende picolé. Pede oração para vó que faleceu. Gosta do padre católico.
6	2	1	1	1	3	1	3		Assiste a missa todos os domingos com a família.
7	3	1	1	1	2	1	3	3	A gente não pode ser batizado duas vezes. É católico e resiste ao Pastor que quer passá-lo para crente. A religião dele é uma. A minha é outra. O Pastor fica enchendo a minha paciência.
8	2	1	1	2	2	1	3	1	Escrevo para expressar minha alegria. Gosto muito de suas missas por causa de relação do Evangelho do dia com a vida da sociedade.
9	2	1	2	1	2	1		3	Agradecer as lindas mensagens de paz e amor que transmite em suas missas. Pede bênção para os 15 filhos. Todos ouvem o programa e adoram.
10	2	1	2	2	1	1	2	1	Sermão positivo que prega com toda a verdade. Gosta dos corais principalmente do de trindade. Admiradora de S. M. em seu lar
11	2	1	1	2	3	1	1	2	A missa não pode acabar. Porque é uma grande alegria pra nós todos. Cheio de emoção. Eu e os 2 filhos somos católicos. Os filhos não bebem nem fumam. Assistem a missa com a mãe também.
12	2	1	2	1	2	1	1	2	Pedir pela doença do Titio-pai que me criou. Trabalhou muito na roça, peço sua bênção. Que Deus ilumine o Sr. E sua família.
13	3	1	1	2	1	1	1	1	Gostamos muito de sua missa que até estivemos aí para velo pregar de perto. Estamos juntos casados a Francisca e eu Belarmino há 63, talvez por causa de nossa fé em Deus.
14	3	2	2	2	1	1	1	1	gosto muito de ouvir seus nervosos discursos por causa de nossas negligências. Rogo a N. S, J. e a S.S. que não nos prive desta maravilhosa Evangelização.
15	3	2	2	2	2	1	2	1	Brilhante trabalho levando a Santa palavra de Deus a todos os lares com muita seriedade. Nunca fazendo acepção de pessoas. A eficácia de tuas palavras é um dom divino. Pede por sande.
16	2	1	1	1	2	1	1	2	A missa me ajuda muito no meu dia-a-dia. São muito instrutivas.
17	2	2	2	1	2	1	2	2	Por nada perde essa missa. Para mim ela é de grande importância.
18	2	1	1	1	3	1	3	2	...a nossa Santa Missa é a coisa mais linda que tenho aqui dentro da minha casa; é um conforto e muita alegria para mim possa continuar por muitos e muitos anos para nossa alegria
19	2	1	1	2	2	1	3	2	A missa é muito importante é uma bênção. Todos os dias rezo e peço a ajuda de Deus. Fiz voto aos 3 Reis para me ajudar a tirar a carteira. Tirei. Troquei

									de carro 7 vezes tenho agora um corcel 2. Que Deus ilumine a todos nós.
20	3	2	2	2	2	1	3	1	Por favor, não deixe nunca de transmití-lo pela televisão. Após a missa o ministro da eucaristia traz-me a comunhão, o que me deixa muito feliz. Peço a Deus que a S. Missa continue pois assim estaremos unidos em oração.
21	2	1	2	1	2	1	1		A missa é muito importante para nós, o evangelho precisa ser maior por que o Pe. É muito bom para explicar. É ótimo. Participa da missa desde a de número 27 em Rio Verde.
22	2	2	2	1	1	1	1		Santa Missa é muito importante para mim. Fico preocupada pensando se estão querendo tirar S.M. do ar. Ela já faz parte da minha vida quando o senhor se emociona eu também me emociono porque vejo que ainda existem pessoas que não são máquinas.
23	2	2	1	2	1	1	2		Gosto de suas explicações. Sente a presença de Jesus e Maria desde quando ainda era criança. Sofreu muito para acreditar. Finalmente tem certeza. E se alegra com a missa porque o padre pode transmitir os 10 mandamentos.
24	3	2	2	3	1	3	1		Acho essa celebração de uma importância imensa... Além de dar a todos os brasileiros entrar em contato com os ensinamentos da doutrina cristã, fortalece nossa Fé. Tenho alcançado graças importantes e procurado colocar em prática os ensinamentos transmitidos durante as missas.
25	2	2	2	3	1	3	1		A S. M. nos traz muita paz, alegria logo pela manhã. Deus lhe abençoe sempre para continuar essa tarefa linda que Deus lhe proporcionou.
26	3	2	1	2	1	3	2		Eu gosto muito de assistir a S. M. em seu Lar. Levanto todos os domingos bem cedinho para assisti-la. Ela é muito importante para mim.
27	2	1	2	1	1	1	1		Há mais de 10 anos somos assistentes da santa Missa. Somos freqüentadores da Missa das 7 na Matriz de Campinas, mas enquanto não ouvimos a sua homilia não saímos para a Matriz. A celebração está ótima. Continue!
28	2	2	1	2	1	2	1		Suas pregações são bem visíveis, fáceis de entender. Meus pais se perderem a S. Missa passam o dia tristes
29	2	1	1	1	1	2	2	3	...quero agradecer pela bênção que você transmite para o nosso lar em nome de Deus, todos os domingos. É o programa mais importante da TV Anhanguera porque transmite só paz para o nosso lar. Não deixe acabar esse programa maravilhoso.
30	2	2	1	2	1	1	1	3	Meu avô com 96 anos não perde nenhuma missa. Gostamos muito, não queremos te perder... 5 apenas na casa. Sua palavra santa chega todos os domingos em nossa casa
31	3	2	2	1	1	1	2	3	Assisto sua missa todos os domingos. Vou completar 59 anos dia 05/12/99. Gostaria de ouvir um trecho da música: o Povo de Deus no deserto andava.
32	3	1	2	1	1	1	1	3	Aos 82 e meio eu tenho o interesse de S.M. continue. Há 25 anos que venho seguindo S.M. A saudosa Magda Santos todas as 2.ª feiras me telefonava para perguntar se eu tinha gostado da missa ou não. Que se eu tinha gostado dos arranjos de flores e das broncas do Pe. Dj.
33	3	2	2	2	1	1	1	3	O programa aqui em Rialma pega muito bem. A sua missa é um jeito a mais de me lembrar de Deus. Que Deus o abençoe para que possa sempre celebrar a missa da TV Anhanguera com 79 anos de idade.
34	3	2	2	2	1	1	1	3	Como sou apreciadora de S. M., desde os anos de 81 a 85, assisto e incentivo os outros da família também. Vou à missa da minha paróquia para receber a eucaristia mas gosto muito de ouvir sua pregação sobre o Evangelho e as comparações com a vida de hoje em dia. espero que continue essa graça de Deus na Televisão para todos nós.
35	2	2	2	2	1	1	1		S. M. em seu lar é um programa muito agradável. Eu não perco no santo domingo a sua querida missa. Gosto do seu jeito de celebrar a missa e gosto do coral...
36	2	2	2	2	1	1	1		Sou telespectadora desde quando começou a M. em seu Lar... Celebrada pelo padre Djalma, onde admiro e gosto dos conselhos e explicações do Santo Evangelho que Deus lhe dê saúde para continuar a celebrar a M. pela TV.
37	2	1	1	1	2	1	1		Adoro quando o senhor fala a verdade sobre políticos pulador de galho.
38	3	1	2	2	1	1	2		Há 17 anos que assistimos a missa aos domingos pela televisão e achamos que a missa traz uma ótima mensagem nas nossas vidas e estamos muito

									satisfeitos. Antônia e Alcides estão casados há 38 anos.
39	2	2	2	3	1	3	1		Todos os domingos eu e meu esposo Nelson não perdemos uma missa desde que mudamos para Goiás há 1 ano e 4 meses. Espero que este nunca sairá do ar pois precisamos desta pessoa que é o Pe. Djalma para levar até nós a bênção e a palavra de Deus. É muito importante.
40	3	1	2	2	1	1	1		Aos 81 anos junto com a esposa assiste a santa Missa todos os domingos. É mineiro mas reside em Goiás desde 1951. O domingo que o Pe. Djalma não celebra eu passo o dia com a impressão de que me falta alguma coisa. Eu e minha esposa nada fazemos antes de ouvir a Missa em nosso Lar.
41	3	1	2	2	1	1	2		Para mim é muito importante assistir a missa. Tenho 54 anos. Moro em Ceres na Vila N. esperança.
42	3	2	2	2	1	1	1	1	Este trabalho maravilhoso de Evangelização há anos que acompanho a S.M. em Seu Lar. Moro em Barra do Garças. Mt. Tenho 64 anos. Gosto muito do modo como o Sr. Faz suas pregações, simples e de uma verdade tão realista onde muitas vezes conseguimos ver como somos...Gustavo e Daniel. O Odair é uma Bênção de Deus.
43	2	1	2	2	1	1	1	1	Essa minha prática dominical tem contribuído de forma muito eficaz, com minha vida cristã e religiosa. Sou muito grato a esse celebrante (Pe. Djalma) Para bênção aos doentes pois ela tem se transformado em cura tanto física quanto espiritual para muitos necessitados.
44	2	1	1	1	1	1	2	1	para mim a Missa é a melhor coisa. Não perco. Eu gosto de ver repartir o pão na Televisão.
45	2	1	2	2	1	1	1	1	Tem 11 anos que assisto este lindo programa aos Domingos. Eu acho que e de grande valia. Pois é uma maneira de falarmos com Deus Nosso Pai bem cedo e começarmos um dia lindo com amor em nossos corações.
46	2	1	2	2	2	1	1	2	Dizemos que ela é uma fonte de luz que o Espírito Santo envia a todos que a assiste, com toda certeza. Ela é muito importante em nossas vidas.
47	2	1	1	1	1	1	1	1	Eu sou católico praticante. Para mim já virou mania acordar mais cedo aos Domingos para assistir Santa Missa em seu Lar. Gosto muito da pregação do Evangelho feita por você de maneira simples e objetiva.
48	2	1	1	1	1	1	2	1	Desde 74 assisto a Missa desde que morava na Vila São José. E até hoje não é por qualquer motivo que deixo de participar seja qual for o horário 6 -6,30 - 6,45 eu estou ouvindo. E assim como eu não sei calcular quantos mil fazem como eu.
49	2	1	1	1	2	1	2	2	É com muito prazer e satisfação que lhe escrevo. Assisto a santa Missa há muito tempo...
50	2	1	2	1	2	1	3	2	Esta missa em nosso lar é bom demais para as pessoas que não podem ir na Igreja e que estão na cama e na cadeira de roda. Que esta missa dure para sempre.
51	3	2	2	1	3	1	3	1	Sou admiradora muito grande de sua missa. Às vezes chego a perder o sono pensando no horário da missa. No último domingo fiquei emocionada ao ver o senhor falar aquela história do irmão do Pe. Alaor. Como o Sr. Fala bonito. Faz o sermão lindo!
52	1	2	1	1	2	1	3	2	Nós todos os domingos levantamos de manhã para assistir a missa. Minha mãe gosta muito do sermão que o Sr. Fala sobre a mensagem do Evangelho de Jesus Cristo. Gostaria de parabenizá-lo pelo trabalho que vem realizando há 25 anos pela TV Anhanguera.
53	3	2	1	1	1	1	3	2	30 anos que não anda. Sempre assisto a sua celebração da missa e quero declarar que encontro nesse programa um conforto, um consolo. Quero lhe deixar consciente de que seu trabalho se faz muito importante para pessoas como eu, que estou em cadeira de roda.
54	2	1	2	2	2	1	1	1	Quando assistimos sua missa na Televisão a gente sente a profundidade de sua "Pregação"que aquece os corações sedentos de fome e sede espiritual. Coisa para os dias de hoje e mais do que nunca a humanidade precisa do Sr. E do seu sacerdócio que é legítimo e transparente.
55	2	1	2	2	1	1	1	1	Santa Missa em seu Lar é uma maravilha. Espero em Deus que ela repita por muitos e muitos anos. E que Deus te dê os dons necessários para ir em frente

									com esta bela oração.
56	2	1	1	2	2	1	1	1	É uma grande graça, pela TV participar da celebração Eucarística presidida pelo Padre Djalma. Nós apreciamos muito e participamos com toda atenção. É o padre, Ministro de Deus, dentro do nosso Lar. Que jamais se acabe este bem maravilhoso. Aqui em Uruaçu várias famílias assistem a Santa missa em seu lar. gostamos muito de suas homilias práticas, como verdadeiras, fala com tanta firmeza, clareza, uma linguagem carinhosa, simples, bem de acordo com a capacidade de entendimento do povo simples de fé. não é Missa enlatada, preservada. é um programa Eucarístico muito bonito...
57	3	1	1	1	3	1	3	1	Nada faz nos deixar de ouvir esta missa. Por acaso não celebre para nós é um dia incompleto. ...que esta missa nunca nos falte
58	3	3	2	1	2	1	1	1	...gosto muito de tudo o que Sr. Diz; nada me impede de assistir a missa para TV Anhanguera nos domingos. Admiro muito o seu carinho de celebrar essa missa. Eu adoro a bênção da saúde que me dá ânimo e alívio em minhas enfermidades.
59	2	1	1	1	2	1	1	1	...recebemos com maior agrado S. M. no seu Lar em nosso Lar. Deus o inclua em sua agenda divina para recebê-lo de braços abertos depois de muitos anos de vida....
60	3	2	2	2	1	1	3	1	Desde 1977 assisto S.M. em seu Lar. Sermões límpidos, objetivos e porque não dizer à altura da compreensão de qualquer nível cultural. É muito importante a celebração de S. M. em seu lar.
61	2	1	1	1	2	1	1	1	..admiraço muito a sua capacidade e a maneira de explicar. Achamos uma beleza. Que Deus te abençoe e te ilumine sempre com muita saúde... Somos da Legião de Maria.
62	2	1	2	1	2	1	1	1	Santa Missa em seu Lar é muito importante. Nunca pode parar. Tem nos ajudado muito. Nós te amamos muito. Não o conheço pessoalmente, mas há esperança.
63	2	2	1	1	2	1	1	1	Acho muito bom e peço a Deus que te dê muita saúde, e que o Espírito Santo o ilumine para continuar mostrando esta Santa Missa que é... Um caminho de santidade para os cristãos. A sua homilia que coisa mais linda! É sem dúvida uma inspiração divina!
64	2	2	1	1	2	1	1	1	Tenha certeza, irmão, você está no caminho certo... Quer mais uma prova de que a missa é tão importante? Quando tinha uma loja no centro de Anápolis, com uma grande clientela...dizia-lhes: se vocês (filhos) assistirem a Missa para TV dou-lhes a fazenda...
65	3	2	2	2	1	1	3	1	Gosto imensamente de assistir e participar, pois sinto muito bem, é gratificante e o coração fica mais leve e melhora o ânimo para iniciar um novo dia. O que o Sr. Nos proporciona com esse programa é uma bênção de Deus.
66	3	2	2	2	1	1	3	1	...é uma bênção divina principalmente para os enfermos como eu que não podendo assistir na igreja, assisto todos os domingos em meu lar. Que Deus te proteja e dê muitos anos de vida e saúde e peço a sua bênção.
67	2	1	2	2	2	1	1	1	Vejo a cada dia que passa continua mais interessante e mais aprofundada a homilia que o Sr. Faz. Eu adoro e que continue sempre assim, nos alertando dos maus caminhos!
68	2	1	2	2	2	1	1	1	Sou assistente de carteirinha de S.M. em seu Lar. A minha opinião é que o Sr. Comunica muito bem e é de uma grande sabedoria. Peço a Deus para dar muita saúde paz e que o Sr.continue nos dando a alegria de participar de S. Missa sempre.
69	2	1	2	2	1	1	1	1	Quero cumprimentá-lo pela maneira sábia e pela humildade superior como tem conduzido S.M. em seu Lar. É pena que seja em horário muito cedo e os jovens por certo, não costumem assistí-la.
70	3	2	2	2	1	1	1	1	Acho a missa maravilhosa. E pergunta sobre a validade: é a mesma coisa que ir a igreja?
71	3	1	1	1	1	1	1	2	Desde que moro aqui não perco uma missa em seu lar
72	3	1	2	1	3	1	3	1	Nós não perdemos uma Missa. Quero que continue sempre. Deus proteja o Sr. Em todos os momentos de sua vida. Gostamos muito de suas explicações e de

									seus conselhos. Achamos tudo certo.
73	2	1	1	2	1	1	1	1	Nestes 25 anos de S. M. em seu Lar quero lhe dizer que... Tenho a felicidade de assistir à sua missa nas manhãs de domingo...seus sermões são de uma sabedoria, que só quem está cheio de graça e luz, pode fazer.como é importante esta missa para nós católicos goianos e como o senhor nos orgulha. João Bosco é gerente do Brasescode V. Nova.
74	3	1	2	2	1	1	3	1	Desde a época que era exibida às 7 h eu não perdia uma missa sequer, pois não tinha tempo de ir a igreja. A possibilidade de assistir na televisão uma missa com um padre que com toda certeza é abençoado, me deixava muito feliz. Quando passou para 6 h continuei assistindo e agora está melhor pois começo meus domingos com a S. Missa. conheço várias pessoas que fazem questão de acordar cedo para assistir S. Missa. pessoas que não tem condição de se locomover até a igreja, tem a possibilidade de ouvir e ver uma palavra de esperança, uma palavra amiga. Desde meus filhos pequenos eu os chamava para assistir o programa.É, hoje, eles já estão casados e seus filhos também gostam da missa.
75	2	1	2	2	1	1	1	1	Eu sempre assisto a missa pela Televisão celebrada pelo Senhor. Faço-o com muito prazer porque as mensagens que o senhor nos passa... São de profundo conhecimento do ser humano, trazendo do Evangelho, os conselhos necessários para a filosofia de vida de hoje obrigada, Pe.Djalma pela sua presença de esperança na tela da TV Anhanguera, onde tenta abrir nossos corações, a nossa mente para mais amar e mais perdoar. Reze por mim e me dê a sua bênção.
76	3	1	1	2	1	1	1	1	Pe. Djalma gostaria de parabenizá-lo pela conduta, pregações, sermões, interpretações da bíblia, na tomada de posições com firmeza diante das injustiças, exceções de nossa sociedade e de alguns políticos aventureiros e desonestos. ...gostaria que meu mestre abençoe a continuidade do meu casamento. no dia 21/12/99 estarei completando 40 anos de c. Bodas de Esmeralda.
77	3	1	1	1	2	1	1	1	Sou ouvinte da missa há muitos anos. Sou católico de fé e todos da minha família. Tenho 75 anos e vou fazer 50 anos de casamento. Desejo assistir esta missa em seu lar enquanto viver.
78	2	1	1	2	1	2	1	1	Para mim a palavra de Deus é como alimento e sendo pregada por Padre Djalma ela se torna mais forte e profunda. Reconheço a importância deste momento. Gostaria de dar a sugestão para que a S. M. fosse transmitida ao meio dia a fim de atingir mais adolescentes.
79	2	1	1	1	2	1	1	1	A minha opinião é que essa Santa Missa permaneça para sempre e se possível dirigida pelo Pe. Djalma. Eu já aprendi muitas coisas boas com suas belas palavras e eu te admiro muito Pe. Djalma. 22 anos de casamento.
80	2	1	1	1	3	1	3	1	A missa pela TV é muito importante. Estamos precisando muito da palavra de Deus nos meios de comunicação. Esta emissora está de parabéns com a S. Missa em S. lar aos domingos. Eu levanto cedinho para acompanhar a missa pela TV. Eu gosto muito do sermão do Pe. Djalma.
81	2	1	1	2	1	1	1	1	As reflexões teológicas inteligentes e sábias, feitas com fluência e serenidade pelo culto celebrante, sobre os trechos, do santo evangelho, apropriadas para cada domingo, encantam, comovem e alegram os espíritos e os corações mesmo quando o tom do orador esquentava pela necessidade das circunstâncias do dia. Dr. Hélio seixo de Brito ex-prefeito de Goiânia, amigo de J.Câmara.
82	2	1	1	2	2	1	1	1	Admiro muito o trabalho do Pe. Djalma e seus colaboradores e coais. Através da participação da S. M. eu me sinto mais feliz, mais realizado. Eu não sei nem como será a vida sem a S. Missa. Nada me faz perder a S. Missa todos os domingos. Gostei da história "por fora bela viola por dentro pão bolorento" eu dei uma boa risada. estarei esperando a bênção especial.
83	2	1	2	2	1	1	3	1	S. M. em seu lar é uma bênção e de grande valia para a população católica de Goiás. S. Missa é oportunidade para tantas pessoas desfrutarem dessa dádiva divina. Minha mãe com 89 anos não perde a S. M. em seu lar.
84	2	1	1	2	2	1	1	1	Sou uma pessoa que não perde a S. M. Lar aos Domingos; peço a minha

									bênção.
85	3	2	1	2	2	1	3	1	Assisto suas missas há muitos anos.. Desde a de número 116. Admiro muito a sua pessoa e a missa que celebra. Creio muito em Deus, mas não posso freqüentar a igreja por problemas de saúde... Acordo domingo, bem cedo para acompanhar a sua celebração. Aqui está a minha súplica para que esta missa nunca acabe... Tenho 61 anos 30 de casamento.
86	2	1	1	2	2	1	3	1	Pe. Djalma depois que comecei a ouvi-lo todos os domingos o meu coração se enche de alegria, as minhas angústias desaparecem, só de ouvir suas mensagens magníficas que fala. O seu programa é belo, é mais que perfeito... Ouvindo suas palavras de conforto, já não me sinto mais só.
87	2	1	1	1	2	1	3	1	Acho a S. Missa uma perfeição. E faz muito tempo que assisto Santa Missa pela TV. O sermão que o senhor faz é tudo aquilo que é certo. Eu sempre comento em minha casa e com meus amigos que o que o senhor diz é muito proveitoso para o modo que devemos viver. que ilumine os dirigentes da TV Anhanguera que esse programa nunca acabe.
88	2	1	1	1	2	1	3	1	Desde quando meus pais eram vivos, eles tinham a devoção de assistir a S. M. em seu Lar todos os domingos, eu ainda era solteiro e eles colocavam a gente para assistir a missa. Às vezes a gente estava fazendo alguma coisa e ele gritava! Vai começar a missa. Santa M. já diz tudo, traz muita paz em nosso lar. somos uma família de 12 irmãos. só eu resido em Lusiânia.
89	2	1	2	2	2	1	3	1	Acho S. M. em seu Lar maravilhosa. A leitura do senhor é muito bem explicada. Levanto todos os domingos para assistir a missa, assim como fazia meu pai antes de falecer. Meu pai era muito religioso, firme na fé e não perdia essa missa por isso vou continuar assistindo a sua missa porque gosto muito de nossa religião e quero ir até o fim como fez meu pai.
90	2	2	2	1	2	1	3	1	Pe.Djalma olha eu assisto a missa todos os domingos na TV e sinto bem graças a Deus. Eu levanto 6 horas da manhã para assistir a missa. O dia que eu não assisto a missa eu sinto um vazio dentro de mim. Olha as pessoas falam para mim que missa na TV não é igual na igreja. mas eu tenho muita fé, sou católica e quero morrer católica, se Deus quiser!
91	2	1	2	2	2	1	2	1	Desde de 84 que sou ouvinte. Está com 11 anos antes que eu fiquei viúva e nunca perdi uma missa de seu programa. Sou muito religiosa, tenho muita fé em "Deus". E participo das missas todos os domingos aqui na minha comunidade.
92	3	1	2	1	2	1	1	2	... Gosto muito da Santa Missa no domingo pela TV. Acho que me faz muito bem. Pois além da missa, o senhor dá muitos conselhos que me ajudam muito. Marido doente.10 filhos, 8 noras, 1 genro, 17 netos, 4 filhos falecidos. Tem 58 anos, 35 anos de casamento. adoro a santa Missa e espero que continue.
93	3	1	2	2	2	1	2	1	Aqui é um ouvinte de todos os domingos dessa S. M. em seu Lar. Eu acho a missa maravilhosa e já me acostumei tanto que mesmo que esteja dormindo acordo antes do Bispo falar. Eu gosto do seu evangelho, de suas explicações e até mesmo da maneira de ser. sou professora aposentada.
94	3	1	1	1	2	1	1	1	Olha, eu e minha esposa somos seus ouvintes desde o início. Aqui em Itajá todos os católicos assistem a missa em seu lar. Minha esposa está um pouco doente... Nos temos muita fé na missa do senhor e por isso ela já está bem melhor. Somos cursilhistas e legionários e todos os domingos vamos à igreja. tenho 83 anos e ela 73. 57 anos de casamento. tenho 4 filhos legítimos, 1 filho adotivo, 12 netos e 9 bisnetos
95	2	1	1	1	2	1	1	2	Nós estamos muito contentes com S. Missa em seu Lar. Espero que permaneça por mais 100 anos porque é uma coisa muito bonita de assistir aos domingos. Gostaria que abençoe minha família na hora da bênção da saúde.
96	2	1	2	1	2	1	2	2	Achamos S. Missa uma bênção de Deus, pois tem ajudado muito principalmente na fé do meu marido que depois que passou para assistir a missa até me acompanha na igreja. Quando assisti a primeira, eu estava grávida do meu filho. E hoje ele é casado e tem uma linda filhinha que é tudo de bom neste mundo. nós falamos juntos que a missa é muito importante para nós e nossos filhos.

97	2	1	2	1	2	1	1	2	Agradeço por Santa Missa existir e por ter grande audiência aqui em Anicuns.
98	2	1	2	1	2	1	1	1	Para mim a S. Missa é muito importante. Gosto de ouvir você e seu ajudante falar com seu jeito sistemático, sempre dizendo a verdade, doa a quem doer. Sou sua fã e tem mais aqui em minha cidade. Sempre que a gente conversa com as pessoas sobre esta S. Missa, todos gostam muito de te ouvir.
99	2	1	2	2	3	1	3	1	Eu adoro e amo de todo o meu coração esta santa Missa em seu Lar, ela é uma maravilha. Eu gostaria que houvesse mais oportunidade para poder ter outras missas. Eu me sinto muito bem quando ouço o Sr. Falar, pois fala com muita clareza e é bastante positivo nas coisas que fala. muitas vezes o Sr. fala coisas que acho que foram especialmente para mim, elas sempre vêm na hora exata e na hora que estou precisando. peço a Deus que Sr. viva 700 vezes 7, para celebrar muitas missas para nós.acredito que o Sr. pode ser um dos discípulos de Jesus, pode ser Pedro, João, André.
100	3	2	1	1	1	1	3	1	Conheço o Sr. A muitos anos desde a fazenda do Tavino Borges e admiro muito seus sermões. Venho... Parabenzá-lo pelo seu trabalho de evangelização aos domingos na Televisão Anhanguera...
101	2	1	2	2	2	1	1	1	A S. M. em seu lar, celebrada pelo Sr. É muito importante para mim, sempre acompanho com atenção pela TV Anhanguera. Pe. Djalma, os seus gestos, sermões, atitudes e reverências ao celebrar desde a 1.ª até a última missa, fazem com que a gente goste cada vez mais de suas missas, principalmente quando acompanhadas pelo coral S. Cecília de Trindade. Muito apreciável. É divino.
102	2	1	2	2	1	1	1	1	Sou telespectadora constante de seus sermões e aprecio muito as suas missas. Continue trazendo para as famílias goianas a paz e bênçãos.
103	2	1	2	2	1	1	1	1	Não passa pela minha cabeça, que vocês um dia vão tirar a S. M. do ar, pois ela faz parte de nossas vidas. Se isso acontecer vai ser um vazio espiritual muito grande, pois o sermão do domingo nos norteia para a semana toda. Além disso o interior de Goiás assiste a S. M da TV Anhanguera por ser mais cedo e as demais emissoras por ser mais tarde prejudica a rotina das fazendas. a audiência dela é maior entre as pessoas idosas, talvez por isto recebem poucas cartas, como os senhores sabem, as pessoas de idade não têm o hábito de escrever e hoje é um público respeitável; por favor em nome do meu pai com 83 anos e é assíduo e fiel a esta emissora não cabem com esta tradição religiosa tão linda, tanto quanto a Ave Maria das 6 horas
104	2	2	1	1	2	1	3	2	Peço ao diguinissimo Pe Dj. Que me inclua na Bênção da saúde pois eu sofro de escoliose e bico de papagaio. Sou solteiro e moro sozinho e não tenho uma pessoa para cuidar de mim. Mas mesmo assim eu agradeço a Deus por tudo.
105	2	1	2	1	2	1	1	1	Todos os domingos acordo muito cedo para assistir a S. M. com muita atenção e respeito. Depois do Evangelho vem a homilia com vossas palavras que são tão claras, tão verdadeiras que me enchem de coragem e de fé. Fico conversando com minhas família durante o dia o que entendi desse evangelho que é a palavra de deus, tão importante para nós. os meus sinceros agradecimentos por esse trabalho tão bonito.
106	2	1	1	2	2	1	1	1	Tenho a honra de informar que a câmara Municipal de Nerópolis, concedeu o Título de cidadão neropolino a Vossa Reverendíssima, por projeto de autoria do vereador Edson de Oliveira (xenxa) Isso se sabe é por conta da importância de S. Missa em seu Lar.
107	1	1	2	1	2	1	1	1	Não sou rica, mas com alguns sacrifícios meus pais conseguem pagar uma escola particular para mim e minha irmã. Eu não gosto da escola pois as pessoas de lá não gostam de Deus. Parabéns pelo seu trabalho, que Deus te ilumine cada vez mais para que o senhor nos mostre o caminho certo. o Sr. deve estar pensando que na minha cidade não tem padre. tem sim, é que tenho vergonha de conversar pessoalmente: sou tímida.
108	2	1	1	1	2	1	1	1	Deus que te abençoe e te proteja. Sou teu ouvinte de todos os domingos.
109	2	1	1	1	2	1	1	2	Escrevi-lhe para parabenizar esta nossa importante TV Anhanguera pela transmissão de S. Missa em S. Lar e pedir que dê continuidade enquanto for possível e também agradecer a este tão competente celebrante que é o nosso

									padre Djalma.
110	2	1	2	2	1	1	1	1	Tenho a alegria de assistir a S. Missa todos os domingos. É bem esclarecida. Fico muito feliz.
111	3	2	2	2	2	1	3	1	Sou mulher estou com 83 anos, tenho alguma coisa dentro do coração. Como gosto de ouvir os vossos sermões de grande atividades explicando a maneira santa de prepararmos para o encontro solene com nosso pai. Fico ansiosa para que chegue o domingo para lhe ouvir as maravilhas de Deus. o senhor para a humanidade é importantíssimo.
112	2	1	2	2	1	1	1	1	Tenho 80 anos. Não posso deixar de escrever dizendo que S. Missa foi para mim uma bênção. Ninguém antes havia me falado, foi uma coincidência maravilhosa. Há uns 20 anos eu a assisto. Ela me ajuda muito. Parabéns, Pe. Djalma, admiro os seus sábios conselhos e a simplicidade e clareza no seu modo de falar. espero ter a graça de assistir a Missa em S. L. até os meus últimos dias.
113	2	1	2	2	2	1	1	1	. Acho muito importante a S. M. em S. Lar. Não perco nenhuma e acho que não deveria acabar o programa, pois esta é uma missa que mexe muito com o coração de qualquer pessoa.
114	1	1	2	2	2	1	1	1	Tenho 29 anos sou casada e tenho 2 filhos. Venho pedir pelo amor de Deus que não tirem a Missa pela televisão, pois tem muitas pessoas que não podem ir à missa e que não perdem uma só missa na TV. Não é o meu caso, mas é o de várias pessoas que conheço.
117	2	1	2	2	2	1	1	1	Eu tenho 70 anos e assisto a missa todos os domingos e gosto muito das explicações dadas pelo senhor na hora do sermão, pois elas estão sempre de acordo com a nossa vida. Que Deus renove a cada dia a saúde do Sr. Para que esta missa continue por muitos e muitos anos. termino pedindo a sua bênção.
118	2	1	2	1	3	1	1	2	„,Acho ótima a S. Missa em seu lar. Há 18 anos que levanto todos os domingos bem cedo para assistir. E quando não tinha televisão, assistia na casa do vizinho. Lembro um dia que você me disse que sua mãe fazia vocês deitar mais cedo por causa da fome. pois eu sai lágrimas nos olhos de ouvir sua História.
119	2	1	2	1	2	1	1	2	Padre Djalma, desde os anos 70 que te acompanho nesta sua caminhada. Desde então você ganhou mais discípulos, a minha família. Para minha mãe S. M. em S. lar é quase um "talismã". Quando não assiste fica-lhe faltando alguma coisa. Comenta conosco o seu sermão como se fosse uma ordem. sabe! são tantas as alegrias que nos proporciona que às vezes ameniza as nossas dificuldades.
120	1	1	2	1	2	1	1	1	Tenho o prazer de todos os domingos assistir a S. Missa em S. Lar. O Padre Djalma celebra uma missa tão bonita e os sermões são belos. Atingem profundamente os nossos sentimentos religiosos e avivam muito a nossa fé. Moro na chácara e não tenho jeito de ir na cidade assistir a missa aos domingos. somos fracos e meu esposo não tem condução para ir a cidade. a missa pela TV. é uma dádiva grande. nós aqui somos católicos e agradecemos muito o Pe. Djalma pela oportunidade de assistir a missa em minha chácara.
121	2	1	2	1	3	1	1	2	Nós assistimos a vossa telespectação pela TV. Sua imagem transmite muita paz e amor entre nossa família. Peço a Vossa Santidade para abençoar meus 10 filhos e meu esposo e os meus 10 netos.
122	3	2	2	2	1	1	1	1	A bênção, Pe. Djalma. Eu tenho 15 anos e quero ser uma freira. Estou na 6. <sup>a</sup> série. A minha avó já assiste a sua missa há 20 anos mas eu só hoje, é que lhe assisti pela 1. <sup>a</sup> vez. A missa do senhor é mesmo uma maravilha. Moro com os meus avós porque meus pais moram na fazenda e lá não tem estudo.
123	2	1	2	2	2	1	1	1	Nós moramos numa casinha de pau-a-pique. Eu fico muito triste tem dia. Só quando eu ligo a televisão aos domingos que eu me conformo. Nossa televisão funciona à bateria. Mesmo assim eu não perco as missas. Nós somos agora só 3 em casa. E onde moramos não temos vizinhos. somos sozinhos aqui. o senhor é a nossa companhia todos os domingos. nos achamos sua missa muito boa e se depender de nós jamais esta missa sairá do ar.
124	3	1	2	2	3	1	1	1	Assisto a Missa em S. Lar há 17 anos. Escrevo-lhe mais uma vez para pedir



									mencionar o nome do meu esposo. (Esta escreve todo o mês para pedir a mesma coisa). Dia 24
125	3	1	1	1	3	1	3	1	Com muito carinho lhe escrevo para fazer um grande pedido... Que Deus o abençoe!
126	2	1	2	1	1	1	1	2	Aqui quem escreve é uma telespectadora fiel de S. M. em S. Lar. Tenho 54 anos e acompanhando a missa meu conceito é: traz mensagens de muita confiança em Deus e amor à vida. Tento, sempre que posso, transmitir tais mensagens para minha família. Peço também a Bênção da saúde para mim e toda minha família.
127	2	1	2	1	3	3	1	1	Quem escreve é o seu ouvinte de muitos anos. Olha, a S. Missa para mim é a maior alegria aos domingos de manhã, para ouvir a palavra de Deus, dá muita emoção.
128	3	2	2	1	1	3	2	1	Faz muitos anos que assisto S. Missa. Gosto demais de ouvi-lo na TV porque você é muito bom para explicar o santo evangelho. Peço que continue seu trabalho que é muito importante para todos nós. Agradeço pela benção da saúde que recebi e me curou.
129	2	1	1	1	3	3	1	1	Eu vejo Santa Missa em S. Lar todos os domingos e gosto muito. Acho que vale a pena a gente levantar cedo para assistir essa missa. É um horário bom. Eu gosto e acho que deve continuar como está.
130	2	1	1	1	2	1	1	1	Tenho 74 anos sofridos. Meu esposo e eu estamos doentes e muitos solitários. Contamos com a ajuda de Deus. Peço orações para mim e para meu esposo
131	2	1	1	1	1	1	1	1	Eu desejava a missa não 4 vezes por mês, mas 30 vezes, uma por dia. Olha, eu sempre convidei vizinhos para assistir todos os domingos às 6 horas a missa com nós.
132	2	1	2	2	2	1	1	1	Nós achamos muito importante a S. Missa em S. Lar. Ela não pode terminar nunca esta tão grande fé da Igreja Católica.
133	3	2	2	2	1	3	1	1	É um prazer muito grande em poder ser telespectador da TV Anhanguera que a mesma apresenta a S. Missa em S. Lar. Desde 1980 assisto a missa apresentada pelo Pe. Djalma. A minha nota para este evento é 10.
134	3	2	2	1	3	3	1	1	Assisto a S. Missa todos os domingos. Desejo que o Sr. Seja sempre esta pessoa iluminada por Deus. Pois é com muita alegria que lhe escrevo esta carta.
135	3	1	1	2	2	3	2	1	A Santa Missa no Lar, é sem dúvida a melhor parte do domingo, nas suas realizações de cada início de semana sobretudo para quem não pode participar do Ato na Igreja. Há alguns anos descobri na TV. Esse recurso tão providencial. Sou portadora de uma polineurite... é pois, junto com o Pe. Djalma que sinto-me com o espírito renovado e confortado ao descortinar demais um início de semana. faço votos que ele esteja sempre constante na programação da TV Anhanguera e para muito tempo. gostaria de receber a visita do querido Pe. Djalma.
136	2	2	2	2	2	1	1	1	Não perco nem uma S. Missa aos domingos. 38 anos de casamento
137	2	1	1	1	2	1	1	1	Não sou católico. Eu nasci católico. O Padre que me batizou era um sacerdote de verdade. Contraiu a lepra e foi abandonado por todos. Isso foi na década de 30. Como disse eu não sou católico mas assisto a S. Missa em S. Lar sempre que posso e tenho profundo respeito pelo senhor e admiro muito o seu trabalho. sou casado e amanhã, 28 de abril estaremos completando 55 anos de casamento, uma união abençoada por Deus. nós tivemos 16 filhos e 2 adotivos com 22 anos de idade fortes e sadios. mas somos pobres aposentados. mas eu me considero rico porque tenho uma família maravilhosa. eu me converti ao Espiritismo onde encontrei apoio, consolo e explicação lógica para as minhas dores. Sebastião Bento de Oliveira - Tãozico e Da. Luíza Bento de Oliveira - Da. Zizi
138	2	1	1	2	2	1	2	1	Sou ouvinte assíduo de S. M. aos domingos peço a bênção da Mãe Santíssima.
139	2	1	1	2	1	1	1	1	Eu e minha família gostaríamos de parabenizá-lo pelo programa dominical, pois assistimos a mais de 15 anos. E os seus sermões nos ajudam muito na nossa vida diária.

140	2	1	1	1	2	1	1	1	Assisto a missa todos os domingos. É com muito prazer que escrevo para vossa senhoria desejando tudo de bom para o Senhor.
141	2	1	1	2	1	1	1	1	Sou eterno assistente de todos os domingos de S. Missa... Desejando que este seu programa que você criou permaneça por muitos anos de vida para todos os ouvintes.
142	2	1	1	2	2	1	1	1	Nós gostamos muito de sua pregação. E por isso não perdemos uma só celebração aos domingos. Não tem ocupação que nos deixe de assistir a Missa na TV.
143	3	2	2	2	3	3	1	1	Há tempos assisto a missa pela Televisão celebrada pelo senhor. Vejo a imensa fé com que celebra e pede a Deus pelas pessoas que já partiram.
144	2	1	2	2	2	1	1	1	Todos os domingos, de manhã minha irmã e eu assistimos a Santa Missa em S. Lar. Quão maravilhosas sãs as coisas do Senhor Deus. Este Deus tão bom, que o Criou o fez Sacerdote, tão interiorizado das coisas do Alto e que se expressa tão claramente a homilia, isto é, os ensinamentos que até eu, tão pequena, tão inculta as compreendo como ensina o grande amigo Pe. Djalma. que o Senhor, Pe. Djalma continue iluminado por Deus, com sabedoria, fortaleza e outros dons que Deus o agraciou: Luz do mundo, sal da terra.
145	2	1	2	2	1	1	1	1	...eu o vejo Pe. Djalma fervoroso, simples, humilde e cheio de amor para distribuir. Parabéns! Há 10 anos vivo emprestada aqui em Anápolis, residindo na fazenda de meu genro. Eis a razão, pela qual assisto a S. Missa na TV. Todos os domingos. Gosto de um orador sacro. suas palavras são certas e decisivas, amigas e confortantes, inteligentes e sábias. expressam um carisma todo peculiar. sou idosa, frágil, às vezes, me sinto tão pequena ao lado de pessoas que sabem enfrentar galhardamente, qualquer situação.
146	2	1	2	1	3	3	1	1	gostamos muito de assistir S. M. em S. Lar. Continue com esta garra ajudando a doutrina de Jesus.
147	2	1	1	2	2	1	1	1	...somos assíduos ouvintes de Santa Missa em seu Lar, assistimos a uma delas em que o senhor bondosamente comparou Mamãe a uma "Árvore Frondosa" fazendo sombra a todos que dela se aproximavam,...de toda a família, rogando que nos abençoe em nome do Senhor. Ma. Alice, filha do Dr Hélio e da Da. Célia Seixo de Brito.
148	1	1	2	2	1	3	1	1	Venho através desta dizer ao senhor, as suas palavras nas manhãs de Domingo nos trazem alegria e conforto para um simples lar.
149	2	1	2	2	1	1	1	1	Pe. Djalma rogando vossas bênçãos, vimos em nome dos demais integrantes do Mov. Pop. P/ Ética na Pol. De Catalão agradecer-lhe para honrosa citação da gente catalana na missa do último domingo, como também parabenizá-lo pela audiência em nossa região, prova disso foi a quantidade de pedidos que recebemos para manifestar-lhe a nossa honra e contentamento.
150	2	1	1	2	1	1	1	1	Falar com o Sr. É clarear o que antes era tão obscuro e incompreensível. E com poucas palavras tão simples, sem teorias complexas, o Sr. É capaz de em poucos minutos dizer o que antes seria incapaz de entender. Talvez, eu não seja capaz de expressar o quanto é belo que estou sentindo, mas dentro de mim sei sentir e apreciar a glória e a bênção de suas palavras.
151	2	1	2	2	2	1	1	1	Agradeço a Deus e a todos os santos e santas, por permitir-me assistir o senhor pela televisão celebrando o santo sacrifício da Missa, todos os domingos. Com amor, carinho e respeito, queria aceitar meus abraços....
152	2	1	2	2	2	1	1	1	Venho deixar aqui meus cumprimentos pela excelente apresentação de santa Missa em seu lar, que tenho assistido sempre, há muitos anos. Peço a Deus que o faça continuar com essa programação, que sei ser muito apreciado por todos.
153	2	1	1	1	2	1	1	1	É com muito prazer que lhe comunico que tenho o maior prazer em assistir S. M. em s. Lar. Gosto muito do sermão do Pe. Djalma. É isso que precisamos ouvir essas verdades verdadeiras. Infelizmente quem precisa desses sacolejões não assistem nem ouvem; mas gente como eu que dá valor em cada palavra bendita passa para alguma pessoa. a missa preferida é a sua, Pe. Djalma.
154	2	1	1	1	2	1	1	1	É motivo de alegria receber a Santa Missa em minha casa. Vossa Reverendíssima é especial. Admiro sua mentalidade.

155	2	1	2	1	2	1	1	1	É motivo de alegria receber a Santa Missa em minha casa. Vossa Reverendíssima é especial. Admiro sua mentalidade.
156	2	1	1	1	2	1	1	2	Acompanho a S. M. desde 1986 por sugestão de minha falecida mãe que acompanhava todas. Nasci católico. Sou católico
157	2	1	2	1	2	1	1	2	Sou assídua de S. M. pois começo meu dia mais alegre, com mais fé e esperança. Gosto de todos os detalhes. É bom acordar de manhã e ligar a TV., a primeira coisa que se ouve é a palavra de Deus ainda mais dita pelo senhor.
158	2	1	1	1	1	1	1	1	Fico muito feliz de saber que há 15 anos que assisto a S. M.... Fico pensando que faltando essa Missa falta alguma coisa neste dia.
159	3	2	2	1	1	1	1	1	Assisto a missa dos domingos. Gosto muito das palavras do Pe. Djalma palavras de conforto as quais agradeço.
160	2	1	2	1	1	1	1	1	Assisto todas as missas em S. Lar. Pergunto: porque não tem missa nos dias de carnaval e de jogo. Será que o jogo de futebol é melhor do que a Santa Missa?
161	2	2	1	2	1	1	1	1	Eu assisto a S. Missa todos os domingos, desde o começo, gosto muito, peço-lhe que ela deve continuar. O senhor nos transmite muita paz, esperança harmonia... Suas palavras nos confortam e nos dão força para continuar a nossa caminhada. Tenho 68 anos.
162	2	1	2	2	2	1	1	1	Todos os domingos assisto sua missa, onde encontro com Deus, e escuto o sermão enviado por ele através de sua pessoa. A missa deve continuar, nós precisamos muito, porque ela nos transmite paz, alegria, esperança em nossos lares. Tenho 40 anos.
163	3	1	2	1	1	1	1	1	Três domingos consecutivos acamado em um leito hospitalar após 3 graves operações e passado 2 dias na UTI, tive a doce esperança de participar de sua celebração. Pela singeleza das cerimônias pela harmonia dos cantos litúrgicos, pelo vigor de sua homília, pela sabedoria dos ensinamentos da Palavra de Deus, a sensação que eu tinha era de estar presente na anti-câmara do paraíso. Com este testemunho de fé, quer externar-lhe pessoalmente os melhores agradecimentos pelo bem imenso que o Sr. proporciona aos que precisam de conforto e de esperança nas horas difíceis da vida, sobretudo quando deitados sobre a cruz do sofrimento. Parabéns, Pe. Djalma!
164	3	2	2	1	2	1	1	2	Gosto muito de suas missas. O Sr. Fala aquilo que a gente quer ouvir. Uma outra coisa positiva é que o senhor está sempre falando e combatendo as coisas erradas de nossa igreja e de quem a administra. Tem padre que fala mal de todas as religiões e pessoas, mas não é capaz de olhar os erros de sua própria igreja. vou "orar"para que enquanto o Sr. tiver vida e saúde estar celebrando a S. M. na TV. te acho nota 10.
165	2	1	2	1	3	1	1	1	Acompanho S. M. em Seu Lar há 15 anos e tenho 80 anos.
166	3	2	1	1	2	1	1	1	A sua bênção! Esta Santa Missa é a melhor coisa de minha vida. Eu assisti a primeira missa do Sr. Na TV e nunca mais parei...enquanto eu me agüentar e me levantar, eu assistirei a bênção de Deus e a do S. Pe. Djalma. Vou terminar, pedindo a Deus muita felicidade do mundo para o senhor.
167	2	2	2	1	2	1	1	2	Quero dizer que S. Missa é muito importante . Eu me sinto como se eu tivesse participando na Igreja. Pena que é só um dia. Mas é muito importante mesmo.
168	2	1	1	1	2	1	1	2	Quero dizer ao Sr. Que nunca perdi uma S. Missa em S. Lar. Assistia na TV às 6 hs depois ia na Igreja, agora que não estou podendo ir na Igreja por motivo de saúde, então fico só com a S. M. estou completando 71 anos. Despeço-mi pedindo sua bênção.
169	2	1	2	1	2	1	1	2	Quero dizer para o senhor que nós gostamos muito da missa que o senhor celebra. Nós assistimos todos os domingos. Queremos receber a bênção da saúde.
170	3	1	1	1	2	1	1	1	É com grande alegria que todos os domingos assistimos a Santa Missa pela televisão e gostaríamos que reze por nós para que Deus nos abençoe.
171	2	1	2	2	2	1	1	1	Assisto a S. Missa sua todos os domingos e gosto muito. Quando acaba a energia ou quando a televisão estraga, fico muito triste. Mas logo chega outro domingo eu recebo a alegria em dobro. Peço-lhe a bênção.
172	2	1	2	2	1	1	1	1	Eu tenho 89 anos e assisto a missa há 15 anos. Com ela aprendi o que eu sou e

									conheci o Cristo Senhor. O seu ensinamento é maravilhoso...
173	2	1	1	2	1	1	1	1	Somos telespectadores da Santa Missa em Seu Lar, celebrada pelo Pe. Djalma, onde admiramos e gostamos dos conselhos e explicações do Santo Evangelho. Que Deus lhe dê saúde para continuar a celebrar a missa em nosso lar...
174	2	1	2	2	2	1	1	1	Câmara Municipal de Goiânia. Ofício n.º 4281/DER, 30 de junho/99. Comunicamos a V. S. que o requerimento n.º 4340/99 apresentado pelo nobre vereador Hélio de Brito foi aprovado de pleno, na sessão do dia 30/06/99, contendo a seguinte solicitação:"cumprimentos pelos 25 anos pelo seu Programa "Santa Missa em S. Lar".
175	3	1	2	2	2	1	1	1	Quero dizer que aos domingos estou sempre a ouvir a S. M. em seu Lar. Gosto muito de ouvi-lo em suas homilias, cujas palavras abençoadas, só traduzem coisas reais da espiritualidade, conselhos maravilhosos que nos ensinam como caminhar na direção que nos leva ao Pai do céu, onde há morada para todos os convertidos.
176	3	2	1	1	2	1	1	2	Todos os domingos estou sintonizada no canal 2, pois onde moro não tem Igreja Católica. Acho ótima esta Missa pela TV pois assim posso cumprir minha obrigação. O meu marido estará completando 70 anos no próximo 10 de junho
177	2	1	2	1	2	1	1	2	Tem 4 anos que assisto a missa no seu Lar todos os domingos. Tenho 66 anos. Peço colocar meu nome na bênção da saúde.
178	2	2	2	2	1	1	1	1	Eu adoro e não perco nem um domingo a missa. E quero que o senhor coloque o meu nome e de toda minha família na hora da bênção da saúde.
179	2	2	1	2	1	1	2		Assisto todos os domingos a S.Missa em seu Lar. Para mim ela é importante porque me traz paz e harmonia.
180	1	2	1	2	1	1	2		...o domingo que não assisto a S. Missa, não foi domingo. É a missa mais bonita e sincera e cheia de verdade
181	3	2	2	2	1	1	1		Eu gosto muito de ouvir e assistir a S. M. em S. Lar. Parabéns pela sua grande capacidade de transmitir a palavra de Deus ao coração das pessoas através deste programa.
182	2	2	1	3	1	1	1		Eu vou esperar o seu conselho ansiosamente. Obrigada por o Sr. Existir para eu me desabafar. Agora eu me sinto melhor. Tenho 23 anos e o meu marido que me maltrata muito também tem 23 anos e uma filha de 2T anos. As brigas são muitas.
183	2	2	1	3	1	1	2		Não perco as missas em seu lar, há muitos anos e gosto muito. Tenho 74 anos e meu marido 86. Em agosto faremos 58 anos de casamento.
184	2	2	1	2	1	1	2		A S. Missa é muito importante pois moramos na zona rural e não tem como ir a missa no domingo, então assistimos todos os domingos pela televisão. É ótima e não pode parar, deve continuar para sempre.
185	2	2	2	1	1	1	1		A S. Missa é muito importante pois moramos na zona rural e não tem como ir a missa no domingo, então assistimos todos os domingos pela televisão. É ótima e não pode parar, deve continuar para sempre.
186	1	1	1	1	1	1	1		É com o meu coração cheio de fé que participo de S. Missa em todos os domingos. Estamos precisando da bênção da saúde.
187	1	2	2	1	1	1	1		Quero oferecer as orações da S. M. para todas as mães.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. **A BÍBLIA**, de Jerusalém. N.T. 7.ed. São Paulo: Paulus, 1985.
2. **ALVES**, Rubem. **O que é Religião**. São Paulo: Ars Poética, 1996.
3. **AMARAL**, Leila. **Carnaval da Alma: Comunidade, Essência e Sincretismo na Nova Era**. Petrópolis: Vozes, 2000.
4. **ARAÚJO**, Luís Bernardo Leite. **Religião e Modernidade em Habermas**. As Regras do Método Sociológico. Lisboa: Presença, 1995
5. **ASSIS**, Paulo Avelino de. **De Olhos Abertos para a Realidade**. 4.ed. São Paulo: Centro Bíblico Católico, 1968.
6. **AUGRAS**, Monique. **O Ser da Compreensão: Fenomenologia da Situação de Psicodiagnóstico**. Petrópolis: Vozes, 1978.
7. **BANCROFT**, Anne. **As Origens do Sagrado**. Lisboa: Estampa, 1990.
8. **BARAÚNA**, Guilherme. **A Sagrada Liturgia Renovada pelo Concílio**. Petrópolis: Vozes, 1964.
9. **BARBET**, Pierre. **A Paixão de Cristo segundo o Cirurgião**. 11.ed. São Paulo: Loyola, 1988.
10. **BARREIRO**, Álvaro. **“Povo Santo e Pecador”**. A Igreja Questionada e... São Paulo: Loyola, 1994.
11. **BÉGUERIE**, Philippe. **Eucaristia nas Mãos**. São Paulo: Paulinas, 1978.
12. **BERGER**, Peter L. **O Dossel Sagrado**. Elementos para uma Teoria da Sociologia da Religião. São Paulo: Paulus, 1985.
13. \_\_\_\_\_. **Perspectivas Sociológicas**. Uma Visão Humanística. 20.ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

14. **BERGERON**, Richard et alii. **A Nova Era em Questão**. 2.ed. São Paulo: Paulus, 1994.
15. **BETTO**, Frei. **Das Catacumbas**. Cartas da Prisão 1969-1978. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
16. \_\_\_ **Catecismo Popular**. São Paulo: Ática, 1992.
17. **BOFF**, Clodovis. **Uma Igreja para o Próximo Milênio**. 3.ed. São Paulo: Paulus, 1998.
18. **BOFF**, Leonardo. **Nova Evangelização. Perspectiva dos Oprimidos**. Petrópolis: Vozes, 1990
19. \_\_\_ **Os Sacramentos da Vida e a Vida dos Sacramentos**. Minima Sacramentalia. 17.ed. Petrópolis: Vozes, 1995.
20. \_\_\_ **A Águia e a Galinha**. Uma Metáfora da Condição Humana. Petrópolis: Vozes, 1997.
21. **BOURDIEU**, Pierre. **Razões Práticas**. Sobre a Teoria da Ação. Rio de Janeiro: Difel, 1987.
22. \_\_\_ **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Difel, 1989.
23. **C.N.B.B.**, **Missa de Televisão**. São Paulo: Paulus, 1994.
24. **CALIMAN**, Cleto. **A Sedução do Sagrado**. O Fenômeno Religioso na Virada do Milênio. Petrópolis: Vozes, 1998.
25. **CARRIER**, Hervé, **Psico-Sociologia Dell'Appartenenza Religiosa**: Torino: Leumann, 1965.
26. \_\_\_ **PIN**, Émile. **Essais de Sociologie Religieuse**. Paris: Spes, 1967.
27. **CARVAJAL**, Luiz González. **Nossa Fé**. Teologia para Universitários. São Paulo: Loyola, 1992.
28. **CAVA**, Ralfh Della e **MONTERO**. **E o Verbo se Faz Imagem**. Igreja Católica e os Meios de Comunicação no Brasil-1962-1989. Petrópolis: Vozes, 1991.

- 29.**CECHINATO**, Luiz. **A Missa Parte por Parte**. 11.ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- 30.**CINTRA**, Raimundo et alii. **As Mais Belas Orações de Todos os Tempos**. 5.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.
- 31.**CISALPINO**, Murilo. **Religiões**. São Paulo: Scipione, 1994.
- 32.**COMBLIN**, José. **Vocação para a Liberdade**. São Paulo: Paulus, 1998.
- 33.**COMPENÊDIO DO VATICANO II**. **Constituições, Decretos, Declarações**. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1969.
- 34.**DAMATTA**, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis: Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro**. 6.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- 35.**DURKHEIM**, Émile. **As Formas Elementares de Vida Religiosa**. São Paulo: Paulinas, 1989.
- 36.**ELIADE**, Mircea. **Mito Del Eterno Retorno**. Arquétipos Y Repetición. Madrid: Alianza Editorial, 1972.
- 37.\_\_\_\_ **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- 38.\_\_\_\_ **Tratado de História das Religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- 39.**FERLAY**, Philippe. **Jesus Nossa Páscoa**. Teologia do Mistério Pascal. São Paulo: Paulinas, 1978.
- 40.**FERREIRA**, Júlio A. **Religião no Brasil**. Campinas: Luz para o Caminho, 1992.
- 41.**FEUERBACH**, Friedrich. **Preleções sobre a Essência da Religião**. Campinas: Papyrus, 1989.
- 42.**FILORAMO**, Giovanni e **RANDO**, Carlos. **As Ciências das Religiões**. São Paluo: Paulus, 1999.

- 43.**GRAMSCI**, Antônio. **Questão da Religião**. São Paulo: Paulinas, 1984.
- 44.**GUIDDENS**, Antony. **As Conseqüências da Modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.
- 45.**HOLLIS**, James. **Rastreando os Deuses**. Lugar do Mito na Vida Moderna. São Paulo: Paulus, 1998.
- 46.**INSTITUTO CATEQUÉTICO SUPERIOR DE NIJMEGEN**. **O Novo Catecismo**. A Fé para Adultos. São Paulo: Loyola, 1982.
- 47.**JEREMIAS**, Joachim. **Isto é o Meu Corpo**. São Paulo: Paulinas, 1978.
- 48.**JESUS**, Santa Teresa do Menino. **História de uma Alma**. Manuscritos Autobiográficos. 18.ed. São Paulo: Paulus, 2000..
- 49.**JORG**, J. Simões. **Cultura Religiosa**. O Homem e o Fenômeno Religioso. São Paulo: Loyola, 1998.
- 50.**JUNG**, C.G. **O Simbolismo da Transformação na Missa**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1991.
- 51.**LEVI-STRAUSS**, Claude. **Totemismo Hoje**. Petrópolis: Vozes, 1975.
- 52.**MACHADO**, Maria das Dores Campos. **Carismáticos e Pentecostais**. Adesão Religiosa na Esfera Familiar. Campinas: Autores Associados, 1996.
- 53.**MALINOWSKI**, Bronislaw. **Magia, Ciência e Religião**. Lisboa: Editora 70, 1984.
- 54.**MARTELLI**, Stefano. **A Religião na Sociedade Pós Moderna**. São Paulo: Paulinas, 1995.
- 55.**MAUSS**, Marcel. **Ensaio de Sociologia**. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- 56.**MELO**, José Marques. **Comunicação/Incomunicação no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1976.



57. **MERLEAU-PONTY**, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
58. **MESLIN**, Michel. **A Experiência Humana do Divino**. Fundamentos de Uma Antropologia Religiosa. Petrópolis: vozes, 1992.
59. **MONDIN**, Batista. **Quem é Deus?** Elementos de Teologia Filosófica. São Paulo: Paulus, 1997.
60. **MUÑOZ**, Ronaldo. **O Deus dos Cristãos**. Petrópolis: Vozes, 1986.
61. **NORONHA**, Marcos Antônio. **A Igreja que Nasce Hoje**. Petrópolis: Vozes, 1970.
62. **O'DEA**, Thomas F. **Sociologia da Religião**. São Paulo: Pioneira, 1969.
63. **OLIVEIRA**, José Fernandes de. **Tranqüilamente Católico**. Subsídios para uma Leitura da Fé-1. São Paulo: Paulus, 1997.
64. **ORO**, Ivo Pedro. **O Outro é o Demônio**. Uma Análise Sociológica do Fundamentalismo. São Paulo: Paulus, 1996.
65. **OTTO**, Rudoff. **O Sagrado**. Rio de Janeiro: Imprensa Metodista, 1985.
66. **PALUDO**, Faustino. **Liturgia**. Ação da Comunidade de Fé. Formação Litúrgica/ 1. 3.ed. Cuiabá: Berthier, 1999.
67. **PARKER**, Cristian. **Religião Popular e Modernização Capitalista**. Petrópolis: Vozes, 1996.
68. **SCHNITZLER**, Theodor. **Missa Mensagem de Vida**. Entenda a Missa para Participar Melhor. 3.ed. São Paulo: Paulinas, 1987.
69. **SILVEIRA**, Nise da. **O Mundo das Imagens**. São Paulo: Ática, 1992.
70. **SUESS**, Paulo. **Culturas e Evangelização**. São Paulo: Loyola, 1991.
71. \_\_\_\_ **Evangelizar**. A Partir dos Projetos Históricos dos Outros. São Paulo: Paulus, 1995.

72. **SUNG, Jung Mo. Desejo, Mercado e Religião.** 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
73. **SWIDLER, Leonardo. O Sentido da Vida.** No Limiar do Terceiro Milênio. São Paulo: Paulus, 1996.
74. **TAVARD, George H. A Igreja, Comunidade de Salvação.** Uma Eclesiologia Ecumênica. São Paulo: Paulus, 1998.
75. **TERRIN, Aldo Natale. Nova Era.** A Religiosidade do Pós-Moderno. São Paulo: Loyola, 1996.
76. **\_\_\_\_ O Sagrado da Religião off Limits.** A Experiência Religiosa e suas Expressões. São Paulo: Loyola, 1998.
77. **TOMPSON, John B. A Mídia e a Modernidade.** Uma Teoria Social da Mídia. Petrópolis: Vozes, 1998.
78. **TOURAINE, Alain. Crítica da Modernidade.** 5.ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
79. **VALLÉS, Carlos González. Querida Igreja.** São Paulo: Paulus, 1998.
80. **WACH, Joachim. Sociologia da Religião.** São Paulo: Paulinas, 1990.
81. **WEBER, Max. A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo.** São Paulo: Pioneira, 1977.